

# A CAPITAL

Ano II (2.ª Série)  
N.º 504 — 1969  
Sexta-feira  
18 de Julho  
Preço 1\$00

Director: NORBERTO LOPES

Director-Adjunto: MÁRIO NEVES

Editor: AMÉRICO COVÕES

PROPRIEDADE: S. G. C. — SOCIEDADE GRAFICA DA CAPITAL — S. A. R. L. • RUA DO SÉCULO, 34 — LISBOA-2 • TELEFONES: 30455/30456/30457/30631 • ENDEREÇO TELEGRÁFICO: ACAPITAL • TELEX: 1386

## «LUNA-15» HOJE NA LUA?

LONDRES, 18 — É provável que a sonda lunar não tripulada russa «Luna-15» faça hoje um desembarque espectacular na superfície lunar, segundo afirmou o proeminente técnico espacial britânico Sir Bernard Lovell.

Sir Bernard, director do gigantesco radiotelescópio de Jodrell Bank, que tem seguido tanto a rota da «Luna-15» como da «Apolo-11» americana, afirmou, a noite passada, julgar que seria feita tentativa para desembarcar toda ou parte da «Luna-15» e trazê-la, depois de regresso para Terra com amostras da superfície lunar.

A União Soviética anunciou ontem que a «Luna-15» se tornara «mais outro satélite artificial da Lua».

A comunicação era feita em termos semelhantes aos emitidos pela «T. A. S. S.» para o «Luna-14», que entrou em órbita lunar em Abril de 1968 e que efectuou várias centenas de circuitos, antes de se perder o contacto com ela.

A implicação de que nenhum desembarque estava planeado não foi encarada seriamente por fontes de Moscovo, que sublinharam que a «Luna-15» demorara 102 horas a chegar à Lua, em vez das habituais 80.

O facto de a «Luna-15» ter demorado mais 20 horas a chegar à Lua do que

a sua predecessora sugeria aos observadores de Moscovo que estava a ser utilizada uma rota diferente como parte de um novo esforço lunar soviético.

Esta manhã, Sir Bernard Lovell, afirmou que a «Luna-15» continua a descrever a mesma órbita de ontem

(Continua na pág. 9)

## ARMSTRONG E ALDRIN NO MÓDULO LUNAR

HOUSTON, 18 — A «Apolo-11» dirige-se hoje para a atracção da gravidade lunar e, possivelmente, para um desembarque na Lua mais cedo do que o previsto do astronauta Neil Armstrong.

Os astronautas Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins foram descansar a noite passada, devendo dormir durante 10 horas, após darem um espectáculo de Televisão a cores do espaço exterior. Transmitiram imagens da Terra e do interior da sua cabina, cheia de aparelhagem.

Enquanto dormiam, a 1.ª ve espacial continuava a se-

### POSSÍVEL ANTECIPAÇÃO DO DESEMBARQUE AMERICANO

guir uma rota em direcção de uma órbita lunar. Os directores do voo disseram que não seriam necessárias mais correcções para colocar a nave, no sábado, na sua primeira órbita em redor da Lua, a uma altitude planeada de 129,6 quilómetros.

O funcionário da dinâmica da missão, David Reed, declarou que a nave espacial

entraria em órbita lunar três minutos mais cedo do que originalmente fora planeado. Antes, o director da missão, Clifford Charlesworth afirmou que «não estava fora do domínio das possibilidades» que os primeiros passos do homem na Lua se pudessem registar, também, mais cedo do que estava previsto.

Armstrong deverá abando-

nar primeiro o módulo lunar, seguido cerca de meia hora depois por Aldrin.

As 10 e 32 de Lisboa a «Apolo-11» encontrava-se a 281 800 quilómetros da Terra. A sua velocidade, que continua a diminuir, é actualmente de 4104 quilómetros por hora.

### INSPECÇÃO DO MÓDULO

Amanhã, às 3 e 30 TMG, a nave passará o «ponto de gravifériso igual» — uma marca milário imaginário no vácuo negro do espaço onde a força da gravidade da Terra e da Lua são iguais.

Passado esse ponto, a cerca de 344 800 quilómetros da Terra e a 52 260 quilómetros da Lua, a velocidade da nave aumentará gradualmente quando se fizer sentir mais acentuadamente a atracção da gravidade lunar.

Hoje, os dois astronautas devem inspecionar os dois módulos e aprender a mover-se mais eficientemente na imponderabilidade do espaço, onde o movimento de um pulso pode fazer sair um homem do seu assento.

Aldrin e Armstrong falarão através de um túnel de 75 centímetros ligando o módulo de comando «Columbia»

(Continua na pág. 8)

## OS TRÊS MAGOS DA «OPERAÇÃO LUA» DIZEM DE SUA JUSTIÇA

John Dietrich está sentado a uma secretária e tem diante de si uma série de amostras de pedras e de rochas. É um dos dezoito geólogos que trabalham para a NASA. Melhor do que qualquer outro, pois tem à sua disposição as fotografias e as revelações directas dos astronautas, pode fazer um retrato geológico da Lua e dar uma resposta às muitas perguntas que se põem a esse respeito. Por exemplo: o que são as frac-

### OS ASTRONAUTAS SÓ ENCONTRARÃO SISMOS E VULCÕES

turas lunares, os sulcos tortuosos? E as crateras são de origem vulcânica ou de origem meteórica? E se são de

origem vulcânica, há ainda vulcões activos? Astrónomos de todo o mundo observam há anos os chamados acontecimentos transitórios lunares, ou seja, o aparecimento de manchas vermelhas que poderiam indicar coladas lávicas em movimento ou explosões vulcânicas. Uma cratera que súbitamente se torna menos luminosa e mais velada poderia por exemplo

indicar que das suas visceras se exala uma emanção de gás; se se torna mais brilhante pode indicar que o gás subiu o suficiente para ser iluminado pelo Sol. Fenómenos deste género são observados há séculos, mesmo a olho nu. Mas as hipóteses mais sugestivas dizem respeito aos sulcos tortuosos como leitos de rios; não serão mesmo leitos de rios que secaram?

Esta tese foi novamente posta com a descoberta dos «mascons», ou seja, as concentra-

(Continua na pág. 8)

A VOLTA  
À FRANÇA  
EM BICICLETA  
EM 2.ª EDIÇÃO  
PUBLICAREMOS  
OS RESULTADOS  
DA ETAPA DE HOJE

## NOTA DO DIA

A HORA DOS MAGOS

ESTE novo taumaturgo, que fez uma aparição sensacional no estádio de Lourenço Marques, além dos milagres que lhe são atribuídos, em concorrência com outras fontes de prodígios de fama universal, possui a virtude que até há pouco tempo era privilégio exclusivo — e nem sempre com resultados positivos — do reclamado soro da verdade. Sob a acção miraculosa da sua voz, a dar crédito às informações divulgadas, os surdos passam a ouvir, os paralíticos começam a andar, os cegos adquirem vista e outros doentes sentem-se como por encanto aliviados dos seus males. Mas o mais extraordinário, se ainda há lugar para que a nossa estupefacção aumente, é o poder irresistível que este mago exerce sobre as consciências, obrigando-as a revelar aquilo que guardavam avaramente no seu íntimo, tal qual como o soro da verdade consegue arrancar dos criminosos a confissão das suas malfetoi-

rias. A um simples convite seu para que todos os ladrões presentes no estádio moçambicano levantassem a mão, centenas de braços ergueram-se automaticamente, impelidos pela força oculta que emanava da voz imperiosa do evangelista brasileiro. É claro que em vez de um bemérito, como era lícito supor, este inquietante sujeito representa um grave perigo para a Humanidade. As curas milagrosas que faz não compensam, de nenhum modo, as complicações que podem resultar dos seus dons surpreendentes de persuasão ao despertar nas consciências intranquilas aquela ponta de remorso que as leva a confessar, espontaneamente, as suas culpas. A vida tornar-se-á impossível neste País, se o mago de Lourenço Marques continuar a exercer a sua actividade milagreira em estádios de maior lotação — e não apenas nas províncias ultramarinas, mas sobretudo no território metropolitano.



HOJE: 36 PAGINAS  
INCLUINDO OS SUPLEMENTOS «A SEMANA» E «EXTRA»

## FOCADOS NO PORTO OS PROBLEMAS DA INDÚSTRIA ELECTROMECHANICA

PORTO, 18 — O secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, visitou, no Norte do País, na Quinta do Ribeiro (Leça do Baillo), uma das mais importantes unidades industriais portuguesas. Profundamente empenhado no desenvolvimento industrial, e m

cujo processo avista múltiplas virtualidades criadoras, aquele membro do Governo não hesita em apoiar e aplaudir todas

(Continua na pág. 14)

VISADO PELA CENSURA

# Pontos de vista

Ambiciosos desígnios

O III Plano de Fomento foi muito ambicioso desde o seu ponto de partida. Não faltou, desde os primeiros passos públicos da sua divulgação, quem o advertisse. Mas também é certo que as altas aspirações não ficam mal a ninguém, antes pelo contrário — residindo afinal todo o problema cívico na medida em que corajosamente se lutar por essas aspirações. E aqui está um caso bem concreto: o da revisão energética das estruturas e funcionamento do mercado interno do dinheiro em correlação com as prementes necessidades da economia, ou seja, do desenvolvimento do País e da melhoria de vida de todos os que nele vivem e labutam.

O Programa de Execução do III Plano de Fomento para 1969 (tardiamente, mas enfim, publicado pelo Secretariado Técnico) anuncia, naquele capítulo, a promulgação dos diplomas legais necessários à promoção e apoio de iniciativas e esforços tendentes à reorganização da oferta de crédito, a fim de facilitar a mobilização dos recursos financeiros e a sua adequação às exigências do desenvolvimento económico, nomeadamente os que se referem à regulamentação de crédito a médio prazo e à criação de condições que proporcionem a indústria o acesso ao crédito a longo prazo, para o financiamento de investimentos e da produção. Anuncia, também, a revisão das disposições legais que regulamentam a constituição e funcionamento das sociedades de seguros, a regulamentação do crédito à exportação, com o adequado apoio do Banco de Portugal e a criação do Instituto de Seguro de Crédito à Exportação.

O que se caminha até agora, em realização positiva, em acção prática, em efectiva abertura, nesse domínio de imperiosos e urgentes interesses nacionais? Que respondam os que têm unanimemente manifestado e reafirmado tais aspirações, na própria alçada das mais altas funções públicas.

## O ministro da Marinha entregou a Maurício de Oliveira a Medalha de Vasco da Gama

Durante uma cerimónia que decorreu na presença de todo o pessoal do seu gabinete, o ministro da Marinha entregou hoje ao nosso camarada Maurício de Oliveira, chefe da Redacção de A

Capital, a Medalha Naval de Vasco da Gama, recentemente instituída para galardão serviços prestados à Marinha.

A cerimónia estava marcada para o «Dia da Marinha», em 8 do corrente, mas teve de ser adiada em virtude de, nessa data, aquele nosso camarada se encontrar no Brasil a acompanhar a viagem do Presidente Marcello Caetano, como enviado especial do nosso jornal.

Ao fazer entrega das insígnias, o almirante Manuel Pereira Crespo pôs em relevo os serviços prestados à Armada por Maurício de Oliveira, em quarenta anos de actividade literária e jornalística, dizendo que, por isso mesmo, o incluía no primeiro grupo de personalidades escolhidas para receber a nova medalha no «Dia da Marinha».

Aquele nosso camarada, ao agradecer a distinção, disse que não eram próprias as condecorações que o sensibilizavam, mas muito especialmente a circunstância de não se esquecerem do seu nome e de uma acção que sempre desenvolveu sem ter em mira benesses que nunca usufruiu. No final foi abraçado pelo ministro e cumprimentado por todos os oficiais presentes à breve cerimónia.

# O PREÇO DO ÓLEO DE AMENDOIM E A INDÚSTRIA DE CONSERVAS DE PEIXE

A crise da indústria de conservas de peixe tem vindo a converter-se num caso de inquietação e de ansiedade da consciência económico-social do País. Ao longo do litoral português, voltada ao mar que parece oferecer-lhe pródigos recursos, uma actividade económica que germinou há mais de um século, que conta cerca de duzentas fábricas e ocupa vinte mil trabalhadores e que tem contribuído para a balança comercial da área do escudo com mais de um milhão de contos anuais de divisas, obtidas da exportação nos últimos anos, está ameaçada de um colapso a curto prazo por inviabilidade das suas condições básicas de exploração. Um sistema anacrónico de aquisição da matéria-prima fundamental, regido pela oferta em leilão nas «lotas» do peixe que a indústria e o consumo corrente em fresco disputam ao sabor das mais contraditórias flutuações, foi agravado nos últimos tempos pela escassez das capturas do pescado e pela irregularidade da dimensão do peixe de que as fábricas carecem para uma produção estandardizada. A escassez dos fornecimentos, as incertezas que comprometem a laboração regular e, sobretudo, os preços que o peixe tem alcançado (designadamente a sardinha) impossibilitam a indústria conserveira de fabricar em condições de preço de custo que lhe permitam a competição em mercados estrangeiros cada vez mais afectados por pressões concorrenciais.

E esta a situação fundamental, como a apresentam os organismos e individualidades representativas da indústria e os comentários de Imprensa que reflectem as suas justificadas preocupações. Sem a solução do problema da pesca e do fornecimento de peixe à laboração conserveira, não haverá caminho viável para esta indústria de tão importante projecção na economia nacional. Sobre esse ponto ninguém, seriamente, pode alimentar ilusões ou desvios de interpretação. No entanto, o clima mais ou menos emocional de perturbação e de receio de maiores males que se gerou no ambiente da indústria de conservas de peixe e nos sectores com ela relacionados tem suscitado singulares reacções, desvios de problemas reais, especulações mais ou menos involuntárias de opinião e de interpretação, que mais confundem a perspectiva de facto da situação da indústria. O problema básico da pesca é, notoriamente, de difícil, laboriosa e dispendiosa solução. Em seu suceda-

neo, faz-se avultar perante a opinião menos informada outros problemas meramente marginais, na base de conceitos ou de factos muito controvertíveis, que não constituem efectivamente aspectos de influente significação no problema global da economia conserveira. E esse o caso do preço do óleo de amendoim, sobre o qual têm vindo a público, ultimamente, alusões destituídas de realidade e de razão.

### • Mercado não-monopolista

Na sua expressão mais generalizada, o argumento que tem sido posto a correr é o de que o óleo de amendoim utilizado pela indústria de conservas de peixe é pago no mercado interno pelo duplo da sua cotação normal internacional e que a situação monopolista criada em benefício dos fabricantes nacionais desse óleo impede a indústria de procurar os respectivos fornecimentos em melhores condições de preço. Confundem-se nesta alegação factos muito diversos que só a situação difícil da indústria conserveira leva a apresentar sob os versáteis ou infundados prismas de interpretações especiosas. E são essas que é necessário e oportuno esclarecer.

Até há uns oito anos a importação de óleo de amendoim era plenamente livre. Não parece que, sob esse regime, os industriais de conservas tenham mostrado interesse em usar da prerrogativa, limitando-se as aquisições de óleo no mercado internacional a partidas insignificantes e acidentais. A partir de certa altura, a Junta Nacional do Azeite passou a negar, de facto, licenças de importação de óleo de amendoim, pela razão elementar (de interesse para a nossa balança de comércio) de que a produção nacional desse óleo, obtido de sementes importadas, cobria perfeitamente as necessidades do consumo em condições razoáveis para os utilizadores. A Junta Nacional do Azeite passou a cobrar uma taxa sobre o óleo vendido pelos fabricantes nacionais. E, durante anos, como se sabe, nem os industriais de conservas de peixe nem outros sectores do consumo interno do produto se manifestaram contra o regime instituído.

Não se constituiu, entretanto, qualquer estrutura monopolista para o fornecimento de óleo de amendoim. Uma organização dos industriais de refinação de óleos, pelo facto de congregar o máximo potencial de fabrico, tem mantido a maior parte do abastecimento interno do produto: num total do consumo interno de 58 mil toneladas (número arredondado) em 1968, coube a essa organização distribuidora a parcela de 49 mil toneladas do fornecimento global. Mas de Moçambique, por outra via, tem vindo para o consumo metropolitano abastecimentos de certo vulto, certificando que não existe qualquer situação de monopólio constrangedor.

### • Cada lata de conserva tem cerca de 42 centavos de óleo

A posição da indústria de conservas de peixe no mercado interno de óleo de amendoim é relativamente muito modesta, não condi-

cionando sensivelmente a economia do sector. Das 58 mil toneladas que constituíram o consumo de óleo em 1968, a indústria conserveira apenas absorveu cerca de 2 mil toneladas. A organização distribuidora da indústria nacional de óleos alimentares forneceu, nesta minúscula parcela, cerca de 1600 toneladas, preenchendo a importação de Moçambique a fracção restante. Deve notar-se que a indústria oleícola moçambicana trabalha também com sementes importadas de países da África Negra, tal como a indústria da Metrópole. Não há outras vias, actualmente, para se obter a matéria-prima e o mercado português não pode prescindir do fornecimento do produto refinado, como é óbvio. A literatura que se tentou fazer em torno deste facto não tem qualquer relação com as realidades e os interesses nacionais.

Mas, por outro lado, o que importa considerar é que o peso do custo do óleo de amendoim no fabrico de conservas de peixe apresenta proporções tão insignificantes que a sua utilização como argumento subsidiário na justificação da crise que a indústria conserveira atravessa se afigura mera fantasia. O óleo utilizado na manipulação de 100 latas de conservas do formato mais corrente é da ordem aproximada de três litros, que são fornecidos pela indústria refinadora ao preço de Esc. 42\$17 (para os referidos três litros). Nesse custo estão já incluídas, por quilo, uma taxa de 31 centavos, aproximadamente cobrada pela Junta Nacional do Azeite, uma outra de \$03 para o Grémio dos Armazenistas e Exportadores de Azeite e a de mais 20 centavos pelo transporte até à porta da fábrica conserveira. Nestas condições, o custo do óleo por lata de conserva é de cerca de 42 centavos — o que representa insignificante parcela no custo global. Não é por esse encargo, evidentemente, que a produção de conservas de peixe está em crise, nem seria pela redução reivindicada que a crise se resolvesse sob qualquer forma sensível.

### • A cotação real do óleo de amendoim no mercado internacional

Resta o ponto fundamental da alegada diferença entre o custo do óleo fornecido à indústria de conservas pela produção nacional e o que se verifica nas cotações internacionais. Essa diferença é enorme, segundo portavozes dos fabricantes de conservas. O caso merece análise atenta e objectiva, para que se desfçam ilusões artificialmente alimentadas. O custo do óleo de amendoim fornecido no mercado interno português é de Esc. 15\$05 por quilo ou Esc. 13\$70 por litro (correspondendo um litro de óleo refinado a 910 gramas). Depois de adicionadas as taxas da Junta Nacional do Azeite e do custo do transporte até ao consumidor, o custo efectivo por quilo é de Esc. 15\$45.

Quais são, de facto, as cotações internacionais do produto? A cotação recentemente fornecida pela agência «Reuter» para o óleo cru (ou seja, não refinado) foi de 326 dólares, a granel C. I. F. no porto de Rotterdam, o que equivale a Esc. 9\$37 por quilo. Por sua vez a conhecida publicação da

especialidade «Public Ledger» assinalava em 4 de Julho a cotação equivalente a Esc. 11\$20 para o óleo refinado, mas disponível em Londres e não nos portos de destino ou mesmo à porta do consumidor industrial. Também a revista espanhola «Oleo» registava pela mesma altura a cotação de 35 pesetas por quilo, correspondendo a Esc. 14\$00, mas entregue à porta da refinaria em Barcelona. A mais elementar ponderação destas cifras demonstra com evidência inaccessível a quaisquer deformações: a) que não há a mínima realidade na afirmação por vezes repetida de que a indústria portuguesa de óleo de amendoim refinado vende o produto pelo dobro (!) da cotação internacional; b) que é absolutamente indemonstrável que os industriais conserveiros espanhóis adquiram o óleo refinado na base de Esc. 9\$00/9\$50, como absurdamente se declarou em informação que se disse ter sido colhida «em contacto com elementos responsáveis da indústria conserveira» — o que corresponderia a uma diferença de 62 por cento relativamente ao preço praticado em Portugal; c) que são inteiramente gratuitas, em face das cifras acima citadas das autênticas cotações internacionais do óleo de amendoim, só se justificam por ignorância ou por intuitos especulativos reprováveis, as alegações sobre a aludida diferença de preços no mercado internacional e em Espanha.

Se subsiste uma pequena diferença de preço, como é realmente de admitir, entre o óleo fornecido no mercado interno e as cotações praticadas em outros países, dois aspectos cumpre considerar ainda — e finalmente — nessa circunstância económica, que em muitas outras se repete no nosso País, incluindo a das próprias conservas de peixe nacionais, que são mais caras do que algumas das suas concorrentes estrangeiras. Por um lado, terá de atender-se a que a indústria portuguesa de óleos refinados trabalha para um mercado restrito, com incidência mais sensível dos encargos gerais na unidade de produção — além das taxas e em encargos de vario género a que estão sujeitas entre nos, como é bem sabido, as actividades produtoras. Por outro lado, será de perguntar-se por motivo dessa insignificante diferença de preço teriam os industriais de conservas de peixe alguma vantagem em fazer a importação

(Continua na pág. 6)

## ESTUDANTES ESTRANGEIROS PASSEARAM NO TEJO

A convite da A. G. P. L., um grupo de cerca de 150 alunos de várias nacionalidades europeias e americanas do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, efectuou um passeio no Tejo, acompanhado pelos srs. prof. dr. Fina Martins e dr. Pais da Silva.

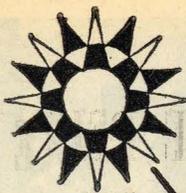
Durante o passeio, a bordo do «Lisbonense», estiveram presentes, por parte da Administração-Geral do Porto de Lisboa, o administrador-delegado, dr. Henrique Daries Louro, administradores, dr. Manuel Gonçalves e comandante Vieira Coelho, além de outros funcionários superiores.

## SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

A partir do dia 18, às 24 horas, os assinantes de Lisboa com acesso ao serviço interurbano automático obtêm directamente os números dos telefones das redes de Cabrela, Canha, Lavre e Vendas Novas, marcando para o efeito o indicativo 01.

## SECRETARIADO TÉCNICO DA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

O «Diário do Governo» publicou um decreto-lei que permite a criação de comissões de planeamento e de grupos de trabalho, que funcionarão, como órgãos de estudo e consulta, junto do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho. O mesmo diploma extingue os grupos de trabalho da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económica.



# de barlavento a sotavento

V. REAL  
de  
S.º ANTONIO



## NÃO PODEM ENTRAR NO PORTO DO GUADIANA NAVIOS DE CARGA E EM BREVE OS DE PÊSCA CONHECERÃO A MESMA SORTE

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, JULHO — É conhecida a tendência natural de alguns rios para, no decurso dos decénios, alterarem a forma do seu estuário. Do mesmo modo se conhecem os movimentos erosivos da costa, devido, quer à acção das marés, quer à acção dos ventos. São factores a que é alheia a vontade do homem, mas todos sabemos como este hoje dispõe de meios eficazes para corrigir certos caprichos da Natureza.

Este tema é mais do que nunca aliciante em relação ao estuário e barra do Guadiana.

Quanto ao rio e seu estuário natural, parece não existirem grandes dúvidas de que possui, no confronto com outros do Algarve, condições que indicariam o seu aproveitamento racional.

Este aproveitamento ou o desprezo das possibilidades naturais poderão, bem entendido, ser o resultado de uma acção política, que defina o seu interesse económico, no quadro do País e, mais restritamente, no quadro da província.

Parece existir no Algarve, e não sabemos se em Lisboa, a opinião de que o porto do Guadiana não daria o rendimento necessário para manter a sua laboração. Por isso se teria optado por outros, como o de Faro, onde se desejaria concentrar a maior parte da actividade portuária algarvia.

Se as realidades confirmam essa opinião, será, contudo, desejável que se defina uma política de opção para as localidades de Sotavento, na medida em que a vida dessas colectividades estava organizada ao redor de determinadas actividades agora extintas ou em vias de o serem.

### • Fechar ou aproveitar

Queremos dizer com isto que o Governo, ao dispor de órgãos de coordenação e planeamento económico, deve estar na posse de dados concretos quanto às realidades físicas de cada província e definir para elas, no conjunto nacional, um papel que enquadre no esquema geral de um planeamento que se deseje nacional, em ordem a servir, não só o interesse do todo como o da parte.

Vista a questão deste modo, esta surge como uma

particulares, movidos no quadro da província e desenhados das realidades e interesses económicos, considerados a nível nacional.

Há cerca de dois séculos, o marquês de Pombal visionou para Vila Real de Santo António um destino brilhante, que especialmente lhe adviria do movimento do porto, funcionando, quer como entreposto de pesca,

quer como porto de mercadorias. Muitos anos passados, e já durante o Estado Novo, também o eng.º Duarte Pacheco, enquanto ministro das Obras Públicas, acreditou na viabilidade económica do porto do Guadiana.

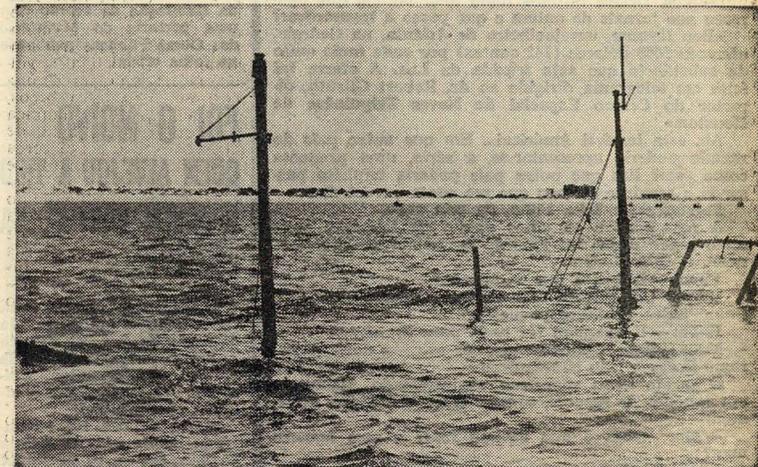
A atestar a validade destas premissas está o facto do porto ter funcionado, durante muito tempo, como

### Do nosso enviado especial LUÍS D'OLIVEIRA NUNES

entreposto mineiro, pelo qual se escoavam os produtos extraídos das minas de S. Domingos eram exploradas por ingleses, ao mesmo tempo que por ele se escoavam cortiças, conservas e madeiras, abrigando ainda uma numerosa frota de pesca.

Apesar da sua largura, no rio se têm sentido sempre problemas de assoreamento, que têm chegado a alterar as formas e limites das margens e a própria foz. Pode dizer-se, por isso, que, graças a estes movimentos de terras, a Espanha ganhou já alguns metros de terreno, em desfavor dos que se perderam do nosso lado. Depositados do lado espanhol, esses sedimentos consolidaram-se, constituindo hoje uma nova pequena faixa adjacente.

A par desta modificação das próprias margens, veri-



Este é um dos quatro barcos afundados no Guadiana. O pesqueiro espanhol, com cerca de trinta metros de comprimento, constitui um, embora não único, grave problema de navegação

fica-se que o Guadiana mostra tendência para alterar a sua barra, um pouco pela sua acção, um pouco pela acção de ventos e marés do Atlântico.

Enquanto se arrancaram das minas os produtos que depois eram carregados no

podem entrar tem sido cada vez menor e chegou-se já à situação de ser perigoso, mesmo para uma simples traineira, mover-se nas águas do Guadiana. Os naufrágios sucedem-se, ainda há poucos dias acrescentados com mais dois, num dos quais não morreram 24 homens por simples acaso. Naufrágios não, claro, de navios mercantes, que não podem entrar, mas de simples barcos de pesca. Quatro ou cinco unidades estão sepultadas no leito do rio, movendo-se com o andar das marés. Estas carcaças, mudando de sítio, constituem um perigo para a navegação, de si difícil devido ao assoreamento da barra.

Algumas vidas se têm perdido em resultado deste estado de coisas, quadro um pouco mais enegrecido pela circunstância de ter desaparecido desta vila uma classe, em tempos relativamente próspera, composta por muitas dezenas de homens. Trata-se dos estivadores, que agora são calceteiros, engraxadores, empregados de café, qualquer coisa, afinal, onde possam, de alguma maneira, ganhar o pão de cada dia. Não é difícil por isso, a qualquer um de nós, que se sente a uma simples mesa de café, ouvir os queixumes e desabafo desses homens. Nas mar

(Continua na pág. 13)

## O CRIME DE QUELUZ CONTINUA EM INVESTIGAÇÃO

Foi transferida para a enfermaria da Cadeia das Mónicas a suspeita de ter praticado o crime de envenenamento de um casal de Queluz, em casa do qual era servicial, e de que resultou a morte da sr.ª D. Alda Madeira e o internamento hospitalar de seu marido, sr. Alfredo Madeira.

Como noticiámos, a suspeita, Maria do Patrocínio, tentou suicidar-se, já depois da sua detenção e quando decorria a investigação a cargo da Polícia Judiciária. Por tal razão esteve, até há pouco, internada no Hospital de S. José. A investigação, que como é óbvio não está apenas depen-

dente das declarações que a suspeita possa vir a prestar, continua a decorrer, estando a ser ouvidos vários declarantes, desigualmente familiares das vítimas e da acusada, a qual ainda não confessou o crime. Todos os indícios, porém, levam a crer na sua culpabilidade.

## NOMEAÇÕES E TRANSFERÊNCIAS DE FUNCIONÁRIOS

Um decreto-lei da Presidência do Conselho, publicado no «Diário do Governo», determina que as nomeações, colocações e transferências de funcionários com a categoria de director-geral ou equivalente sejam feitas por portaria conjunta do Presidente do Conselho e do ministro da respectiva pasta.

## NOVO HOTEL EM LISBOA

Por despacho do secretário de Estado da Informação e Turismo, foi declarada de utilidade turística prévia o Hotel Roma, que está a ser construído em Lisboa, na Avenida de Roma, tornejando para a Avenida de D. Leonor.

Segundo condições impostas para a regalia oficial, a construção deverá concluir dentro de dois anos. A nova unidade hoteleira obriga-se à prática do regime de pensão completa.

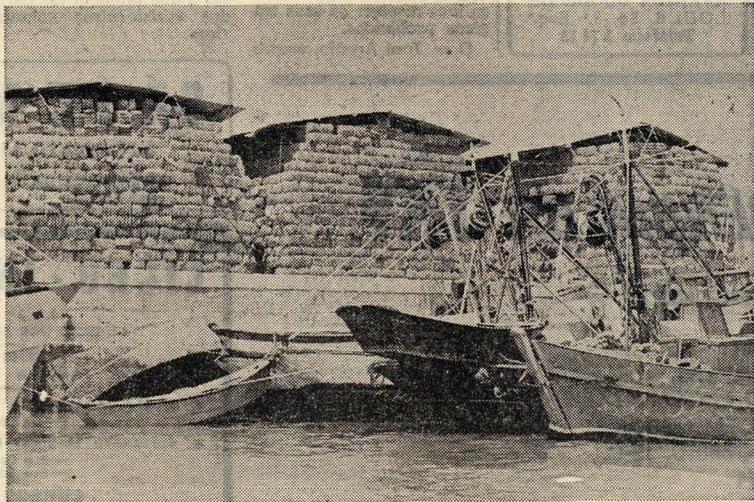
## SE NAMORA OU VAI CASAR

Compre as alianças de casamento e compromisso e os anéis de noivado na  
Ourivesaria  
BARATEIRO DE S. DOMINGOS  
Rua Barros Jueiros 50  
A QUE TEM MELHOR SORRILHO  
E QUE VENDE AOS MELHORES  
PREÇOS

## Fotos de CARLOS GIL

verdade de La Palisse, que nos pode até fazer sorrir.

Se não existir, contudo, um adequado planeamento económico, sectorial e de conjunto, podemos chegar a situações deveras embaraçosas, como é esta do porto de Vila Real de Santo António. Essas situações embaraçosas resultarão, não das próprias características dos elementos considerados, mas de interesses parciais ou



Estes jardos de palha aguardam, há quase três anos, o momento do embarque. Que não chegará, porque os navios não podem entrar no porto

# para ELA em especial

## UM NOME QUE VIRA DO ESPAÇO

Se reuníssemos todos os textos publicados nestes últimos dias acerca da viagem à Lua, teríamos uma nova pirâmide do Egipto feita de papel impresso. Há de tudo. Artigos científicos, técnicos, sentimentais — e pitorescos. Destes últimos tomo uma notícia que apareceu nos jornais de ontem e que passo a transcrever: «Ben Hyman, um joalheiro de Atlanta, na Geórgia, ofereceu 5000 dólares (142 contos) por cada meio quilo de substância que seja trazida da Lua. A oferta foi feita em telegrama dirigido ao dr. Robert Gilruth, director do Centro Espacial de Naves Tripuladas de Houston.»

Ah, esta terrível América!... Em que outro país do mundo poderia apresentar-se, a sério, uma proposta como esta? Em que outro país poderia também passar-se o seguinte diálogo que me contaram há dias:

Personagens: Mãe. Filho, de seis anos.  
A mãe enxuga os olhos diante da televisão onde estão sendo dadas imagens do assassinio de Bob Kennedy. O filho assiste.

Filho: — O que é que aconteceu?  
Mãe: — Um homem mau matou aquele homem, que tinha tantos filhinhos pequenos.

Filho: — E ninguém fez nada para lhe acudir?  
Mãe: — Seis médicos tentaram salvá-lo durante horas e horas, e não conseguiram.

O garoto ficou silencioso, ensimesmado, afastou-se um pouco e, de repente, com os olhos brilhantes, exclamou:

— Mãe, sabes o que deviam fazer a esse homem mau?

A mãe, ainda a fungar, perguntou, receosa das crueldades que um espírito infantil tem sempre disponíveis, aliás, até facilmente inspiradas em certa «literatura para crianças»:

— O quê, meu filho?  
— O que deviam fazer ao homem mau, era mandá-lo a conta dos seis médicos. — E a voz do garoto tremia de indignação.

Estas duas histórias, que aparentemente não têm parentesco entre si, mostram, afinal, aquilo que já se tornou um lugar-comum: o sentido prático do americano, que tudo afere em termos de cifrão.

Prefero esquecê-las por agora e entreter-me a procurar um nome que seja merecedor dessa terra da Lua, tão apetecida, tão desejada. Não podemos chamar terra aquilo que à Terra não pertence. Quando foi preciso designar o chão que pisamos, chamámo-nos-lhe terra — do nome do nosso mundo. Seremos capazes de chamar lua a essa névoa desconhecida, que aos nossos olhos é branca e luminosa? «Pó-de-lua», «pedra-de-lua», «poeira-de-lua...» Mas talvez que só os homens da Lua possam inventar-lhe o nome. Tal como os homens da Terra inventaram a terra.

ISABEL DA NOBREGA

## ECOS DA SOCIEDADE

### EMBAIXADOR DA FRANÇA

Terminado o prazo da sua missão em Portugal, vai abandonar o nosso País o conde François de Rose, embaixador da França. Para se despedirem das inúmeras amizades que fizeram entre nós, de ante a sua permanência, aquele diplomata e sua gentil esposa deram uma recepção, que constituiu um verdadeiro acontecimento na vida da capital.

O Palácio do marquês de Abrantes encheu-se de figuras representativas dos mais diversos sectores, em que o embaixador da França e a condessa de Rose souberam realmente granjear grandes simpatias. Membros do Governo, altos funcionários, oficiais das Forças Armadas, professores, banqueiros, advogados, médicos, engenheiros, escrito-

res, jornalistas e tantas outras profissões, encheram os salões encantadores do magnífico palácio e circularam pelos jardins em animada conversa.

No ambiente requintado da recepção, pairava, todavia, o sentimento triste provocado pela partida do casal que tão bem soube compreender a nossa terra e a nossa gente, vivendo, por vezes, com carinhoso interesse os problemas dos seus amigos portugueses nos mais diversos aspectos.

Ligados assim a Portugal, o conde François de Rose e sua esposa tiveram ocasião, neste encontro de despedida, de verificar, mais uma vez, como são estimados entre nós e como todos os que com eles contactaram lastimam a sua partida.

## FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

O eng.º Jorge Carvalho de Mesquita foi nomeado presidente do Fundo de Fomento da Habitação de acordo com uma portaria do Ministério das Obras Públicas publicada na folha oficial.

## FOI O NOIVO QUEM ALVEJOU A TIRO A JOVEM PORTUGUESA MARIA GOMES

MARSELHA, 18 — Está descoberto o mistério da agressão de que foi objecto a jovem portuguesa, Maria Gomes. Foi o noivo, Clemente Agostinho, que a alvejou com um tiro.

Maria Gomes foi encontrada inanimada, na última 2.ª-feira, em Carry Le Rautet (região de Marselha). Tinha uma bala na cabeça. Ontem à noite, foi encontrado, em La Garrigue, o cadáver de Clemente Agostinho, de 20 anos, não longe do local onde estava o corpo da rapariga. O rapaz suicidou-se com a mesma arma com que disparou contra Maria Gomes. Esta continua no hospital de Salvador, em Marselha, entre a morte e a vida. Ainda não recuperou o conhecimento. — (F. P.)

### APRENDA INGLÊS em INGLATERRA

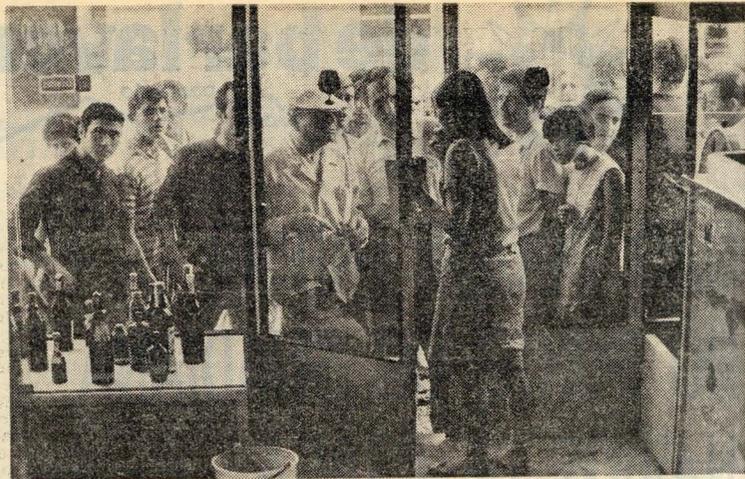
CURSOS DE FÉRIAS DE 2 A 8 SEMANAS  
A preços desde 3400\$00

PEÇA INFORMAÇÕES  
Tels. 539871-362501



### EXTERNATO VERBUM

ENSINO LICEAL LABORATÓRIOS  
2.º Ciclo p/ cadeiras Diurno e nocturno Pequenas turmas  
AVENIDA DUQUE DE LOULE, 86, 3.ª Esq.  
Telefone 574 13



A cadeia de solidariedade formou-se à porta da cervejaria, onde 14 empregados aguardam justiça

# A CERVEJARIA-PRISÃO RECEBE A VISITA DE PESSOAS QUE LEVAM ALIMENTOS PARA OS EMPREGADOS

Entraram hoje no sexto dia de reclusão voluntária os 14 empregados de uma cervejaria-restaurante de Lisboa, situada nos Anjos, na Rua Andrade, que ali se mantêm como protesto contra os patrões que lhes não pagaram salários em atraso.

Alguns empregados, que ainda acreditavam ingenuamente que os patrões fossem solver as suas dívidas, chegaram a pagar facturas de fornecedores da cervejaria e outros foram ao ponto de ir comprar queijo com o seu dinheiro para não deixar de atender as sobrementes pedidas pelos clientes.

Mas o insólito e a tragédia, começaram há cinco dias quando, por falta de pagamento da energia eléctrica, a empresa fornecedora lhes cortou a corrente. Então, a cervejaria teve de fechar as portas. E os 14 empregados viram-se abandonados pelos seus patrões. Agora, ninguém aparece para lhes resolver os seus trágicos problemas.

O sr. José Araújo, empre-

gado de balcão, que está na casa há 13 meses, disse-nos esta manhã:

— Peço ao seu jornal para alertar, mais uma vez, as autoridades, porque isto é crítico, não temos dinheiro, nem comida, nem ninguém que queira saber do nosso caso. Isto não pode ser! Parece que estamos numa prisão, ou num «campo de... concentração», mas não faz mal, os nossos direitos têm de ser atendidos.

Entretanto, enquanto conversámos com os restantes empregados, iam-se juntando populares à porta. Outros pediam licença para entrar. E então, a cadeia de humana solidariedade estabeleceu-se. Vimos um industrial que entregava ao sr. Santos (chefe-encarregado da cervejaria) 200\$00 «para que, ao menos hoje, possam almoçar e jantar». Depois, uma senhora que mora perto do Arco do Cego, veio trazer leite para o bebé de 6 meses, filho de uma das empregadas (Deonilde Rosa) e que também faz parte dos «prisioneiros voluntários».

— Ouvi dizer que estava um bebé metido nisto e fiquei nas últimas...

Depois, apareceram dois antigos empregados da casa, António Pereira de Matos, antigo cozinheiro, e António Martins Carrolas, despenheiro.

— Eu bem vos avisei, de que isto não era boa casa, eu bem vos avisei...

Os problemas humanos que toda esta incompreensível história levanta a cada um dos 14 empregados são dignos de maior reflexão por parte das autoridades competentes.

Alguns dos empregados são casados e tiravam do seu trabalho os seus únicos proventos. Como é possível chegar-se a uma situação destas?

— Como vamos pagar as rendas da casa? Como vamos alimentar a nós e as mulheres e os nossos filhos? E quem nos indemniza?

Estas e outras perguntas faziam-nos hoje os infelizes empregados da cervejaria-restaurante Tirene, da Rua Andrade, aos Anjos, em Lisboa, nas vésperas de o homem pisar o solo lunar...

## NOVA AGÊNCIA DA TAP

PROCURANDO DESCENTRALIZAR OS SEUS SERVIÇOS PARA MELHOR SERVIR TODOS OS SEUS CLIENTES, A TAP INAUGURA NO PRÓXIMO DIA 21 UMA NOVA AGÊNCIA EM LISBOA NA AV. GUERRA JUNQUEIRO, 15-C.  
TELEFONES : 71 60 73/4

## SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO

R. ALEXANDRE BRAGA, 17 — TEL.S. 45310 e 537532

## LICEU - INSTITUTOS

1.º, 2.º e 3.º CICLOS  
2.º CICLO POR SECÇÕES E DISCIPLINAS

CURSOS DE LINGUAS  
Francês \* Inglês \* Alemão

\* ESCOLA SÃO VICENTE  
— Rua do Paralzo, 28 — Telef. 86 59 04

\* EXTERNATO MARQUES DE POMBAL  
— Rua Carrilho Vieira, 10 — Telef. 83 46 58  
— Rua Edith Cavell, 8. 1.º — Telef. 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS  
Julho, Agosto e Setembro

# UM MOMENTO DECISIVO NO DESENVOLVIMENTO DAS PESCAS

O Grémio dos Armadores de Pesca de Arrasto comemorou, ontem, a passagem do 30.º aniversário da criação, em 17 de Julho de 1939 pelo então titular da pasta da Marinha, almirante Ortins de Betencourt, sendo desde essa data delegado do Governo o almirante Henrique Tenreiro, nessa altura ainda primeiro-tenente.

O Governo teve de recorrer a este organismo corporativo para, durante a Segunda Guerra Mundial, assegurar o abastecimento do País criando, um ano depois da fundação da Cooperativa dos Armadores de Pesca de Arrasto para assegurar o fornecimento, não só de combustíveis como ainda de apetrechos. Criou-se depois, a Mútua dos Armadores de Pesca de Arrasto para segurar os navios da frota então em organização.

O trabalho realizado conduziu à construção da Docapesca e à reorganização da S. A. P. P. que prepara o alargamento da sua actividade a Angola e Moçambique.

## A sessão solene

Para comemorar a efeméride decorreu nas instalações da Docapesca uma sessão solene a que presidiu o ministro da Marinha, ladeado pelos srs. almirantes Henrique Tenreiro e Jerónimo Jorge, respectivamente delegado do Governo e delegado do Governo adjunto, almirante Morgado Belo, director-geral dos Serviços de Fomento de Marinha, almirante Valeriano Gomes, intendente das Capitánias e dr. Tito Arantes, e comodoro Duarte Silva, respectivamente presidentes do conselho geral e da direcção do Grémio dos Armadores de Pesca de Arrasto.

Usou da palavra, em primeiro lugar, e em nome dos funcionários o dr. Carlos Mourisca que começou por agradecer a presença do ministro da Marinha referindo-se, depois, à actividade do Grémio «na vasta missão que lhe foi atribuída de orientar a exploração da pesca de arrasto» e promover diversas actividades consequentes e da maior importância para a economia do País.

Mais adiante, prestou homenagem ao almirante Henrique Tenreiro recordando, também, as figuras dos antigos presidentes do conselho geral do Grémio, almirante Ivens Ferraz e dr. Francisco Mourão.

Disse, por fim: — Um organismo como este constitui natural emanção da classe que o compõe e só pode realizar cabalmente a sua missão mediante a colaboração de todos os seus associados e dos quadros de serviço de que dispõe. Ao cabo de trinta anos, a colaboração dada por todo o armamento ao Grémio tem-se revelado como um dos factores mais influentes da sua actuação.

## O equipamento de comercialização do pescado

Falou, a seguir, o presidente da direcção do Grémio, comodoro Duarte Silva, que historicou a vida do organismo e afirmou:

— Trinta anos estão decorridos sobre a criação do

G. A. P. A. Trinta anos cujos resultados são bem significativos e falam por si, melhor do que quaisquer palavras. Modernas unidades, apetrechadas com quanto tem sido oferecido ao mundo pela técnica — como sondas ultra-sonoras, radiogoniómetros, aparelhagem radiotelefónica, radar, etc. — são bem o testemunho do nosso progresso neste sector.

Entretanto, há que referir a acção, ano para ano mais preponderante, da comercialização do pescado. Em 1966 dá-se um facto de grande relevância; a inauguração e início da actividade da Docapesca em Pedrouços. As suas magníficas instalações centralizam as descargas e venda do pescado de várias proveniências. São exemplares as condições de higiene e a mecanização das operações da manipulação do pescado. Uma eficiente rede de transportes permite a sua comercialização em bases eficientes, económicas e higiénicas.

As instalações frigoríficas de que é dotada a Docapesca em Pedrouços, já pela sua capacidade como pelo moderno equipamento, são consideradas das melhores do País, se não da Península.

Outros empreendimentos de vulto surgem como o plano, perfeitamente organizado no aspecto técnico e económico, da pesca de arrasto longínqua. Uma frota composta de cinco navios congeladores já em serviço e três acabados de transformar, com a futura base de Moçambique contribuirá para o abastecimento do País em todas as emergências. Ultimamente e para sanear dificuldades originadas ao armamento pela necessidade de garantir, a todo o custo, o abastecimento de peixe ao País, conseguiu o sr. almirante Henrique Tenreiro, através do Governo da Nação, um vultoso financiamento com destino às empresas carecidas desse auxílio.

## • A nossa pesca é suficiente para alimentar a população

O delegado do Governo, almirante Henrique Tenreiro, depois de saudar o ministro da Marinha afirmou: — Em 30 anos de inafatigável acção muitos foram os espinhos encontrados, mas nunca nos faltou ânimo e coragem para enfrentar os problemas surgidos. Embora muitos deles fossem provocados pela administração particular das empresas, problemas de que a nossa organização podia alhear-se por não lhe dizem respeito, jamais os dirigentes do Grémio do Arrasto, com o incondicional apoio do seu delegado do Governo, deixaram de recorrer aos armadores nas horas íngratas e difíceis da sua laboriosa actividade. Se ao Grémio compete uma acção permanente junto dos seus agremiados, estudando todos os problemas que afectam a indústria e procurando soluções para eles, também as administrações das empresas cabe o importante papel de se saberem orientar e governar com método e ponderação, para que não haja a mínima quebra no prestígio e na força da Organização Corporativa das Pescas.

## Acrescentou:

— Sem essa unidade e segurança, nunca as pescas nacionais se teriam guindado à notável posição que alcançaram sem receio de confronto com as nações mais avançadas e evoluídas na indústria. Todos os que nesta sala se encontram devem saber que as nossas frotas estão o mais modernizadas possíveis, muito para além do que seria lógico esperar, atendendo à dimensão do País. É evidente que Portugal não pode ter a velocidade de nos mostrar a sua frota de pesca com a mesma grandeza na expressão dos números dos países da dimensão da Rússia, do Japão e dos Estados Unidos da América. Contudo, o progresso tecnológico e a sólida organização do sector tem-nos permitido um extraordinário crescimento, podendo afirmar-se que os elevados contingentes da nossa produção piscatória são suficientes para garantir o abastecimento alimentar de toda a população do País.

## • O aumento da produtividade

O almirante Henrique Tenreiro aludiu depois ao apoio concedido pelos Ministérios da Marinha, Finanças e Economia e disse:

— Sabemos muitíssimo bem que o País continua atravessando um período muito difícil e de grandes sacrifícios na defesa do seu património de além-mar. E

## • O 30.º ANIVERSÁRIO DO GRÉMIO DOS ARMADORES DE PESCA DE ARRASTO • O MINISTRO DA MARINHA PRESIDIU À SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA

é, por isso, que se têm retardado algumas soluções de premente necessidade para o saneamento das dificuldades com que o armamento se debate. Mas estamos plenamente confiados de que essas soluções serão encontradas a seu tempo de modo a permitirem a continuidade de um labor sério e exaustivo e de muita preponderância na vida económica da Nação.

Nos últimos anos, além do aperfeiçoamento tecnológico para o aumento da produtividade, tem sido preocupação dominante dos dirigentes das pescas, bem apoiados pelo Ministério da Economia, a distribuição e comercialização do pescado de forma a que ele chegue a todos os recantos do País. E hoje podemos orgulhar-nos mais esse objectivo, graças ao notável incremento tomado com a criação e ampliação de duas importantes redes de frio; uma, com a construção de amplas câmaras frigoríficas junto aos portos principais e no interior do País; outra, com a constituição de uma poderosa frota rodoviária, com grandes camiões e várias viaturas frigoríficas, que permitem a distribuição do peixe, nas melhores condições de sanidade, até às povoações mais afastadas do litoral.

Para que isto fosse pos-



O ministro da Marinha preside à sessão, vindo-se à direita, no uso da palavra, o dr. Carlos Mourisca

sível muito contribuiu a já existente organização das pescas, unida na mais perfeita conjugação de esforços do armamento e das classes trabalhadoras da gente do mar, a que se juntou, depois, a acção honesta dos comerciantes do peixe, indispensáveis colaboradores na expansão do pescado nos nossos territórios.

Muito há ainda para fazer, mas estamos certos que todos, em bloco e com o melhor entendimento, organização e comerciantes de peixe, mais além poderão ir no abastecimento público.

Sempre empenhados na modernização das nossas frotas, fruto da mão-de-obra nacional, pois todos os barcos têm sido construídos

anos servia o Grémio, dando-lhe vida e realizando uma obra que não pode ser ultrapassada, sendo difícil a sua substituição.

A terminar formulou os votos de que daqui a 20 anos se possa celebrar o 50.º aniversário, com a mesma fé e esperança com que se estava a celebrar o 30.º

## • Discurso do ministro da Marinha

A encerrar a sessão usou da palavra o almirante Pereira Crespo, ministro da Marinha, que disse:

Aproveito este meu primeiro encontro com os armadores da Marinha de Pesca, depois da publicação da nova legislação sobre as pescas, para dizer umas breves palavras muito despretensiosas sobre esta legislação. Como V. V. Ex.ª sabem, dentro da organica do Ministério da Indústria estava a Marinha do Comércio e estava a Marinha de Pesca. Organica ja antiga, com mais de trinta anos. Tinha nesse Ministério uma Direcção-Geral de Marinha Concentrada nos aspectos tanto da Marinha do Comércio como da Marinha de Pesca: aspectos técnicos, aspecto de pessoal e aspectos economicos. Esse departamento do Ministério era um departamento militar, servido por oficiais que faziam as suas comissões aii como noutros departamentos.

A breve trecho se reconheceu, a meuq ue os aspectos economicos, seja a Marinha do Comercio seja da Marinha de Pesca, se tornaram mais complexos, que nao seria fácil a esse organismo continuar a orientar duas actividades tão importantes como os transportes marítimos e a pesca.

Surgiu a Junta Nacional da Marinha Mercante, que centraliza todos os aspectos economicos dos transportes marítimos, continuando a Direcção-Geral de Marinha apenas a preocupar-se com os aspectos técnicos e regulamentares. É evidente que o mesmo não aconteceu a pesca e não aconteceu pelos motivos que aqui foram expostos. A personalidade do sr. almirante Tenreiro foi suficiente para ter realizado a obra de pesca que realizou sem um organismo em que se apoiasse. Mas se essa acção foi a todos os títulos louvável e brilhante muito mais será facilitada com esse organismo.

E foi dentro deste critério que pensei na criação da Junta Nacional do Fomento das Pescas, um organismo paralelo ao da Junta Nacio-

nal da Marinha Mercante que vai absorver todos os aspectos economicos da pesca, deixando a Direcção-Geral do Fomento das Pescas, apenas os problemas técnicos, de inspecção, principalmente das capitánias dos portos. Teremos assim uma Junta Nacional, que poderia ser chamada de Marinha de Pesca exactamente como a outra é uma Junta Nacional de Marinha do Comércio, se as coisas se processassem nas mesmas condições.

Mas não processam. Sabem V. V. Ex.ª melhor do que eu que desde há muito se reconheceu que a Marinha de Pesca necessita de certos serviços, de certas actividades que lhe são complementares, instaladas em terra, como seja a da comercialização do peixe, como seja, sobretudo, as instalações frigoríficas e consequentemente, esta Junta, se por um lado tem uma acção decisiva, no que se refere à Marinha de Pesca, ou seja aos navios de pesca, tem de prolongar a sua acção em certas actividades que não se enquadravam no âmbito do Ministério da Marinha.

E aparece-nos, assim, a Junta Nacional do Fomento de Pescas, que dependerá do Ministério da Marinha apenas na par e que se refere à investigação científica e tecnológica e propriamente à Marinha de Pesca, e que funcionará como um organismo do Ministério da Economia em todos os outros aspectos em que não se justificaria a interferência do Ministério da Marinha; a comercialização, as instalações frigoríficas, por exemplo. O novo presidente da Junta de Fomento da Marinha de Pesca poderá, por exemplo, dirigir o seu organismo em ligação directa com o ministro da Marinha, na parte que lhe respeita; em ligação directa com o ministro da Economia na parte em que é necessário, quer dizer, do mar para a terra. Estou certo de que com esta estrutura a acção do sr. almirante Henrique Tenreiro será muito mais facilitada.

## • A transformação do pescado

— Quería agora, num pequeno paréntesis, dizer uma palavra sobre este diploma. Sabem V. V. Ex.ª que surgiram dúvidas sobre o significado que se poderia dar ao termo «de transformação do pescado». Essas dúvidas nasceram de um erro. Sou eu o

(Continua na pág. 6)

# AS NOVAS INSTALAÇÕES DA VICAR EM FONTE DA TALHA INAUGURAM-SE HOJE

Inaugura-se, ao fim da tarde de hoje em Fonte da Talha (Sacavém), a nova unidade industrial da Vicar — A Vidreira Central de Almirante Reis, Lda., com a presença do eng.º Ferreira do Amaral, director-geral dos Serviços Industriais, que representa o secretário de Estado da Indústria.

As instalações da Vicar, destinadas à transformação de chapa plana de vidro, ocupam uma área de 12 000 metros quadrados, sendo 3000 m2 de área coberta.

A produção da fábrica, que

atinge anualmente o valor de 28 a 32 mil contos, destina-se em grande parte à exportação, sendo principais clientes os Estados Unidos, Canadá, Líbano, Iraque e outros países da Europa e África.

O acto inaugural será assinalado com uma sessão solene durante a qual usarão da palavra, além de outras individualidades, o sr. Albertino de Carvalho, presidente do conselho de administração da Vicar, o sr. Albert Quarant, representante da indústria vidreira belga, e, por último, a encerrar a sessão, o eng.º Ferreira do Amaral.

## INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉCTRICA EM ESPORÃO

ESPORÃO, 18 — Com a presença do governador civil de Coimbra, sr. eng.º José Horácio de Moura, será amanhã inaugurada a iluminação eléctrica em Esporão, no concelho de Góis.

O facto deu motivo à elaboração de um programa festivo, de natureza popular, que se prolongará até domingo à noite.

É interessante salientar que as despesas efectuadas com o grande melhoramento agora festejado foram inteiramente cobertas com os fundos obtidos pela Comissão de Melhoramentos de Esporão.

# Desenvolvimento das pescas

(Continuação da pág. 5)

único culpado de que essas dúvidas tenham surgido, mas, de facto, nunca me passou pela ideia que se pudessem entender por «na transformação do pescado» uma indústria tão importante no nosso País como é a indústria de conservas de peixe. Estas dúvidas foram já esclarecidas, foi já promulgado um despacho interpretativo, meu e do sr. ministro da Economia, em que esclarece que a acção da Junta Nacional de Fomento de Pescas não incide directamente sobre a indústria da conserva de peixe. Vamos, portanto, continuar nesta luta pela pesca em que o sr. almirante Henrique Tenreiro es-

tá envolvido há tantos e tantos anos dispoño de um organismo com uma estrutura mais forte, com uma estrutura mais sólida e não tenho dúvidas de que iremos dar um passo em frente nas pescas.

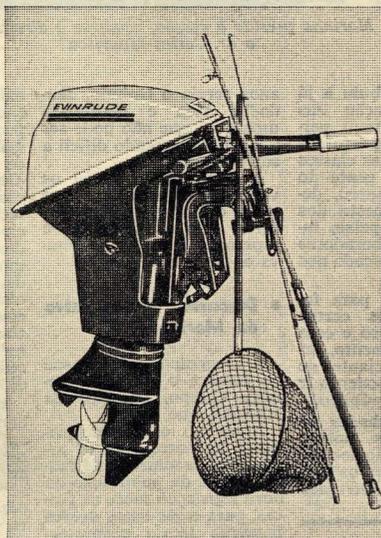
Não só disporemos desse organismo, mas também — e isto é um aspecto que para mim é da maior importância — nesta legislação atendeu-se especialmente à parte de investigação. Porque julgo que o desenvolvimento da pesca, para correspondermos ao sacrifício dos armadores e dos pescadores, que tantos sacrifícios têm feito, compete também ao Ministério da Marinha, no seu âmbito apoiá-lo o mais possível, no que res-

peita à investigação científica das pescas. Pois bem, nós dispomos hoje, no nosso Ministério, de três organismos que vão dedicar-se a essa investigação. Dispostos de um Instituto Hidrográfico, dispostos de um Instituto de Biologia Marítima, e vamos dispor de um gabinete de estudos da Junta Nacional de Fomento de Pesca. São três organismos que terão de trabalhar em conjunto, cuja esfera de acção ficou absolutamente delimitada. O Instituto Hidrográfico, com os seus poderosos meios de navios, terá de fazer oceanografia física necessária à investigação de pescas; o Instituto de Biologia Marítima deverá, com bases nessa investigação, fazer a investigação própria do peixe; e o Gabinete de Estudos deverá completá-la com investigação tecnológica. Estou absolutamente certo de que ao impulsionar a acção destes organismos poderemos dar um passo decisivo na evolução e desenvolvimento das nossas pescas.

A esse aspecto irei dedicar o melhor dos meus cuidados e a maior das minhas atenções, porque estou certo de que aí reside um factor importantíssimo no desenvolvimento da indústria das pescas. Aliás, como VV. Ex.ªs repararam, existe na Comissão Consultiva das Pescas uma secção designada por acção de investigação científica, na qual estarão representados o Instituto Hidrográfico e o Instituto de Biologia e o Gabinete de Estudos. E ser nessa secção que serão planeados todos os programas de investigação de maneira a podermos obter resultados dessa investigação.

No final da sessão, foram entregues lembranças a 23 funcionários do Grémio, entre os quais os drs. Silveira Pinto, Augusto Alforador e Carlos Mourisca.

Decorreu, depois, nas instalações dos Serviços Sociais, um convívio entre funcionários e dirigentes.



## EVINRUDE O poder da experiência

A linha esticou? Não há problema. Prevendo esses casos, o perfil do Evinrude de 9,5 CV foi rebaixado ao máximo a fim de facilitar a manobra.

Não há o perigo de os assustar. Este é o motor de popa ultra-silencioso que os peixes não receiam. Pode deslizar suavemente, sem ruídos, sobre as maiores profundidades: o motor fixa-se em 16 posições diferentes.

Que enorme peixe! Não importa. Mesmo com o barco completamente carregado, o Evinrude de 9,5 permite-lhe regressar a cerca de 20 milhas horárias. E depois, quando chega o momento de guardar na mala do automóvel, temos a certeza de que apreciará a leveza deste Evinrude e a boa colocação da sua pega de transporte, cómoda e perfeitamente equilibrada.

De todos os robustos motores de popa Evinrude — desde o pequeno 1,5 CV até ao Super potente 115 CV, que pulveriza todos os máximos — o 9,5 é o incontestado favorito dos pescadores. E este ano mais do que nunca com o seu painel de comandos tão engenhosamente concebido.

Totalmente tratado contra a corrosão, tal como todos os modelos Evinrude, o 9,5 CV beneficia da famosa Garantia EVINRUDE e Serviço de Assistência após venda. Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo: MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L. — Av. 24 de Julho, 52, A/G — Lisboa — Telef. 66 77 10.

### José Manuel, o pescador, com o seu Evinrude em acção - o único fora-de-borda de 9,5 CV que se fixa em 16 posições diferentes.



## O PREÇO DO ÓLEO DE AMENDOIM

(Continuação da pág. 2)

ção directa das pequenas quantidades de óleo de que carecem, com todas as dificuldades, trabalhos e encargos de tais operações no mercado internacional; e se não constitui antes um serviço que lhes é prestado o fornecimento assegurado pela indústria refinadora nacional, que coloque o produto à porta das fábricas conserveiras, garante a qualidade segura e estável, que nunca foi posta em causa, evita as flutuações de mercado e dispensa todo o custo administrativo da importação. Sendo cerca de 200 as fábricas de conservas de peixe em laboração, pode imaginar-se, numa média formal, o que significaria a importação de cerca de 10 toneladas anuais de óleo por cada unidade fabril, com os consequentes problemas e encargos de distribuição.

Não se faz argumentação económica com ficções. O preço «enorme» e «exorbitante» do óleo de amendoim fornecido no mercado interno português é uma dessas ficções — que não resiste, como se vê, a uma análise elementarmente objectiva.

## VISITA ÀS INSTALAÇÕES DA REFINARIA SACOR

PORTO, 18

O importante empreendimento fabril da Refinaria Sacor na Boa Nova, Leça da Palmeira foi visitado por um grupo de individualidades ligadas à finança e actividades comerciais e industriais. Estiveram presentes quase todos os administradores de Bancos do Porto representantes das companhias distribuidoras de combustíveis administradores das companhias afiliadas da Sacor, bem como algumas entidades oficiais entre as quais os directores-gerais do Trabalho Contribuições e Impostos e Serviços Hidráulicos que foram recebidos pelos membros do conselho de administração da Sacor, prof. João da Costa Leite (Lumbrales) eng.º Duarte do Amaral, drs. Rui Brás Mimoso Armando Stchini Vilela e Jorge Botelho Moniz; dr. Valadão Chagas secretário-geral e pelos directores da Refinaria eng.º Rudolf de Almeida e Adolfo Hascal. Depois de assistirem a uma projecção de diapositivos que demonstram os principais departamentos das instalações os visitantes percorreram os vários pontos do complexo industrial que ocupam uma área de 40 mil metros quadrados e cuja fase de construção se pode considerar em estado bastante adiantado. Seguiu-se um almoço no restaurante da Boa Nova, durante o qual o prof. João da Costa Leite (Lumbrales) usou da palavra

## ADIDO NAVAL NORTE-AMERICANO

Foi dada por finda a missão em Lisboa do capitão-de-fragata Redion Cantacuzene, em cargo de adido naval à Embaixada dos Estados Unidos da América do Norte. Considerando que a sua acção durante a sua permanência em Portugal, contribuiu para um maior estreitamento das relações entre as Marinhas portuguesa e americana, o Governo, pelo ministro da Marinha, decidiu condecorar aquele oficial com a medalha de mérito militar de 2.ª classe.

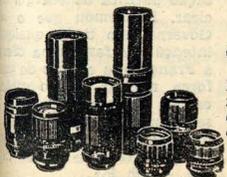
## GRÉMIO DA LAVOURA DE FERREIRA DO ALENTEJO

Com a presença do ministro das Corporações e do secretário de Estado da Agricultura inaugura-se amanhã, às 11 horas, o novo edifício do Grémio da Lavoura de Ferreira do Alentejo. Ao acto assistem também o governador civil do distrito e outras autoridades.

## SOLIGOR

OBJECTIVAS - SOLIGOR

Das melhores do MUNDO — reflexas de 35 m/m oferecem ao espectador a mais alta qualidade de óptica.



## DR. SILVA LOPES: novo administrador da Caixa Geral de Depósitos

Tomou hoje posse do cargo de administrador da Caixa Geral de Depósitos o sr. dr. José da Silva Lopes, economista de grande com-

petência que firmou o seu nome ao longo de uma vida devotada ao estudo dos problemas da economia externa, de que se tornou um dos nossos peritos mais autorizados, e do desenvolvimento das actividades produtivas, com as quais tomou largo contacto em meia dúzia de anos de prestímosa colaboração na Associação Industrial Portuguesa.

A cerimónia, que decorreu no gabinete do ministro das Finanças, presidiu o sr. dr. Dias Rosas, que estava ladeado pelos secretários de Estado do Tesouro e do Orçamento, e que, após a leitura do auto de posse pelo sr. dr. Aureliano Felismino, saudou o empossado com palavras de expressiva simpatia e admiração. Referiu a sua devoção pela causa pública, acentuando o inte-

resse que lhe têm merecido alguns aspectos mais importantes da nossa economia, nomeadamente no domínio industrial, e, fazendo o elogio da Caixa Geral de Depósitos e dos seus dirigentes, pôs em relevo a importância da missão agora confiada ao sr. dr. Silva Lopes no âmbito de uma instituição que goza do maior prestígio.

O empossado agradeceu as palavras do ministro, afirmando o seu propósito de corresponder à confiança que nele fora depositada.

Assistiram à cerimónia os restantes membros do conselho de administração da C. G. D., tendo à frente o sr. dr. Ulisses Cortês e alguns amigos do empossado, entre os quais os embaixadores Teixeira Guerra e Calvet de Magalhães.

## VISITA MINISTERIAL A AVEIRO

A convite do governador civil de Aveiro, o ministro da Justiça, prof. Almeida Costa, deslocou-se amanhã a Albergaria-a-Velha, Estarreja e Vila da Feira, em visita de trabalho, cujo objectivo é apreciar localmente as condições em que funcionam os serviços dependentes do seu Ministério.

## VENDA DE SUMOS EM LISBOA NA VIA PÚBLICA

A Câmara Municipal de Lisboa abriu concurso, em hasta pública, para a concessão de terrados na via pública, durante 90 dias, com início em 1 de Agosto do corrente e fim em 31 de Outubro, no Largo Martim Moniz e Praça Luís de Camões.

## ENTREGA DE CONDECORAÇÕES NA EMBAIXADA DE ESPANHA

Em comemoração do «Dia da Festa Nacional», o embaixador da Espanha, dr. Giménez-Arnau, entregou hoje, na Embaixada, condecorações às seguintes individualidades:

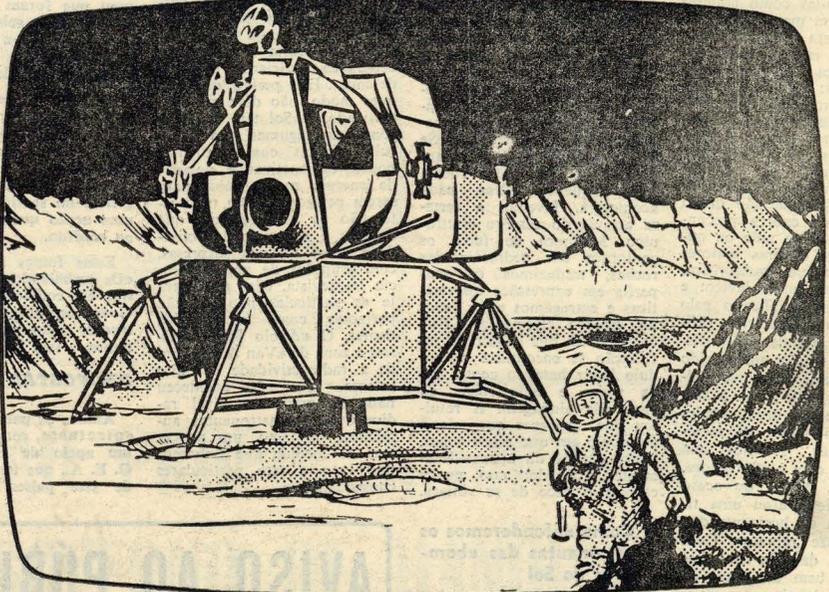
1.º-tenente António Cavaleiro Ferreira, Cruz do Mérito Naval; prof. Reynaldo dos Santos (representado por sua esposa), Cruz do Mérito Civil; eng.º Alvaro Ferreira Roquete, medalha de prata de Mérito de Turismo; D. Maria Arminda Lacerda de Cértima, laço do Mérito Civil; António de Cértima, comenda de Isabel, a Católica; dr. António Anjos Dinis, comenda de Isabel a Católica; dr. António Azevedo Meyrelles de Souto, dr. Eurico Pais, dr. Nuno Botelho Medeiros e arquitecto Miguel Geraldos Cardoso, todos com a comenda do Mérito Civil.

Os espanhóis condecorados foram os srs. Mário Fernandez y Fernandez, comenda do Mérito Civil; Camilo Sobral Blanco, cruz de cavaleiro de Isabel, a Católica; e José Maria Illa Ocaña, medalha de bronze do Mérito Turístico.

O dr. Giménez-Arnau pronunciou breves palavras di-

zendo que se estas condecorações foram concedidas por proposta do anterior embaixador, regozijava-se muito com o facto pois era agradável reconhecer os méritos que convergem nos amigos da Espanha, e afirmou que dedicará os seus esforços em favor da amizade entre os dois países.

# OBJECTIVO: LUA



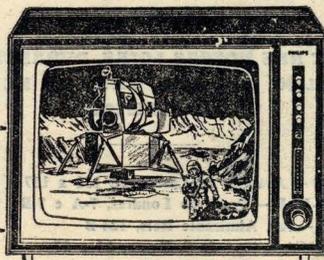
num  
tele-receptor

# PHILIPS

Dentro de dias, a Apollo-11 colocará o Homem na superfície da lua.

Você não pode perder a etapa culminante da fabulosa escalada do nosso satélite natural.

Assista à fantástica odisseia, através de um tele-receptor PHILIPS.



PHILIPS DÃ-LHE A IMAGEM E O SOM DA REALIDADE

acontecimentos mundiais os acontecime

# OS TRÊS MAGOS DA «OPERAÇÃO LUA»

(Continuação da pág. 1)

ções de massas que produzem anomalias gravitacionais no satélite terrestre. Os «massas» seriam apenas, segundo alguns estudiosos, sedimentos de material transportado pelos «rios» e depositado nos mares quando na Lua havia atmosfera e água.

Dietrich, por seu lado, é céptico, e dá-nos este retrato geológico do satélite: «Eu tenho muitas provas de que a Lua é esventrada pelos sísmos. Observei as fotografias do «Apolo 8». Pois bem, há uma onde se vêem duas fracturas paralelas que correm do bordo de uma cratera e outra e sabe-se que onde há fracturas deste género há sísmos. As crateras? Tenho em consideração que nós somos todos geólogos terrestres. Especializamo-nos em vulcanologia ou em crateras meteoríticas, e quando observamos as crateras lunares, vemos-las como crateras vulcânicas ou meteoríticas, segundo a nossa experiência terrestre. Por isso a comunidade geológica dividiu-se em dois campos: um que diz «vulcões», o outro que diz «meteoritos». Eu uso o meio termo. Primeiro, porque o considero mais justo. Segundo, porque devendo dar aos astronautas uma preparação geológica equilibrada, não quero meter-lhes na cabeça preconceitos a favor de uma ou outra tese. As crateras maiores são de origem meteorítica. Mas têm um fundo lávico: e isso pode ser explicado pelo facto de um meteorito suficientemente grande poder despertar um vulcão adormecido ou fazer surgir um novo. Vulcões activos? Eu tenho a certeza de que nas proximidades da superfície lunar há moléculas de gás. Tivemos uma prova disso com o «Surveyor». Uma noite, depois do ocaso lunar, ele fotografou uma tira luminosa no horizonte que durou quinze minutos. Qual era a causa daquela tira? Podia muito bem ser sinal de actividade vulcânica com emissão de gás, que num longo período de tempo pode mesmo ter criado uma subtil atmosfera. Não creio que os sulcos tortuosos sejam leitos de rios secos. Por duas razões: um curso de água que se move deve por força depositar no fundo material de erosão. Nenhum sulco lunar tem um depósito de material. Além disso um rio torna-se tortuoso porque tem montanhas para rodear, desniveis para superar. A Lua não tem superfícies tão acidentadas que justifiquem as tortuosidades dos sulcos que apresenta. Podiam ser mais facilmente produzidos por escorrimento de lava. Quanto às amostras lunares que os astronautas trouxeram para a Terra, elas podem resolver alguns problemas, mas levantarão outros. O meu receio é que imediatamente depois da sua chegada apareçam nos jornais estes títulos: «A Lua é composta assim e assim...». E o título será certamente falso. De facto há cinco séculos que nós recolhemos amostras de pedras e rochas terrestres e contudo ainda não podemos dizer qual seja a composição média da Terra. Calculem o que se po-

## • Na alunagem o «Lem» não poderá voltar-se

James Sasser dirige o estúdio selenográfico, ou seja, onde se executam os mapas lunares. A região que melhor conhece é aquela prevista para a alunagem. Estudou-a e transcreveu num mapa todas as particularidades. Descreve-a assim: «É uma zona

**EXCLUSIVO**  
**OGGI — A. E. I.**  
**«A CAPITAL»**

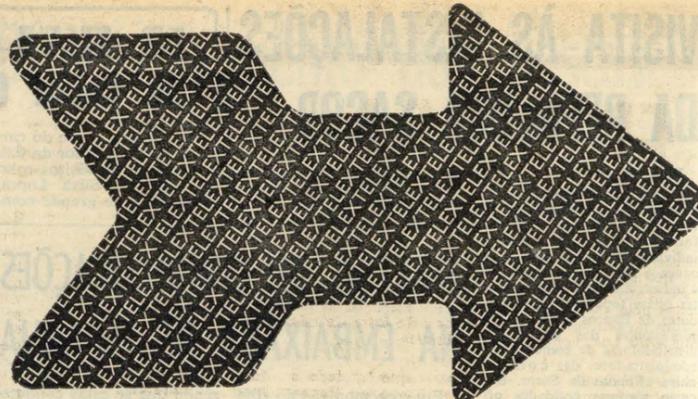
levemente ondulada, como um pedaço de praia limpa, mas cheia de pedras e pedregulhos, alguns com um metro de comprimento, rica em pontos de referência. As pedras e pedregulhos aparecem-nos, nas fotografias, como pontinhos brancos, em relevo, através de pequenas zonas de sombra. Se o «Lem» (módulo lunar), tocando a superfície, bater contra uma daquelas pedras, nada acontecerá. Tivemos a certeza através do cérebro electrónico. Medimos de facto os contornos das pedras e das rochas, traduzimos os seus perfis em expressões matemáticas e entregamos estes dados ao cérebro electrónico. Este calculou em que ângulo de inclinação se encontrará o módulo lunar batendo contra cada pedra e cada rocha da elipse de alunagem. E resultado que, qualquer que seja o obstáculo em que possa topar, ficará em pé ou apenas levemente inclinado; mas nunca correrá o risco de se voltar».

## • Como defenderemos os astronautas das «bombas» do Sol

O astrónomo Jerry Modisette tem o estúdio numa casa baixa, perto de um campo cheio de árvores. Próximo da casa, há um telescópio óptico e um radiotelescópio. O seu observatório é um anel na cadeia de sete observatórios, distribuídos em diferentes pontos da Terra, que tem o Sol sob «controlo» nas 24 horas do dia. Para os astronautas em missão o Sol pode tornar-se num colosso criador de problemas; dá-se nele, de facto, explosões idênticas a milhões ou biliões de bombas de hidrogénio, com erupção de partículas, algumas pesadas como os protões, que são «disparadas» no espaço em altíssima velocidade. Dirigem-se também para a Terra. Mas o nosso planeta tem um sistema de defesa para estes bombardeamentos: as partículas são, de facto, desviadas pelas linhas de força do seu campo magnético, e encerradas, por assim dizer, numa zona chamada de «Van Allen», ou nome do seu descobridor; ou são absorvidas pela atmosfera. Se a erupção é particularmente violenta, sentimos os seus efeitos nos telefones e no rádio, que começam a funcionar mal, nas máquinas telex, que traçam no papel estranhos hieroglíficos,

nas agulhas das bússolas, que dançam loucamente.

A Lua, pelo seu lado, não tem invólucro atmosférico que a proteja. As partículas caem com toda a força na sua superfície; se aqui se encontrassem os astronautas, estes poderiam ser atingidos mesmo através dos fatos espaciais, ou atingidas as frágeis paredes do módulo lunar. Isto com grave perigo, porque se trata de partículas radioactivas. Qual é a defesa contra esta ameaça? Modisette explica: «A actividade solar segue ciclos médios de 11 anos e as erupções são pré-avancadas pelo aparecimento das manchas. Nós, com o telescópio, vemos as manchas, fazemos uma análise quantitativa, do fluxo das partículas e se o considerarmos perigoso damos o alarme aos astronautas. São necessárias várias horas antes que as partículas cheguem à superfície lunar. Mas os astronautas em quatro horas podem descolar, e juntar-se novamente à cabine de comando que os espera em órbita e tem uma «courageira» suficiente para se defender. Este perigo, de qualquer modo, não deve ser dramatizado. O Sol tem erupções contínuas, algumas sem partículas, outras com partículas pouco radioactivas e dotadas de energia muito débil para serem perigosas. Com tudo isto não se pode excluir que durante o seu ciclo de actividade possa dar-nos surpresas, com erupções de uma violência imprevista. Mas geralmente as partículas não são tão perigosas como se julgava dantes. O «Apolo 8» atravessou a zona de «Van Allen», onde a radioactividade é muito intensa. Mas não aconteceu nada de grave: o nível radioactivo dos astronautas aumentou, de facto, um pouco, mas na medida que tínhamos previsto e sem particulares consequências».



# COMBATES SANGRENTOS entre S. Salvador e Honduras

SÃO SALVADOR, 18 — Foi anunciado, nesta cidade, que morreram, pelo menos, 2100 pessoas na renhida luta que se tem travado durante os últimos quatro dias, na guerra não declarada, entre São Salvador e as Honduras. O Q. G. do Exército de São Salvador comunicou, a noite passada, que se estavam a travar violentos e sangrentos combates, na altura em que as suas forças avançavam em três frentes, no território hondurenho.

O coronel Júlio Gonzalez, do Exército de São Salvador, afirmou que foram mortos, pelo menos, 1500 soldados hondurenhos durante a luta, enquanto as perdas de São Salvador atingiam cerca de 600 mortos.

Em Washington, fontes bem informadas disseram que a Organização dos Estados Americanos poderia ter de convocar uma sessão de emergência de ministros dos Negócios Estrangeiros, no sentido de apressar uma acção que pusesse termo ao conflito.

Essas fontes acrescentaram: «Os embaixadores têm de entrar em contacto com os seus Governos, para obterem instruções sobre decisões importantes, e isso leva tempo».

## PROPOSTAS DE PAZ

Ambos os países aprovaram, entretanto, condicionadamente, um apelo de cessar-fogo da O. E. A., que tem uma missão de sete países, na América

Central, a tentar conseguir o fim das hostilidades.

Segundo «círculos diplomáticos de Washington, a dificuldade principal era um programa para a retirada de forças de São Salvador de território hondurenho. As propostas básicas de paz da Missão da O. E. A. tem quatro pontos: 1 — Cessar-fogo imediato. 2 — Retirada de todas as forças para posições ocupadas antes do início das hostilidades. 3 — Garantias para a protecção dos nacionais e bens de cada país em território do outro. 4 — Aceitação de observadores militares e civis da O. E. A. para verificar o cumprimento do acordo de cessar-fogo.

Um informador governamental da Guatemala declarou que refugiados tanto da Honduras como de São Salvador tinham chegado ao seu país, e que se encontravam aos cuidados da Cruz Vermelha.

Notícias da cidade fronteira de Esquipulas diziam ontem que cerca de 2000 refugiados tinham lá chegado. Alguns sofriam de ferimentos provocados pela explosão de granadas e pelos ataques à metralhadora de aviões. A causa básica do conflito é a tensão provocada pela emigração de naturais de São Salvador, país com excesso de população, para as Honduras, menos povoadas. Contudo, o conflito atingiu no mês passado o auge com

acontecimentos mundiais os acontecime

# FEBRE DA «APOLO-11»

CENTRO DE NAVES ESPACIAIS TRIPULADAS, HOUSTON, TEXAS, 18 — As comunidades normalmente tranquilas em volta desta Meca de lançamentos lunares apanharam a febre da «Apolo-11».

Disléticos em motéis e armazéns ao longo das auto-estradas que conduzem a este centro exortam os transeuntes a «hastear a velha glória» (a bandeira americana) pela «Apolo-11», desejam aos astronautas da nave «Boa sorte e boa vontade» no seu voo ou fazem votos pelo êxito da missão de uma forma engraçada como «Alô Lua, ver-te-emos em breve».

Rádio e Televisão e arensa locais fazem constantemente referências à «Apolo-11» e a outros acontecimentos da era do espaço. Boletins noticiosos dos jornais e do Rádio são dominados pela missão de desembarque lunar.

Centros de turismo, incluindo a própria loja de lembranças dentro do complexo Agência Nacional do Espaço, estão a fazer um comércio tremendo, vendendo chapéus, óculos, chapéus de projecção de lançamentos lunares, feitos em plástico da «Apolo» e toda uma variedade de objectos para turistas de «souvenirs».

Para as crianças que vivem na cantina da N. A., aberta aos turistas, os brinquedos brilham abundantemente coloridos, a que foi dado o nome de «Skyrocket Pops». O número de turistas que visita o centro da N. A. S. A. em Houston duplicou recentemente, havendo entre 800 e mil visitantes nos dias da semana, comparado com uma média de 500 antes. Esperam-se cerca de 20 mil turistas no fim-de-semana de desembarque lunar, comparado com a média de 9 mil.

Contudo, funcionários afirmam que o aumento não é tão grande como se poderia aguardar, provavelmente porque muitas pessoas parecem pensar que o centro estaria demasiado ocupado com o desembarque lunar para acomodar visitantes. As visitas decorrem normalmente, embora o áudio e Televisão e a

# HOMENAGEM AMERICANA AOS PIONIROS DO ESPAÇO

(Continuação da pág. 1)

«Aguia», o módulo de desembarque lunar que se parece com um inseto de quatro patas.

Aldrin, um coronel da Força Aérea, que pilotará o «Aguia», será o primeiro, segundo cinco minutos depois, por Armstrong, o civil comandante da missão. Collins, outro coronel da Força Aérea, pilotando o módulo de comando, ficará no «Columbia» enquanto os companheiros passam a meia a verificar os sistemas de transporte que será a ligação com a vida, durante 35 horas, no domingo seguinte.

# NIXON PREPARA-SE PARA A SUA VIAGEM

WASHINGTON, 18 — O presidente Nixon seguiu a noite passada de helicóptero para o seu retiro, no alto das montanhas, perto de Maryland, a fim de fazer os últimos preparativos para a sua viagem ao redor do mundo, na próxima semana.

Nixon partirá de Washington na próxima terça-feira, na primeira fase da viagem que incluirá a sua presença no acto de recuperação dos astronautas da «Apolo-11», no Pacífico, e visitas às Filipinas, Indonésia, Tailândia, Paquistão, Romenia e Grã-Bretanha. — (R.)

# IADE — Instituto de Arte e Decoração

Filiado na INSEA — International Society for Education Through Art (Órgão consultivo da UNESCO)

# ESCOLA INTERNACIONAL DE DECORADORES

(Diploma de Decorador de Interiores reconhecido internacionalmente)

Dado o limite de alunos que poderão ser admitidos ao 1.º Ano, bem como o elevado número de candidatos já inscritos, será observada rigorosamente a prioridade de inscrição

# POSTO DE ESCUTA

## AS DOENÇAS CARDÍACAS E O AÇÚCAR

A ideia de que o açúcar em demasia é uma das causas principais das doenças cardíacas foi negada em absoluto num relatório publicado no «British Medical Journal».

Dois autorizados peritos britânicos fizeram experiências com base numa teoria apresentada há cinco anos, e que afirmava que as pessoas que comem muito açúcar se tornavam candidatos muito mais prováveis a um ataque cardíaco, devido ao endurecimento das artérias.

Entretanto a Câmara de Comércio de Houston reconheceu os benefícios para o comércio local causados pela invasão de jornalistas e está a fornecer gratuitamente café no Centro da Imprensa. — (R.)

## A POLÍCIA E AS DROGAS

A Polícia parisiense apreendeu quatro quilos de «marijuana» e prendeu quatro contrabandistas da droga. Estes, três jordanos e um indiano, pretendiam vendê-la no Bairro Latino, mas a Polícia interveio a tempo para evitar a venda em mandar os vendedores para a cadeia. Entretanto eram presos quatro toxómanos, e «beatniks» parisienses, que tomavam «maxiton» que arranjavam com receitas médicas falsificadas. Um deles, quando foi preso, estava em estado de coma. A rápida intervenção dos médicos conseguiu salvá-lo.

## A UNIVERSIDADE DA PAZ

A Universidade da Paz, fundada pelo falecido padre Dominique Pire, com o dinheiro do Prémio Nobel da Paz de 1958, efectua as suas sessões de Verão de 14 a 27 do mês corrente e de 31, também deste mês, a 13 de Agosto, em Tihange, na Bélgica. As sessões destinam-se a pessoas dos vinte aos quarenta anos, sem olhar a religião nem a convicções políticas, visando sobretudo o estudo dos problemas relacionados com a Paz no Mundo.

## SAIGÃO PROPÕE NEGOCIAÇÕES AO GOVERNO DE HANOÍ

guerra se gorou, mas continuará a bater-se para «obrigar o adversário a pôr termo à agressão, e à sabotagem, a fim de restaurar a paz, salvar vidas humanas, sem deixar que o Sul caia nas mãos dos comunistas. Esta a verdadeira significação da mensagem pronunciada pelo presidente da República, em 11 de Julho, passado», conclui a declaração. — (F. P.)

# INVASÃO DE LAGARTAS

TURIM, 18 — Soldados italianos, usando lanças-chamas, atacaram perto desta cidade um exército invasor de lagartas.

Os soldados queimaram quatro acres de terra perto de Condove, a 25 quilómetros a oeste de Turim, dizimando milhões de lagartas, que haviam já sido atacadas com bombardeamentos maciços com insecticidas.

As lagartas, avançando a uma média de 20 a 40 metros por dia, devoram todas as folhas, mesmo nas árvores mais altas, ao descerem das colinas à volta de Condove.

Alguns funcionários disseram que as tropas já tinham, porém, repellido a ameaça de invasão. Os peritos julgam que a praga é devida ao emprego excessivo de insecticidas pelos agricultores da área. O equilíbrio da natureza foi perturbado, matando-se os parasitas que vivem nas lagartas, e determinando, assim, que o seu número se mantenha a uma média normal. — (R.)

# AVISO AO PÚBLICO



Comunicamos a todos os nossos clientes e ao público em geral que as nossas lojas e as das nossas associadas abaixo indicadas, a exemplo do que praticaram o ano passado, ENCERRAM AS SEGUNDAS-FEIRAS DE MANHÃ, até 30 de Setembro, para maior descanso do nosso pessoal durante o Verão.

Continuamos assim a seguir a tradição dos grandes centros turísticos do Mundo, ABRINDO AOS SABADOS DURANTE TODO O DIA, para maior facilidade e comodidade da clientela.

**VISITE NAS NOSSAS LOJAS, DURANTE O MÊS DE JULHO, A NOSSA GRANDE FEIRA DE FRIGORÍFICOS**

- DARDO — Avenida da Liberdade, 131 a 137
- ULTRA-LAR — Praça de Londres, 7-A e 7-B
- FAROL — Av. Almirante Reis, 124-B
- DINÂMICA — Rua de S. Bento, 53 a 57
- DISCOTECA POPULAR — Rua 1.ª de Maio, 146-A (a Santo Amaro)
- CASA MAX — Rua D. Estefânia, 193

# O PERIGO (NA EUROPA) DE UMA FORÇA NUCLEAR DE DISSUAÇÃO

LONDRES, 18 — A criação de uma força de dissuasão nuclear europeia traria o perigo de permitir à Alemanha Federal meter «um dedo na questão nuclear», e seria contrária ao Tratado de Não-Proliferação das Armas Atómicas, de que a Grã-Bretanha é signatária — declarou Harold Wilson na Câmara dos Comuns. Tal eventualidade — acrescentou — só seria possível se a Europa constituísse um único país, com um único Governo, e um único ministro da Defesa.

No que respeita a uma colaboração nuclear franco-britânica, o primeiro-ministro declarou que pensava que poderia haver grande desenvolvimento no domínio da utilização pacífica da energia nuclear. Reafirmou que o seu Governo não tinha qualquer intenção de fazer uma oferta à França pela criação de uma força nuclear franco-britânica. No entanto — disse — o seu Governo estava pronto a discutir com o Governo francês problemas de defesa mútua. — (F. P.)

# SAIGÃO PROPÕE NEGOCIAÇÕES AO GOVERNO DE HANOÍ

SAIGÃO, 18 — O Governo sul-vietnamiano lançou hoje às autoridades de Hanoí um convite no sentido de travarem negociações directas quanto ao problema da reunificação do país, por meio de eleições gerais nas duas zonas, eleições colocadas sob «controlo» internacional.

Hoje, décimo quinto aniversário dos acordos de Genebra, o Governo sul-vietnamiano publicou uma declaração contendo este convite. «Enquanto não vem o dia da reunificação — prossegue a declaração tomada pública pelo Ministério dos Estrangeiros — os dois lados podem encontrar-se para estudar o desenvolvimento das relações entre as duas zonas.»

O Governo sul-vietnamiano, prossegue a declaração, «apela para as autoridades norte-vietnamianas para que cessem o ataque ao Vietnam do Sul e concentrem os seus esforços competindo com o Vietnam do Sul na edificação do país, pensando-se as feridas da guerra, permitindo-se à população do Norte viver feliz e à do Sul de viver em paz.»

O Governo sul-vietnamiano está convicto de que a

# desporto

## VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

# SEGUNDA VITÓRIA CONSECUTIVA DO INGLÊS HOBAN SEM INFLUÊNCIA NA CLASSIFICAÇÃO GERAL

BRIVE, 18 — Mai os concorrentes deixaram L'bourne, numa manhã de calor e de trovoadas, logo Genet se lançou para ser acompanhado pelo pelotão, ainda no primeiro quilómetro

Ate que aos 31 quilómetros Castello e Van Schill atacaram, conseguindo distanciar-se do grupo 10 segundos. A altitude passava do belga (companheiro de equipa de Merckx) inclinou o espanhol a não in-

sistir e a fuga termina aos 39 quilómetros.

O pelotão, que até ali havia rodado a grande velocidade, adoptou, então, uma velocidade de cruzeiro, de pouco mais de 25 km/h. O avanço que tinha conseguido finda, deste modo, muito rapidamente: no controlo de abastecimento de Le Bugue-sur-Vezère (115 km), o pelotão registava uma média que era inferior em cerca de 20 m. à mais traca registada.

A saída de Bugue, o belga De Boyer atacou em vão, a velocidade, entretanto, aumentou, logo que Merckx passou para o comando do grupo que abordava então a subida muito fútil da encosta de Rivaux, no decurso da qual Fanizza, Caicau e Bodin conseguiram destacar-se.

Ao km 142, Dancelli atacou na companhia de Zandegu e Van Den Berghe, seguidos por J. Galea, Gomez-Lucas e Panizza. Dando-se perfeita mente em conjunto, eles levavam 1 m. e 10 s. de avanço sobre o pelotão no km 152.

Por um instante, Panizza, atrasado por um furo, desapareceu deste grupo da frente, ao qual em breve recolava. A reacção dos perseguidores tornou-se, então, violenta, tornando a fuga nula pouco depois.

A cerca de 20 km da meta, Spruyt, Dolman, Schutz Hoban e Guerra escaravaram-se e a 12 quilómetros de Brive o seu avanço atingiu o ponto máximo de 1 m. e 40 s. Não houve mais inquietação e, pelo segundo dia consecutivo o inglês Hoban ganhou a etapa, a frente de Dolman, Guerra, Spruyt e Schultz, com um avanço de 1 m. e 21 s. sobre o pelotão.

No final da trada de ontem foram escolhidos para se apresentarem no «controlo anti-estimulantes» o belga Cooremans, o holandês Janssen e o espanhol Gomez-Lucas. — (F. P.)

Classificação da 19.ª etapa de Bordéus a Brive, na di tá-

## O ALGÉS VENCEDOR DO GRANDE TORNEIO EM BASQUETEBOL

No pavilhão da Tapada da Ajuda disputou-se ontem a partida mais importante do Grande Torneio da categoria dos seniores, prova organizada pela Associação de Lisboa, entre o Algés e o Nacional, as únicas equipas candidatas ao troféu.

Vencendo por 52-36 (23-8 ao intervalo), o Algés e Dafundo conquistou o torneio

A partida pouco valeu tecnicamente apesar de estar em campo a grande maioria de jogadores das primeiras categorias. Outro facto que tirou brilho ao encontro foi a característica arbitragem que praticou autênticos atropelos às leis do jogo.

Alinharam e marcaram: ALGÉS — Rui Freitas (10), D. Dias (2), Bragança (3), Alfredo (14), P. Duarte (12), Soares (2), Freixo (4), Vitorino (5), Carlos e Vitor NACIONAL — Roberto (21), Nascimento (2), Grão, Belo Alfredo, Domingos (3), Pombo (7) e Leite (3).

cia de 195 quilómetros — 1.º Barry Hoban (Inglaterra), 5 h. 30 m. 57 s. (5.30.37 com o abono); 2.º Eric Dolman (Holanda); 3.º Pietro Guerra (Itália), m. t. (5.30.47 com o abono); 4.º Joseph Spuryt m. t. (5.30.57); 5.º Eddy Schutz (Luxemburgo), m. t.; 6.º Eric Lemaire (Bélgica), 5.32.18; 7.º Guido Reybroeck (Bélgica) m. t.; 8.º Jules van der Flaas (Bélgica) m. t.; 9.º Georges van den Berghe (Bélgica) m. t.; 10.º Harm Ottenbros (Holanda), m. t.; 18.º Joaquim Agostinho (Portugal), m. t.

Classificação geral individual — 1.º Eddy Merckx (Bélgica — Driessens), 95 h. 55 m. 54 s.; 2.º Roger Pingeon (França — Plaud) a 16 m. 18 s.; 3.º Raymond Poulidor (França — Magne), a 20 m. 43 s.; 4.º Felice Gimondi (Itália — Pezzi) a 24 m. 18 s.; 5.º Andrés Gandarias (Espanha — La Garriga), a 29 m. 27 s.; 6.º Rinus Wagtmans (Holanda — Visser), a 30 m. 42 s.; 7.º Franco Vianelli (Itália — Albani), a 35 m. 22 s.; 8.º Desire Letori (França — Plaud) a 45 m. 47 s.; 9.º Joaquim Agostinho (Portugal — Caput) a 46 m. 50 s.; 10.º Jan Janssen (Holanda — Gemina), a 48 m. 35 s.

Classificação por equipas — 1.º Driessens 290 h. 55 m. 15 s.; 2.º Plaud 290 58 18; 3.º Langarica 291 43 42; 4.º Machain 291 57 16; 5.º Pezzi 292 04 33; 6.º Caput 292 09 31.

Classificação por pontos — 1.º Eddy Merckx 214 pontos; 2.º Jan Janssen, 141; 3.º Rinus Wagtmans 114; 4.º Roger Pingeon, 112; 5.º Felice Gimondi 103; 6.º Michele Dancelli 95; 7.º Joaquim Agostinho, 86

# EUSÉBIO-BENFICA - caso intrincado no futebol português

Ao que parece, o caso Eusébio promete fazer correr ainda muita tinta.

As exigências feitas ao clube, inéditas nos anais do futebol português, pelos números astronómicos de que se revestem — astronómicos para o nosso meio —, levantaram certa ceceia e fizeram abrir a boca de espanto aos desportistas portugueses.

Em parte, até, talvez, por ocorrerem numa altura em que, afectado por arrelviadora lesão, muitos duvidam ainda da completa recuperação do famoso futebolista.

Quando se esperava, porém, que as negociações chegassem a bom termo, com um pouco de transigência de parte a parte, dá-se um golpe de teatro: Eusébio recusa avistar-se com a direcção do Benfica, tendo passado procuração a um advogado — o dr. Silva Resende, nosso camarada no jornalismo desportivo ao serviço do jornal «A Bola» — que ontem mesmo a fez chegar aos dirigentes benfiquistas.

Longe de haver uma aproximação, parece que as coisas se complicam e que as relações entre o jogador e o clube poderão tornar-se tensas. Segundo julgamos saber, há quem pense, na Rua Jardim do Regedor, que transigir demasiado vem criar um antecedente perigoso que, no futuro, muito poderá vir a prejudicar o clube. Sendo assim, não se vislumbra, nem de longe, qual a solução para este intrincado caso.

## SEGUU PARA O BRASIL A DELEGAÇÃO PORTUGUESA AOS IV JOGOS LUSO-BRASILEIROS

Seguiu esta madrugada para o Brasil a representação nacional aos IV Jogos Luso-Brasileiros.

Da caravana, chefiada pelo sub-creador do Estado da Juventude e Desportos, dr. Elmano Alves, fazem parte o director-geral dos Desportos e dirigentes das Federações, cujos atletas se exibirão no Brasil, num total de cerca de centena e meia de pessoas.

A partida compareceram representantes de clubes dos ginastas participantes e seus familiares.

A delegação portuguesa é poradora do facho simbólico aceso em Guimarães e que passou por Santarém, pelo tumulto de Pedro Álvares Cabral, segundo depois para Lisboa, onde, junto do monumento ao descobridor do Brasil, foi entregue ao subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, que, por sua vez, o confiou ao ministro-

conselheiro Cláudio Garcia de Sousa, que, por sua vez, o confiou ao atleta que o conduziu ao aeroporto.

## JANTAR DE confraternização DA SECÇÃO DE GINÁSTICA DO SPORTING

Na esplanada da sede do Sporting realizou-se, ontem à noite, um jantar de confraternização, oferecido pela secção de ginástica leonina que reunirá, entre outros convidados, os chefes das delegações dos clubes que participaram na ginnástica de Brasília e as suas classes mais representativas.

## A PEDALAR SE VAI AO LONGE... VIVA O QUIM!



Viva o nosso Quim que, em pouco mais de um ano, não só provou ser um caso à parte do ciclismo nacional como está agora provando, em França, ser um corredor de classe internacional. Porém, não foi só isso que Joaquim Agostinho provou. Provou também Sumol. Provou e gostou

# Sumol

é a tal coisa fresca e saudável que que toda a gente gosta.

# AUTOMOBILISMO IV CIRCUITO DA GRANJA DO MARQUÊS

19/20 DE JULHO

ORGANIZAÇÃO DO SPORT UNIAO SINTRENSE

SÁBADO, 19

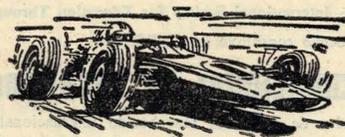
INÍCIO AS 14 H.

Treinos para

Principiantes, iniciados, Fórmula V, 3 Horas da Granja do Marquês e Turismo.

Corridas

Principiantes e iniciados.



DOMINGO, 20

INÍCIO AS 14 H.

Corridas

Fórmula V, Turismo, e a terminar as 3 Horas da Granja do Marquês.

TRANSPORTES ASSEGURADOS

BILHETES A VENDA NA ABEP E NOS ACESSOS AO CIRCUITO

# PROGRAMA DOS CINEMAS

**ALVALADE** — Tel. 763080 — As 21.45 — Estreia — Adultos — Um filme de Dick Sanders — «Esta noite não!». As 15.45 — Última exibição de «Espia sem nome» — Adultos.

**EDEN** — Tel. 320768 — As 21.45 — Estreia — Adultos — (Veja anúncio especial) — James Coburn em «Amar nas horas vagas». As 15.15 e 18.30 — Últimas exibições de «O roubo da Pietá» — Adultos.

**ESTÚDIO** — Tel. 555134 — As 15.30, 18.30 e 21.45 — M/ 12 anos — Technicolor — O extraordinário filme de Walt Disney — «O deserto maravilhoso».

**EUROPA** — Tel. 661016 — De novo às 21.30 — 70 m/m — Technicolor — M/ 12 anos — Natalie Wood, Tony Curtis e Jack Lemmon em «A Grande Corrida à Volta do Mundo». As 15.15 — Última exibição de «Oliver!» — M/ 12 anos.

**IMPÉRIO** — Tel. 555134 — As 15.15 e 21.30 — Adultos — Technicolor — Há uma chave que todos os meses abre o coração de Sara... — «Doce Novembro», com Sandy Dennis e Anthony Newley.

**MONUMENTAL** — Tel. 555132 — As 15.15 e 21.30 — M/ 12 anos — «Spartacus» — Espectacular obra de Stanley Kubrick, com Kirk Douglas, Laurence Oliver e Jeans Simons.

**SÃO LUIZ** — Tel. 327172 — As 21.30 — Estreia — Adultos — Um filme de Dick Sanders — «Esta noite não!». As 15.15 e 18.15 — Última exibição de «Espia sem nome» — Adultos.

**CINEARTE** — Tel. 660446 — As 15.00 e 21.00 — M/ 12 anos — «Os Gloriosos Malucos das Máquinas Voadoras», com Sarah Miles, Alberto Sordi e Red Skelton. Em complemento: «Contar Cocos», «Assim é o Arizona» e «Demónios da Velocidade».

Tel. 79 15 74  
As 21.30 (ADULTOS)

**LUMIAR**  
AR CONDICIONADO  
PARQUE PRIVATIVO  
**OS VOLUNTÁRIOS**  
c/ Chad Everett, Marilyn Devin e Dean Jagger

A SEGUIR:  
**OS CANHÕES DE NAVARONE**  
ÉPOCA DE VERÃO  
PREÇOS REDUZIDOS

Tel. 32 62 83  
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30  
Versão integral! (M. 12 anos)

**ODEON**  
GRANDE ÊXITO  
do notável filme português  
**ENCONTRO COM A VIDA**  
Realização de Artur Duarte  
c/ ROGERIO PAULO e MARIA DULCE

Tel. 32 63 05  
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (COL.)  
(M. 12 anos)

**POLITEAMA**  
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL  
um filme de acção explosiva  
**COMISSARIO X NO VALE DAS MIL MONTANHAS**  
com Tony Kendall e Brad Harris

Tel. 32 25 23 - 32 67 10  
As 15.15, 18.15 e 21.30  
(M. 6 anos)

**CONDES**  
O grande espectáculo de férias!  
Os Reis do Riso no seu melhor  
**O MELHOR DE BUCHA E ESTICA**  
Na 1.ª parte, desenhos animados de TOM & JERRY

Tel. 4 71 63  
As 21.45 (M. 12 anos)

**AVIS**  
Uma alegre história musical  
**DE BRAÇO DADO**  
EASTMANCOLOR  
c/ Massiel, Bruno Lomas e Miky  
AR CONDICIONADO

Tel. 72 77 78  
As 21.30 (ADULTOS)

**ROMA**  
3.ª SEMANA  
O regresso de um dos maiores êxitos do cinema europeu!  
**ROCCO E SEUS IRMAOS**  
com Alain Delon, Annie Girardot, Renato Salvatori e Claudia Cardinale  
AR CONDICIONADO

Telefs. 5 41 53 e 5 41 54  
Hoje, às 15.15, 18.15 e 21.30 (ADULTOS)

**O PERIGO VEM DAS MULHERES**  
com Richard Johnson, Dalilah Lavi e Beba Loncar  
Como homenagem ao ciclista Joaquim Agostinho e pela sua flagrante oportunidade, volta ao «écran» deste cinema a sensacional reportagem de Claude Léouch sobre a Volta à França POR UMA CAMISOLA AMARELA

Telef. 53 87 43  
As 18.30 e 21.45 (ADULTOS)

**MUNDIAL**  
Anthony Perkins, Vera Miles, John Gavin e Janet Leigh no emocionante filme  
**PSICO**  
Um filme de mestre ALFRED HITCHCOCK  
Ar condicionado

As 15.15, 18.30 e 21.45 (ADULTOS)  
Tel. 720808

2.ª SEMANA  
Uma excitante aventura cem por cento original  
**OS PROTAGONISTAS**  
com Silva Koscina, Joan Sorel, Gabriele Ferzetti e Lou Castel

Telef. 77 90 95  
As 21.45 (ADULTOS)

**ESTÚDIO 444**  
ESTREIA  
UM POEMA DE GRAÇA E DE IMAGENS!  
**O CASAMENTO**  
(Le Mariage ou Mazel Tov) com Claude Berri e Elisabeth Niener EASTMANCOLOR  
Ar condicionado

Telef. 5 05 95  
As 9.30 da noite (ADULTOS)

**TIVOLI**  
John Wayne, Ernie Kovacs, Stewart Granger e Capucine no famoso filme de acção que reaparece  
**A TERRA DAS MIL AVENTURAS**

Telef. 61 03 75  
As 21.30 (M. 12 anos)

**RESTELO**  
Dois comediantes fabulosos pela primeira vez lado a lado num filme feito com habilidade e muito bom humor  
**LADRÃO ROUBADO**  
com Shirley McLaine, Michael Caine e Herbert Loom

As 21.30 (Adultos)  
**LIDO**  
UM FILME IMPRESSIONANTE DE REALIDADE!  
**BONECAS DE CARNE**  
com Troy Donahue e Connie Stevens

As 17.00 e 21.30  
TELEFONE: 26 07 29 (ADULTOS)

**O DOCE CORPO DE DEBORAH**  
(L'Adorable Corps de Deborah)  
Um jovem casal, em plena lua-de-mel, vê-se envolvido numa misteriosa aventura  
com Carrol Baker, Jean Sorel e Luigi Pistilli

# OUTROS ESPECTACULOS

**ÓPERA**  
TRINDADE — 21.30 — «Werther» (12 anos).

**TEATRO DA TRINDADE**  
(F. N. A. T.)  
HOJE, DIA 18, AS 21.30 H.  
3.ª récita com a ópera  
**WERTHER**  
de MASSENET  
pela  
COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA  
Maiores de 12 anos

Ópera para todo o público a preços populares — Desde \$500  
AMANHÃ, DIA 19  
2.ª récita das óperas de Rossini «La Cambiale di Matrimonio», «Scala di Sete» e «Adina»

**C. M. L. ESTUFA FRIA**  
**CONCERTOS CORAIS** (gratuitos)  
HOJE, dia 18, às 21 e 45  
Coral Luisa Todi  
Tuna Comercial de Lisboa  
Dia 22 (21 e 45): «Ohio State Fair Youth Choir» — conjunto de estudantes universitários dos E. U. A.  
Distribuição de bilhetes (no próprio dia)  
Restauradores, das 18 às 20 h.  
Estufa Fria, depois das 21.15 h.  
(M/ 12 ANOS)

**TEATROS**  
VASCO SANTANA — 21.45 — «Anatomia de uma história de amor» (12 anos).  
MONUMENTAL — 20.45 e 23.00 — «Ri-te, ri-te» (17 anos).  
LAURA ALVES — 20.45 e 23.00 — «Pepsie» (17 anos).

**CINEMAS**  
LYS — 14.45 e 21.00 — «Um pirata invisível» (12 anos).  
PARIS — 15.00 e 21.00 — «Resgate humano» (17 anos).  
JARDIM — 15.00 e 21.00 — «O presidiário» (17 anos).  
IMPERIAL — 15.00 e 21.00 — «A morte espreita» (12 anos).  
OLIMPIA — 14.00 e 19.00 — «Fúria assassina» (17 anos).  
ARCO-IRIS — 15.00 e 21.00 — «Operação Zanzibar» (17 anos).

IDEAL — 15.15 e 21.00 — «O vale das bonecas» (17 anos).  
PROMOTORA — 15.00 e 21.00 — «Como matei Rasputine» (17 a.)

**ARREDORES**  
AMADORA — Recreios — 21.15 — «Jogos perigosos» (17 anos).  
CAPARICA — Copacabana — 21.00 — «Hércules» (12 anos).  
DAMAIA — D. João V — 21.30 — «O salto» (17 anos).  
ESTORIL — Esplanada — 21.30 — «Olho por olho» (12 anos).  
MOSCAVIDE — Cine — 21.00 — «Cartouche» (12 anos).  
OEIRAS — Cine — 21.00 — «O profeta» (17 anos).  
PAREDE — Royal-Cine — 21.00 — «S6 se vive duas vezes» (17 a.)

brevemente

# HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

no Cinema VOX

maiores de 21 anos

PODER-SE-Á HARMONIZAR AS AMBICÕES PROFISSIONAIS COM A SIMPLES FELICIDADE HUMANA?... TRÊS VIDAS... UM CASAL... A SUA FILHA...



**Esta noite, Não...**

com KAREN BLANGUERNON • LESLIE BEDOS • FRÉDÉRIC DE PASQUALE

... uma mulher jovem e bonita... entre a sua vida e o amor de sua filha...

Realização de DIRK SANDERS  
Distribuição de EXCLUSIVOS TRIUNFO

**HOJE estreia no SÃO LUIZ ALVALADE**  
AS 21.30 AS 21.45

# AUDIÇÃO A DOIS PIANOS NA SOCIEDADE DE CONCERTOS DE LISBOA

É com uma sensação de puro gosto, muito maior do que a de estarmos a cumprir uma obrigação, que nos vimos ocupar do Concerto a dois pianos pelo Duo Tania Achot-Sequeira Costa, para encerramento da temporada de 1968-69 da Sociedade de Concertos de Lisboa. No programa eram música francamente engraçada,

música lúdica na mais desenfreada aceção do termo, o Concertino de Chostakovich que não conhecíamos, e os três números reunidos sob o título de «Scaramouche», de Milhaud, introduzidos há muitos anos no panorama lisboeta por Varela-Cid e Campos Coelho. Já não era assim tão essencial a presença de Chopin, com um «Rondó», obra de juventude (também o são os dois Concertos do mesmo compositor, que vão incomparavelmente mais longe), e de Rachmaninoff, com a Valsa extraída uma «Suite» para dois pianos. De todas estas peças, o Concertino de Chostakovich ganhou a palma do interesse interpretativo e da luminosidade do trabalho de tecla.

Em todas as ocasiões em que ouvimos Tania Achot, desde a primeira vez, em que lhe achámos uma técnica um pouco baça, nem sempre liberta de nervosismo, assistimos a sucessivos progressos, assegurando actualmente o brilhante triunfo de uma inteligência e de uma sensibilidade de base que cumpriram largamente o que prometiam. Foi possível assim estabelecer-se o equilíbrio da qualidade entre Tania Achot e Sequeira Costa, só cortado, muito passageiramente, por ligeiros desencontros de ataque.

Guardámos para o fim a primeira peça do programa, a Sonata para dois pianos, K. 448, de Mozart. É uma obra forte, que dificilmente imaginamos confinada nas paredes de um salão palaciano. O de-

sejo de acentuar a ombridade de Mozart, notadamente no 1º andamento, levou os intérpretes a uma robustez um tanto exagerada; e toda a Sonata se presta a um aperfeiçoamento quase sem limites, porque nada há de mais melindroso do que conciliar a profundidade de intenções com a simplicidade extramundana de que Mozart não prescindiu, inteiramente respeitada por Tania Achot e Sequeira Costa.

FRANCINE BENOIT

## ARTES PLÁSTICAS

### CERAMICAS DE WANDA KOPKE DALLY

Encerra-se hoje, no salão da Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, a exposição de cerâmicas de Wanda Kopke Dally, artista de grande mérito.

Com o seu estilo característico, com o seu colorido fino e harmonioso, Wanda Dally, dando um movimento de particular ternura às suas peças figurativas (nomeadamente «Nossa Senhora», «Presépio» e «S. Francisco de Assis») afirma com a sua marcada liberdade de execução a acentuada tendência para o abstraccionismo (em certos casos). A exposição pode ser visitada até às 22 horas e a entrada é livre.

## TEATRO DE AMADORES NO CENTRO CULTURAL E DESPORTIVO DA BAYER PORUGAL

O Centro Cultural e Desportivo da Bayer, Portugal, apresentou aos seus sócios a estreia do «Set», grupo de teatro exclusivamente constituído por amadores, da empresa em que trabalhavam. O programa incluiu a representação de duas peças num acto: «O prazer de acabar» e a «Farsa de mestre Pa'helin», em tradução de Luís Francisco Rebelo.

Assistiu ao espectáculo o sr. Walter Ernst, administrador da Bayer, Portugal. A sessão agradeceu à assistência, cujos ap'ausos constituíram o melhor incentivo para os componentes do jovem grupo, todo ele formado por estreates.

estudio  
**444**

### ESTREIA - HOJE

Às 21 e 45 — ADULTOS

### CLAUDE BERRI

Criou um verdadeiro poema de imagens numa história cheia de verdade e de grande poder histriónico!



## O

### CASAMENTO

(«LE MARIAGE»  
ou «MAZEL TOV»)

EASTMANCOLOR

com

CLAUDE BERRI  
ELISABETH WIENER

EXCLUSIVO

TALMA FILMES

(Ar condicionado)

## CONCERTO PELO CORO «POLYPHONIA»

### NO TEATRO DA ESTUFA FRIA

O cenário escolhido pela Câmara Municipal de Lisboa para a realização de concertos oferecidos gratuitamente ao público congrua-se inteiramente com a quadra estival. Mas já se afirmou largamente positiva a acção cultural da Câmara em favor da música, pois, tempos atrás, em noites de chuva inclemente, tivemos a surpresa de ver muita gente atraída por programas de boa música. Para quem escreve estas linhas é que as circunstâncias não têm ajudado; mas conseguimos não perder o reaparecimento em Lisboa, e para o público, do destacado agrupamento coral «Polyphonia», afectuosamente saudado por uma muito numerosa assistência. O falecimento do seu fundador e director denodado durante muitos anos, Mário Sampayo Ribeiro, amplamente versado em música polifónica portuguesa, tinha sido um rude golpe; e tivemos muita satisfação quando soubemos que a obra de Sampayo Ribeiro não desaparecia com ele. Era a melhor homenagem que se podia prestar à sua memória, uma vez que estaria assegurada a continuidade dos seus propósitos. A escolha do novo director recaiu precisamente sobre uma personalidade do padre José Augusto Alegria, que já tinha prestado provas de séria formação musical e de devoção à boa música coral.

Sampayo Ribeiro tinha fundado este agrupamento, que teve de facto sempre inteira-

mente na mão, com fins muito determinados que deram origem a um repertório em que se fixou e fortaleceu. Não vemos que seja preciso introduzir modificações sensíveis, no repertório de música religiosa, sobretudo; não falta por onde continuar a ampliá-lo, como teria feito sem dúvida o próprio Sampayo Ribeiro. No programa que fomos ouvir, distinguimos, pela elevação do estilo e a formosura da factura, o «Sanctus» de uma Missa de Filipe de Magalhães e o Moteto, a 6 vozes, «Ouvi as vozes do céu», de Duarte Lobo. Na execução obtida pelo director (embirrámos sempre com a designação de cantor-mor, imposta por Sampayo Ribeiro e respeitada por J. A. Alegria), surpreendeu-nos uma inedita supremacia dos elementos masculinos. Não cremos que os naipes femininos queiram manter-se por muito tempo em relativa inferioridade, e não hesitamos em prever para «Polyphonia» uma homogeneidade em que a qualidade de todos os naipes seja digna de inveja.

Na música profana, o repertório nada perde em abordar música de vários tipos de erudição que saiam das fronteiras ibéricas. Podemos admirar sem reservas o sentido madrigal a 5 vozes «The Silver Swan», de Orlando Gibbons; e a canção polifónica a 4 vozes de Passereau, «Il est bel et bon», desenhado com o melhor e mais leve sentido de comediante por J. A. Alegria. Claro, não é razão para se pôr de parte, como se não pôs, a modalidade de canto palaciano seiscentista, de que se encontram exemplos tão felizes no Cancioneiro de Manuel Joaquim, limando-se até desaparecer, o perigo de confrontos de execução. E era natural que não se fechasse o capítulo das canções populares portuguesas, tratadas em versão coral por Mário de Sampayo Ribeiro, em que se reflecte uma aprendizagem escolar académica, de preferência aos estudos aprofundados dos compostos folclóricos. A precisão, ao dinamismo que a direcção do autor lhes imprimiu o padre José Augusto Alegria após um gosto depurado, que não deixou contudo de conciliar com a vivacidade sempre aliciente da «Tia Anica de Loulé» e de «A caminho de Viseu».

FRANCINE BENOIT

## O QUE SE INVESTIU NA PRODUÇÃO FRANCESA

O Centro Nacional Francês de Cinema publicou as estatísticas relativas à produção cinematográfica neste país durante o ano de 1968. O total dos investimentos foi de 377,56 milhões de francos. O Centro Nacional de Cinema autorizou em 1968 a produção de 117 filmes.

## HOJE — NOITE DA MODA — HOJE FEIRA POPULAR NA CLUBE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

### REUNIÃO DAS FAMILIAS NO PARQUE DE ENTRECAMPOS

O GRANDIOSO CARTAZ LUMINOSO DA CIDADE  
UM MUNDO DE MARAVILHAS AO ALCANCE  
DE TODA A GENTE

Todos os requisitos de conforto ao ar livre  
ABERTURA ÀS 19 HORAS

ENTRADA: QUINZE TOSTOES

Habilite-se ao sorteio de uma MOTORIZADA CASAL  
oferta da METALURGIA CASAL, LDA. de Aveiro

ONDE QUER QUE ELE ESTEJA,  
ALGO DE EXCITANTE ACONTECE!

UM MILHÃO DE DÓLARES NO BANCO...  
UMA DÚZIA DE GAROTAS NOS BRAÇOS!



COLUMBIA PICTURES APRESENTA

## JAMES COBURN

### AMAR NAS HORAS VAGAS

(DEAD HEAT ON A MERRY GO ROUND)

Adultos

CAMILLA SPARY • ALDO RAY • NINA WAYNE • ROBERT WEBBER  
TODD ARMSTRONG • Produz. CARTER DEHAVEN • Argumento e Realiz. de BERNARD GIRARD  
A DEHAVEN-GIRARD PRODUCTION • EASTMAN COLOR

HOJE

EXCITANTE  
ESTREIA NO EDEN

## A TERRA DAS MIL AVENTURAS

(NORTH TO ALASKA)



JOHN  
WAYNE  
STEWART  
GRANGER

CAPUCINE

ERNIE  
KOVACS  
FABIAN

Produção e Direcção de  
HENRY HATHAWAY

CINEMASCOPE  
COLOR DE LUXE  
MAIORES DE 17 ANOS

DAS MIL LUTAS!  
DOS MIL IMPREVISTOS!  
DOS MIL AMORES!  
DAS MIL TRAIÇÕES!  
DAS MIL GARGALHADAS!  
DOS MIL PRAZERES!



Argumento  
JOHN LEE MAHIN • JEANNETTE BARKOV • PHYLLIS BINWIN

NOVAMENTE HOJE ÀS 21.30

TIVOLI

## CENTRO DE ESTUDOS GREGORIANOS

Os cursos do Centro de Estudos Gregorianos estão abertas as matrículas para todos os cursos regulares do próximo ano escolar, dirigidos por professores especializados.

São as seguintes as classes que funcionarão regularmente: solfejo canto gregoriano, direcção coral gregoriana e polifónica harmonia contraponto e fuga, latim litúrgico, modalidade, piano órgão improvisação e pedagogia musical segundo o Método Ward, para formação de professores de música para classes infantis.

A classe de solfejo é obrigatória para todos os novos inscritos, excepto se estes provarem (por exame ou documentação) que podem ser dispensados. Igualmente a classe de harmonia é obrigatória a todos os alunos do 2.º ano de órgão, bem como as classes de canto gregoriano e modalidade a todos os alunos da classe de órgão, de improvisação e acompanhamento.

## FEIRA DA LUZ

A tradicional Feira da Luz vai efectuar-se durante vinte e dois dias, a partir do primeiro domingo de Setembro até ao último domingo do referido mês. A Câmara Municipal já destinou para o efeito 67 lugares, incluindo um circular, para carrusel ou outro divertimento cuja raio exceda 7 metros. Se não houver pretendente nas condi-

ções referidas, o mesmo lugar será destinado a outra diversão que ocupe uma área de 47 metros.

Nos dias 26 e 27 de Agosto e em 3 de Setembro efectua-se às 15 horas, no Pavilhão dos Desportos, a praça para arrematação dos lugares da Feira.

## MILHARES DE VICENTINAS REÜNEM-SE EM FÁTIMA

FÁTIMA, 18 — Milhares de vicentinas começam, ao fim da tarde de hoje, a habitual peregrinação anual a este santuário mariano. A iniciativa das Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo será presidida pelo bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, e do programa consta, além de vários actos litúrgicos, uma assembleia geral que decorrerá amanhã, a partir das 9 e 30.

## «VIDA MUNDIAL»

Os problemas da Universidade, com todas as suas implicações, são analisados pelo prof. Hernâni Cidade numa entrevista concedida à «Vida Mundial» e que a popular revista publica esta semana.

A actualidade política, nacional e internacional é largamente tratada neste número de «Vida Mundial», que completa o seu sumário com as secções habituais e uma informação completa sobre os acontecimentos decorridos na última semana.

## NECROLOGIA

### FALECIMENTOS

**Gertrudes de Sousa Gomes**

Faleceu a sr.ª D. Gertrudes de Sousa Gomes, de 65 anos, viúva, natural da Ericeira, mãe das sr.ªs D. Maria Isabel de Sousa Gomes, D. Judite Jesus Sousa Gomes Vica, casada com o sr. João Vica, D. Idalina Sousa Gomes Campos Neto, casada com o sr. Augusto Guilhermino Campos Neto, e avó do sr. Luis António Gomes Vica e dos meninos Ilda Maria Gomes Vica e José António Campos Neto. O funeral, a cargo da Agência Magno, efectuou-se hoje, para o cemitério do Alto de S. João.

### FALECERAM:

D. Margarida Lopes Alexandre, de 66 anos, viúva, natural de Penamacor. O funeral, a cargo da Agência Magno, efectuou-se hoje para o cemitério do Alto de S. João.

+++

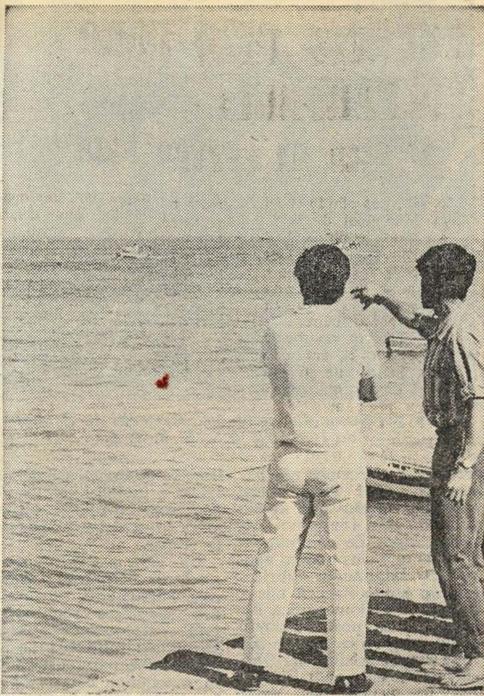
José de Moraes Pereira, de 76 anos, casado com a sr.ª D. Margaret Thyllis Waddell de Moraes Pereira, natural de Ponta Delgada. O funeral, a cargo da Agência Magno, efectuou-se hoje para o cemitério de Benfica.

+++

Anibal Pimentel Correia, de 78 anos, viúvo, natural da Covilhã. O funeral, a cargo da Agência A. G. Magno, Lda., realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da igreja de S. João de Brito para jazigo de família no cemitério de Tomar.

## AGÊNCIA MARTINS

FUNERAIS  
(Possuidora da Categoria «Kolaris»)  
Telefs. 57528 553332  
RUA DO SACO, 32 - LISBOA



Por um pequeno corredor ainda é possível às traietas e enviadas, aproveitando a maré, sair para a faina da pesca. O mínimo descuido pode ocasionar um naufrágio, especialmente se não forem boas as condições do mar

## DE BARLAVENTO A SOTAVENTO

(Continuação da pág. 3)

gens do rio, na ex-zona portuária, mercadorias que não podem ser embarcadas constituem uma espécie de ex-libris da situação.

Comparativamente, podemos dizer que, por exemplo, a folha necessária para fabricar as latas de conservas de peixe é desembarcada em Leixões, de onde segue depois para o Algarve.

As forças vivas da vila estão a mexer-se e o próprio Governo, agora preocupado numa tarefa de planeamento económico e interessado na coordenação dos planos regionais, se disporá certamente a ouvir o que for razoável, emendando o que se mostre errado.

## FEIRA DO ARTESANATO PORTUGUÊS EM CASCAIS

É inaugurada no dia 1 de Agosto próximo, em Cascais, a VI Feira do Artesanato Português promovida pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

A semelhança dos anos anteriores, a Feira compreende barracas com artigos de madeira, de cobre e de ferro; tecelagem, mantas e tapetes; palha de palma, vime e buinho; filigranas; tartaruga e madreperola, latoaria, mobiliário rústico, cerâmicas, bonecos, etc.

Haverá também «stands» do Brasil e das províncias ultramarinas, com artigos utilitários e de ornamentação.

A Feira, que encerrará em 7 de Setembro, estará aberta todos os dias a partir das 16 horas, prolongando-se pela noite.

**A CAPITAL**  
vende-se em MAFRA  
no Café Cervejaria  
UNIDOS

## GUEDAL

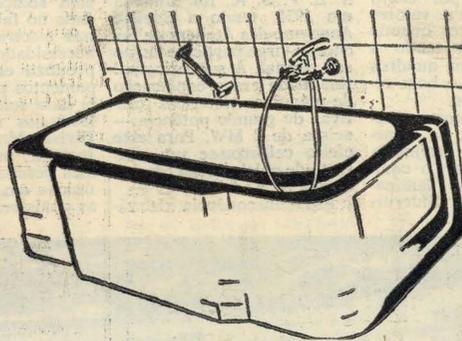
Rua do Ouro, 181, 1.º

Telef. 32 78 45

Actualize também a sua sala de banho...

... use TRITON, o material de luxo que equipa os hotéis RITZ, TIVOLI, CIDADELA, etc.

Dispomos também do melhor material nacional



## PAUL LÉON VINCENT

E

## JAIME MACEDO CORREIA BESSA

### AGRADECIMENTO

SUAS FAMILIAS, NA IMPOSSIBILIDADE DE O FAZEREM DIRECTAMENTE, COMO DESEJAVAM, VÊM POR ESTE MEIO AGRADECER, MUITO RECONHECIDAMENTE, A TODAS AS PESSOAS QUE AS ACOMPANHARAM E BEM ASSIM A TODAS AQUELAS QUE DE QUALQUER FORMA MANIFESTARAM O SEU PESAR.

# A S. E. P. S. A. — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ELECTROMECÂNICAS FOI VISITADA PELO SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA

(Continuação da pág. 1)

as iniciativas fecundas nesse sector da actividade económica nacional.

## • Visita à S. E. P. S. A.

O eng.º Rogério Martins chegou à S. E. P. S. A., cujas instalações visitou interessada e pormenorizadamente, acompanhado pelo eng.º Torres Campos, representante da Secretaria de Estado da Indústria junto da Comissão de Planeamento Interministerial; directores-gerais dos Serviços Industriais e Serviços Eléctricos; presidente da Corporação da Indústria; director do Instituto Nacional de Investigação Industrial; inspector-geral dos Produtos Agrícolas e Industriais; vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa; presidentes da Associação Industrial Portuguesa; Grémio dos Metalúrgicos e Metalomecânicos do Norte, e Comissão de Fiscalização dos Grandes Aproveitamentos Hidráulicos; director-geral de Combustíveis e Reactores Nucleares da Junta de Energia Nuclear; presidentes do conselho de administração e administradores da Hidouro, Hica, Hidro Eléctrica do Zêzere, Termel e Somfe; e administradores e técnicos da Companhia Nacional de Electricidade; União Eléctrica Portuguesa; Companhia Eléctrica Alentejo - Algarve; Companhia Eléctrica das Beiras; Hidro - Eléctrica da Serra da Estrela; Companhias Reunidas Gás e Electricidade; Hidro Eléctrica Alto Alentejo e Sociedade Hidro Eléctrica do Revuê, e foi recebido pelo sr. eng.º Alfredo Taillet Alves, administrador-delegado da empresa, por todos os membros directivos, técnicos e pessoal superior.

Acompanhado do administrador-delegado da S. E. P. S. A. e dos respectivos directores e técnicos, o secretário de Estado da Indústria começou a visita às importantes instalações, que ocupam uma superfície coberta fabril de 13 500 metros quadrados e onde presentemente exercem a sua actividade 800 trabalhadores assalariados e 300 mensais. Destes, 13 são engenheiros, 4 licenciados e 16 agentes técnicos de Engenharia.

A S. E. P. S. A. sucedeu à Sécheron Portuguesa, que foi fundada em 1956 e que tinha como accionista principal a Société Anonyme des Ateliers de Sécheron, de Genève. Esta empresa tinha como objectivo principal a construção de máquinas eléctricas rotativas de grande potência. Porém, como esta actividade não era suficiente para garantir o nível de ocupação necessário, a empresa entendeu estender as suas actividades a outros sectores da metalomecânica.

## • Uma empresa em acentuada expansão

Das realizações mais significativas daquela empresa contam-se a participação na construção dos alternadores para as centrais de Miranda, Alto Rabagão e Bemposta; a exportação da parte metalomecânica de alternadores e compensadores síncronos e a fabricação e montagem do cimbra da Ponte da Arrábida. No ano de 1964, procedeu-

se à nacionalização da empresa, passando a designar-se de S. E. P. S. A. — Sociedade de Construções Electromecânicas, S. A. R. L. Dois anos depois passou a ser subscrita por capitais portugueses.

Em menos de 18 meses e dentro de um plano de investimento de modernização, empregaram-se em obras de infra-estrutura e reequipamento mais de 45 mil contos.

Já depois daquela fase, foi construída uma nave de grandes dimensões e instalado um novo banco de ensaios, na divisão de construções eléctricas. A empresa passou, deste modo, a estar dotada de meios de fabrico mais modernos, que permitem a construção de geradores de grande potência.

Na divisão de construções metalomecânicas verificou-se um crescimento de produção em 1968 de 130 por cento em relação ao ano anterior. No mesmo ano, a produtividade aumentou em 30 por cento quando referida a valores e 100 por cento quando referida a peso, tendo a reestruturação dos quadros contribuído para o bom resultado alcançado.

De referir como execuções de vulto, os fornecimentos para a refinaria do norte da Sacor, o equipamento para o laminador de carril da Siderur-

blemas inerentes à Secretaria de Estado. Efectivamente pareceu-nos não ser conveniente deixar de dar a conhecer a V. Ex.ª, bem como aos nossos ilustres convidados, qual o nível atingido pela nossa empresa, nomeadamente pela Divisão de Construções Eléctricas, e o silêncio em que temos vivido nestes últimos três anos podia, a partir de agora, ser interpretado como falta de dinamismo e até de ideias definidas sobre a nossa missão de industriais. Eis, portanto, a razão do nosso convite e dar-nos-emos por satisfeitos, se, desta visita, V. Ex.ª levarem a convicção de que a S. E. P. S. A. é hoje, no contexto da indústria eléctrica e metalomecânica nacional, uma empresa dinâmica, bem equipada e competitiva.

Em complemento da visita realizada daremos agora a V. Ex.ª alguns esclarecimentos que permitam ajuizar do nosso desenvolvimento e dos nossos problemas. A Sécheron Portuguesa, antecessora da actual S. E. P. S. A., foi fundada em 1956, tendo a Société Anonyme des Ateliers de Sécheron larga participação no seu capital. A sua principal finalidade era a construção de máquinas eléctricas rotativas de grande potência — acima de 2 MW. Para este efeito celebrou-se um contrato de colaboração técnica com a S. A. A. S.

Em consequência de vá-

nossas instalações. Teremos assim:

Produção em contos por trabalhador — 1966: 73; 1967: 104; 1968: 130. Produção em toneladas por trabalhador — 1966: 1,76; 1967: 3,2; 1968: 7,43. Valores referidos aos efectivos médios anuais. Actualmente trabalham na S. E. P. S. A., cerca de 1100 pessoas, das quais 800 são trabalhadores assalariados e 300 trabalhadores mensais. Os nossos quadros contam hoje com 13 engenheiros; 4 licenciados; 16 agentes técnicos de engenharia.

## • Divisão Metalomecânica

Em seguida, o eng.º Taillet Alves disse:

— No início da vida da empresa, a Divisão Metalomecânica da Sécheron Portuguesa tinha duas importantes razões de ser: permitir a construção dos órgãos metalomecânicos dos grandes geradores; dar à exploração da empresa maior flexibilidade, sobretudo nos períodos em que se verificassem soluções de continuidade no fabrico das máquinas eléctricas. Em 1966, a necessidade imperiosa de produzir em Portugal equipamentos pesados, até àquele data sempre importados, levou-nos a desenvolver a Divisão Metalomecânica e a instalar, na nave de mecânica pesada, duas máquinas únicas em Portugal e sem as quais era impossível pro-



Um pormenor da visita do secretário de Estado da Indústria à S. E. P. S. A.

crevermos parece-nos não haver, a partir desta data, qualquer razão que torne justificável a importação destes tipos de equipamento, pois que eles podem agora ser totalmente fabricados no nosso País. A nossa Divisão Metalomecânica desenvolveu-se, pois, deixando progressivamente de ser uma secção auxiliar da Divisão de Construções Eléctricas. Assim, em 1968, mais de metade da nossa produção destinou-se a satisfazer encomendas de reservatórios e outro equipamento que a Sacor nos encomendou para a sua Refinaria Norte. Pena foi que num empreendimento daquela grandeza, e apesar da boa vontade sempre demonstrada pela Sacor, não tivesse sido possível estabelecer uma programação que permitisse maior participação da indústria nacional. Parece-nos, de facto, que haverá no futuro que ter o maior cuidado ao programar grandes investimentos, pois é necessário encontrar soluções de compromisso que, sem prejudicar a entidade que faz os investimentos, não deixe de acau-

telar os interesses da indústria portuguesa fornecedora de bens de equipamento. No nosso caso sucede que vimos com a maior apreensão aproximar-se o segundo semestre deste ano, pois não temos encomendas em carteira que permitam sequer uma exploração em termos marginais, sobretudo a partir de Setembro.

• Divisão de Montagens Exteriores

— Cabe aqui — disse depois o eng. Taillet Alves — uma referência apenas à nossa Divisão de Montagens. É óbvio que, tendo a S. E. P. S. A. colaborado no lançamento do fabrico de equipamento pesado e de grande porte, teve igualmente que preparar-se para a sua montagem. Criou-se em princípios de 1967 a Divisão de Montagens que conta hoje com um equipamento muito completo, permitindo montagens de grande volume. Ressalta deste equipamento um pórtico de 30 metros de altura para 80 toneladas, que se tem mostrado imprescindível para certos tipos de montagens. Este pórtico permitiu, por exemplo, encontrar uma solução económica no estudo da montagem de um hangar que, recentemente, foi a concurso e para o qual a S. E. P. S. A. apresentou um preço sensivelmente mais baixo que a concorrência. Seria uma injustiça grave atribuir esta diferença de preço a outras razões que não sejam o estudo cuidadoso feito pelos nossos técnicos e a utilização do referido pórtico na montagem.

• Divisão de Construções Eléctricas

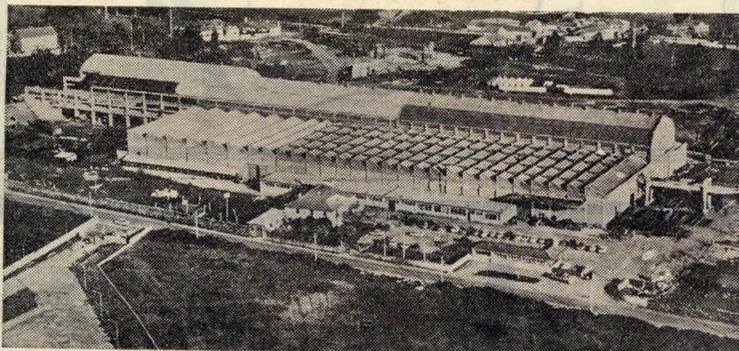
— Abordarei agora aspectos relacionados com a nossa

Divisão de Construções Eléctricas e tentarei elucidar V. Ex.ª sobre o tipo de problemática que enfrentamos neste sector.

De 1957 a 1967, com o apoio da Sécheron, a Sécheron Portuguesa participou nas seguintes realizações: 1961 — Hidouro (Central de Miranda); fabricação metalomecânica parcial e circuito magnético estático — 3 x 60 000 kVa, 30 por cento. 1964 — Ateliers Sécheron/Hica (Central A. Rabagão); fabricação metalomecânica parcial e circuito magnético estático — 2 x 45 000 kVa, 50 por cento. 1962 — Ateliers Sécheron/Gov. Est. S. Paulo (Central Euclides da Cunha — Brasil); fabricação metalomecânica parcial — 2 x 35 000 kVa, 30 por cento. 1964/65 — Hidouro (Central de Bemposta); fabrico quase total — 3 x 78 000 kVa, 85 por cento. 1962 — Ateliers Sécheron, compensadores síncronos; fabricação metalomecânica parcial — 3 x 50 000 kVa, 20 por cento. 1967 — Sociedade Hidroeléctrica do Revuê (Central de Chicamba); fabrico quase total — 2 x 24 000 kVa, 95 por cento. 1967 — Ateliers Sécheron/D. G. S. Hidráulicos (C. de Bugalheira); fabrico total, ensaios finais e entrada em serviço na central — 2 x 800 kVa, 95 por cento.

## • Confiança no futuro

«No final deste período verificou-se que, da colaboração íntima com a S. A. A. S., não tinha resultado a formação de um quadro técnico com conhecimentos suficientes para prosseguir a obra iniciada. De facto, a irregularidade e a pequenez do nosso mercado e, em certa medida, o desinteresse dos accionistas estrangeiros, não permitiu a constituição de um título permanente dessa equipa. E foi neste estado de coisas que terminou aquilo a que chamarei fase Sécheron. Em 1967, transformada a empresa, foi negociado com a S. A. A. S. o cancelamento do acordo de fabrico das máquinas eléctricas rotativas de grande potência, pois que a assistência que aquela empresa nos podia prestar não satisfazia as necessidades dos nossos clientes portugueses. Feito o ponto da situação e estudado em profundidade o problema da construção de alternadores, concluímos, em primeira análise, que para assegurar continuidade a esta produção teríamos que poder contar com quadros especializados e meios tecnológicos de nível superior aos existentes. Fazendo um acto de fé no futuro, resolvemos: modificar a instalação fabril, separando a Divisão de Construções Eléctricas da Metalomecânica; modernizar o equipamento de fabrico de bobinas, permitindo a utilização de isolamentos modernos do tipo «Samica-therm» à base de resinas ter



Vista aérea das instalações da S. E. P. S. A.

gia Nacional, o equipamento pesado para linhas de fabrico de cimento e ainda apreciável número de grandes encomendas de estruturas e construções metálicas, nas quais também colaborou a divisão de montagens exteriores, a qual, após reestruturação em 1967 e ampliação em 1968, coordena actualmente a actividade de cerca de 350 pessoas.

## • Palavras do eng.º Taillet Alves

Finda a visita, houve uma breve sessão solene, durante a qual o sr. eng.º Alfredo Taillet Alves usou da palavra, para afirmar:

— Em nome da Administração da S. E. P. S. A. cumpro o grato dever de agradecer a V. Ex.ª a honra que nos deram em aceitar o convite que fizemos para a visita às nossas instalações. Para V. Ex.ª, sr. secretário de Estado, este agradecimento reveste um aspecto muito particular, pois avaliamos o sacrifício que esta deslocação representa para quem, como V. Ex.ª é intensamente solicitado pela resolução de todos os pro-

rias dificuldades a maioria do capital da empresa passou para mãos nacionais em 1964 e o que restava das posições estrangeiras tornou-se pertença de accionistas portugueses em 1966. A partir desta data, a S. E. P. S. A. passou a ser uma empresa integralmente nacional não só quanto a capital, como a corpos gerentes e técnicos. Os números seguintes permitirão a V. Ex.ª verificar qual foi o caminho percorrido de 1956 até ao presente: 1957 — Produção em contos: 4831; efectivos: 120; 1958: 3091, 104; 1959: 11 760, 226; 1960: 11 695, 166; 1961: 10 111, 170; 1962: 13 560, 200; 1963: 25 002, 249; 1964: 24 795, 216; 1965: 25 212, 336; 1966: 36 401, 402; 1967: 76 149, 634; 1968: 150 396, 896. Sendo a produtividade uma das nossas grandes preocupações, ind.ª creemos a V. Ex.ª a evolução de 1966 a 1968 de dois dos índices cuja variação seguimos muito atentamente. Escolhemos este período porque, como tive ocasião de dizer, foi em 1966 que pusemos em execução um plano intensivo de reestruturação dos nossos quadros e renovação das

duzir o equipamento referido. Trata-se da prensa para dobrar a frio chapa de aço até espessuras de .00 milímetros e do torno paralelo com 22,5 ou 30 metros entre pontos para diâmetros até 7,5 metros.

Este conjunto de máquinas, aliado ao facto de a nossa associada Cometa se ter lançado no fabrico de peças de aço vazado até 50 toneladas, utilizando as unidades de fusão da Siderurgia Nacional, segundo um esquema proposto por ela a esta última empresa, permitiu fixar de forma definitiva em Portugal o fabrico de equipamentos que, há quatro escassos anos, era impossível produzir localmente. A título de exemplo destes equipamentos pesados, citarei que nos últimos três anos o conjunto Cometa-Sepa fabricou linhas completas para produção de cimentos e uma instalação de laminagem de carril. Neste momento está em curso o fabrico, também pela primeira vez no nosso País, dos cubos das rodas Kaplan para as turbinas destinadas ao aproveitamento da Régua. Em face do que des-

<b>INDICE BORGES &amp; IRMAO</b> COTAÇÃO DAS ACCOES (Base: Dez. 65-100)	GERAL	11/7/69	17/7/69	18/7/69
	METROPOLITANAS	129.8	129.7	129.4
	ULTRAMARINAS	126.8	126.5	126.2
		151.7	153.1	153.2

# A BOLSA DE LISBOA

## COTAÇÕES DE HOJE

ACCOES	Efect.			FUNDOS DO ESTADO		
	Compr.	Venda	Efect.	Compr.	Venda	
<b>Bancos</b>						
Agulharia	1275\$	1270\$	1280\$	Cons. 2 3/4 %	525\$	
Alentejo	765\$	765\$	770\$	Cons. 3 %	540\$	
Angola	—	2400\$	2500\$	Cons. 3 1/2 %	542\$	
Credito Predial	—	2820\$	2880\$	Cent. 4 %	645\$	
Espirito Santo	—	—	—	Ob. les 5 % - 1967	1490\$	
Fonseca & Burnay	—	18000\$	20000\$	Ext. 1ª serie	1000\$	
Lisboa & Açores - D.	7300\$	7250\$	7350\$	Ext. 1ª serie cat	830\$	
Nac. Ultramarino - D.	—	2270\$	2350\$	Ext. 3ª serie	800\$	
— CD	—	2520\$	2580\$	Ext. 3ª serie cat	900\$	
Port. do Atlantico	—	—	6700\$	Caut. do 3ª serie	175\$	
Portugal - D.	—	3450\$	—			
Totta Aliança	6800\$	6800\$	6900\$			
<b>Seguros</b>						
Alentejo	—	72\$	75\$			
Bonança	—	—	—			
Nacional	—	505\$	—			
Soberana	—	2200\$	—			
Tranquilidade	—	1600\$	—			
Ultramarina	—	45000\$	—			
—	—	15000\$	30000\$			
<b>Agua, Electricidade e Gas</b>						
Agua de Lisboa - p.	412\$	410\$	—			
Agua de Lisboa 1934	—	—	—			
— D	—	412\$	415\$			
Electricidade das Beiras	—	1565\$	1600\$			
Gas e Electricidade	4105\$	4105\$	411\$			
H. E. Alto Alentejo	—	—	159\$			
H. E. Covado	1248\$	1248\$	1249\$			
H. E. Douro	1250\$	1249\$	1250\$			
H. E. N. de Portugal	—	—	305\$			
H. E. S. Estrela	—	—	—			
H. E. Zêzere	—	1330\$	1350\$			
Nac. de Electricidade	1335\$	1330\$	1345\$			
Termoelectrica Port.	1341\$	1340\$	1344\$			
União E. Portuguesa	195\$	195\$	1955\$			
<b>C.ª Diversos</b>						
Celulosa do Guadiana	—	7250\$	7400\$			
Cilla	—	6000\$	6400\$			
Cimentos Tejo	—	3900\$	4000\$			
Cimentos Leiria	4000\$	3900\$	4000\$			
Empor	—	1075\$	1100\$			
F. Ramada	—	120\$	120\$			
Fornas Electricas	120\$	1195\$	120\$			
Industrial Altiã	1620\$	1620\$	1630\$			
Industrial Port. e Col.	3150\$	3100\$	3150\$			
Nac. Navegação	—	970\$	1000\$			
Navegação Colonial	1620\$	1610\$	1630\$			
Nitratos	2120\$	2100\$	2150\$			
Petroquímica	4000\$	3950\$	4020\$			
Port. de Celulosa	—	1000\$	1060\$			
Port. de Pesca	4760\$	4760\$	4780\$			
Sacar	1340\$	1330\$	1360\$			
Siderurgia - D.	—	2820\$	2870\$			
Socel	—	64\$	65\$			
Tabacos (Portuguesa)	—	650\$	1050\$			
Tabacos de Portugal	—	—	—			
Tabacaria	1240\$	1230\$	1250\$			
União Fabril	778\$	772\$	780\$			
U. F. Azoto	—	—	—			
<b>C.ª Ultramarino</b>						
Açúcar de Angola	—	750\$	760\$			
Ag. Casquete	730\$	725\$	730\$			
Ag. Incornati	—	1800\$	—			
Ag. das Neves	—	300\$	360\$			
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	1100\$	1150\$			
Angolana de Agricult.	—	—	200\$			
Boror	—	75\$	90\$			
Boror Comercial	—	19\$	20\$			
Buz	75\$	75\$	76\$			
Cabrita	—	158\$	200\$			
Combustiveis do Lobito	805\$	805\$	810\$			
Diamantes de Angola	1680\$	1680\$	1685\$			
H. Elect. do Revue	—	—	650\$			
Illa do Principio	—	950\$	1070\$			
Mocimboa	—	119\$	120\$			
Sonete - D.	370\$	365\$	372\$			
Zambézia	76\$	76\$	765\$			
<b>FUNDOS DE INVESTIMENTOS</b>						
F. I. Atlantico	—	174\$	179\$			
F. I. D. E. S.	—	117\$	121\$			

## COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS

NOTAS	Compr.		Venda		OURO	Compr.		Venda	
Africa Sul - Rand	35\$00	37\$50			Alemanha - 20 marcos	470\$00	520\$00		
Alemanha - Marco	—	7\$05	7\$30		América - 5 dólares				
América - Dólares					Cab. mulher	1350\$00	1550\$00		
de 1 e 2	28\$25	28\$65			5 dólares				
de 5 e 1000	28\$40	28\$80			Cab. indio	1900\$00	2200\$00		
Argentina - Peso	\$06	\$09			10 dólares				
Austria - Schilling	1\$08	1\$15			Cab. mulher	1350\$00	1550\$00		
Belgica - Franco	\$52	\$55			10 dólares				
Brasil - Cruz novo	5\$50	7\$50			Cab. indio	1900\$00	2200\$00		
Canada - Dólar	26\$20	26\$70			20 dólares	1850\$00	2100\$00		
Dinamarca - Coroa	3\$70	4\$00			Bélgica - 20 francos	390\$00	430\$00		
Espanha - Peseta	\$402	\$417			Francia - 20 francos	390\$00	430\$00		
Francia - Franco	5\$40	5\$80			Holanda - 10 florins	390\$00	430\$00		
Holanda - Florim	7\$75	8\$00			Inglaterra - Libra Isabel	317\$00	332\$00		
Inglaterra - Libra	67\$20	69\$20			Libra Antiga	345\$00	360\$00		
Italia - Lira	\$0445	\$0465			1/2 libra	255\$00	275\$00		
Marroco - Dirham	4\$75	5\$25			Italia - 20 litras	390\$00	430\$00		
Noruega - Coroa	3\$90	4\$20			México - 50 pesos	1900\$00	2050\$00		
Suecia - Coroa	5\$40	5\$70			Portugal - M. de 25000	600\$00	800\$00		
Suiza - Franco	6\$55	6\$75			M. de 50000	1350\$00	1600\$00		
					M. de 100000	2900\$00	3300\$00		
					Barra fina	385\$00	40\$00		
					Suiza - 20 francos	390\$00	430\$00		

OBS.: Todas as operações de venda são captivas do imposto de transacções (1,5 por mil).

# VISITA DO SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA ÀS INSTALAÇÕES DA S. E. P. S. A.

(Continuação da pág. 14)

mplásticas; aumentar e instalar convenientemente o equipamento de ensaios necessário ao «controle» de qualidade dos produtos fabricados e à entrada em serviço das máquinas fabricadas; estruturar os quadros da Divisão de Construções Eléctricas em ordem a poder, no mais curto prazo possível, tornar a nossa laboração, progressivamente, independente da colaboração estrangeira.

É óbvio que interessa à economia nacional fixar estes fabricos em Portugal, pois são caracterizados por um elevado valor acrescentado e, normalmente, são unitários ou em baixíssima série. Reúmem, portanto, as condições para que, quando fabricados no País, possam enfrentar a concorrência estrangeira. No entanto, para que a existência de um construtor nacional de alternadores seja viável em termos de boa produtividade e economia, haverá que reunir pelo menos duas condições: garantir à laboração desta indústria um mínimo de regularidade; dar ao construtor nacional a possibilidade de treinar intensivamente os seus técnicos durante alguns anos, obtendo o apoio de um fabricante estrangeiro de renome internacional; apoio aduaneiro. Em relação à primeira condição e dada a pequena dimensão do mercado nacional — metropolitano e ultramarino — julgamos fundamental que nas encomendas de todos os alternadores necessários ao País se preveja a participação da S. E. P. S. A. Só deste modo se consolidará a nossa especialização e será permitida uma exploração em termos de rentabilidade aceitáveis dos meios de produção existentes. Num mercado com a dimensão do nosso, isto é, em que as encomendas mal chegam para manter em actividade um único fabricante de alternadores, é desastroso o facto de as encomendas serem colocadas com grande irregularidade e ainda, o que é pior, sem ter em conta a especialização que se tem procurado e que julgamos essencial por uma questão de sobrevivência.

Para satisfazer à segunda condição, a que diz respeito ao treino intensivo de técnicos, torna-se necessário estabelecer relações estreitas com um grande construtor de classe verdadeiramente internacional. Só deste modo poderemos promover estágios frequentes durante os quais se estabeleça um ambiente de abertura total e uma permuta de informações técnicas sem qualquer reserva. A nossa experiência mostra ser impossível efectuar estágios nos moldes apontados utilizando fabricantes estrangeiros com os quais haja relações esporádicas normalmente consequência de uma só encomenda. Para resolver este problema entregamos na Secretaria de Estado da Indústria uma exposição propondo uma solução que permitisse à S. E. P. S. A. trabalhar durante um período de cinco anos em ligação permanente com um construtor estrangeiro de renome internacional. A partir desse período e tendo a S. E. P. S. A. constituído um quadro técnico de elevado nível estaria então em posição conveniente para o trabalho em regime de «open

shop», caso fosse de boa política, pois que as ligações a estabelecer para cada encomenda constituiriam, em princípio, meio suficiente para actualização dos seus quadros. Julgamos que a resolução deste problema continua a revestir carácter urgente e lembramos, por exemplo, que no ramo da construção de transformadores de grande potência, o caminho seguido foi semelhante ao que propomos estando os resultados bem à vista.

Em termos de produção foram realizadas ou registadas nos três últimos anos as seguintes encomendas: 1966/67 — Brown Boveri — Mague/ETP (Central do Carregado I e II) — Fabricação metalomecânica parcial e corte de chapa magnética estatórica — 2x156 000 kVA — 20 %; 1968 — Asea-Hidouro (Central do Carrapatelo) — Fabricação metalomecânica parcial — 3x67 000 kVA — 15 %; 1968 — Asea-Hidouro (Régua) — Fabricação metalomecânica e eléctrica parciais — 3x58 000 kVA — 57 %; 1970 — Asea Elétrica/Efacec/Jordão & C.ª (Central do Corvete) — Fabricação total — 1x1750 kVA — 100 %; 1971 — Asea / Sofomil / H. E. A. Catumbeia (Central de Lomaum) — Fabricação metalomecânica e eléctrica parciais — 1x18 750 kVA — 40 %.

Além destas realizações a S. E. P. S. A. perdeu em 1968 o fornecimento do alternador para Vilarinho das Furnas, cuja parte metalomecânica vai ou está a ser produzida por um fabricante nacional, sendo, no entanto, toda a parte eléctrica de fabrico estrangeiro. Também perdemos, infelizmente, o fornecimento do alternador destinado à Central de Belver, não nos constando, até esta data, que esta máquina esteja a ser construída, total ou parcialmente, em Portugal.

Devido à perda das encomendas atrás referidas, e para evitar uma paragem completa da Divisão de Construções Eléctricas, a S. E. P. S. A. produziu, por subcontrato da Asea e por feliz insistência dos clientes portugueses, motores de indução cuja potência varia entre 2250 CV e 3500 CV, utilizando nesse fabrico a instalação existente.

Sr. secretário de Estado e meus Senhores: Vou ter-

minar estas considerações formulando dois votos. O primeiro dirigido a V. Ex.ª, sr. secretário de Estado; o segundo a VV. Ex.ªs, srs. industriais, produtores de energia. No momento em que vai ser estudada a reestruturação deste sector industrial solicitamos que seja tomado em devida conta o esforço realizado pela S. E. P. S. A. e que haja o cuidado de corrigir determinados elementos de informação. E, por exemplo, o caso de um relatório em boa hora mandado elaborar pelo I. N. I. L., em que o seu autor, sr. Varichon, apresenta conclusões erradas no capítulo dedicado à construção do material eléctrico pesado, e isto, apesar de termos tido o cuidado de lhe fornecer elementos precisos sobre a nossa empresa e o mercado nacional e até, nos termos expressamente deslocado a França para reforçar esses elementos.

A VV. Ex.ªs, srs. industriais, queria lembrar que a nossa indústria não é subsidiada pelo Estado, à semelhança de muitas das indústrias estrangeiras quando se apresentam a concorrer em Portugal. A guerra que nos é movida em Africa e o esforço de conjunto que devemos fazer para desenvolver a nossa economia em ordem a diminuir o tempo perdido, contra-indicam de forma inequívoca a hipótese de colocar encomendas de equipamento no estrangeiro, sempre que este possa ser produzido em Portugal em boas condições de qualidade, preço e prazo de entrega. Os preços de «dumping», subsidiados ou não, que as empresas estrangeiras oferecem no nosso mercado devem ser, em nosso entender, pura e simplesmente ignorados e, para para aferir do bom ou mau nível de preços da indústria nacional, as nossas cotações devem ser comparadas com aquelas que as empresas estrangeiras praticam nos seus próprios mercados.

Sempre que assim não fizerem, poderão as vossas empresas beneficiar de uma economia momentânea, mas não restam dúvidas que tais decisões contribuirão para aumentar o atraso da nossa economia e, o que é grave, ajudarão a cecear as possibilidades de promoção social a que os portugueses têm direito.

## O ESTADO DO TEMPO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo, o vento era fraco e havia nevoeiro em alguns locais do litoral oeste, para norte do cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS DE HOJE — Lisboa, 25º; Porto, 17º; Coimbra, 16º; Penhas Douradas, 23º; Portalegre, 29º; Faro, 29º.

TEMPERATURAS NA COSTA DO SOL, AS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar, 18º; na atmosfera, 29º.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente limpo, vento fraco

a moderado de nordeste, nevoeiro ou neblina no litoral oeste, para norte do cabo Carvoeiro, durante a manhã.

SOL — Amanhã — Nascer: 6.27; ocaso: 20.58.

FASES DA LUA — Dia 22: Quarto crescente. Dia 29: Lua cheia.

MARÉS — Praia-mar — Amanhã: 7.00 (3.6 m); 19.12 (3.8 m). Dia 20: 7.37 (3.5 m); 19.52 (3.7 m). Dia 21: 8.17 (3.5 m); 20.35 (3.6 m).

Baixa-mar — Amanhã: 0.30 (1.1 m); 12.42 (1.2 m). Dia 20: 1.10 (1.1 m); 13.20 (1.3 m). Dia 21: 1.52 (1.2 m); 14.07 (1.1 m).



PÁGINA DO FECHO

## RECEPÇÃO NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O Presidente da República recebeu ontem, ao fim da tarde, no Palácio Nacional de Belém, o Presidente do Conselho que lhe apresentou cumprimentos em seu nome e no da comitiva que o acompanhou ao Brasil. O Presidente do Conselho referiu ao Chefe do Estado os aspectos principais da visita ao Brasil e os resultados que dela se esperavam. O almirante Américo Thomaz agradeceu os cumprimentos e telecitou o Chefe do Governo e a sua comitiva pelo esforço feito, do qual, estava seguro, muitos benefícios resultariam para a Comunidade Luso-Brasileira e para um mais concreto e vigoroso impulso da mesma.

## HOMENAGEM À MEMÓRIA DO ENG.º DIAS URBANO

Haverá amanhã, às 11 e 30, em Lusitanos, na serra da Estrela, uma sessão de homenagem à memória do eng.º João Dias Urbano, cuja actividade se desenvolveu principalmente no estudo e orientação dos trabalhos de construção das estradas. Assistirá à cerimónia o ministro das Obras Públicas e será descerrada uma lápida de bronze no alto da serra. O elogio do eng.º Dias Urbano será feito pelo general Flávio dos Santos.

## PERÍMETRO DE PROTECÇÃO DAS RUÍNAS DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

O ministro das Obras Públicas declarou a utilidade pública da expropriação de vários prédios situados na zona do perímetro de protecção das Ruínas do Teatro Romano de Lisboa, «com todas as suas acessões e servidões, sem reserva alguma, abrangendo os direitos relativos aos respectivos arrendatários e incluindo nestes os das propriedades municipais, por haver indícios de que no seu subsolo existam ruínas de edificações romanas que é de todo o interesse pôr, desde já, a descoberto. A decisão ministerial abrange as propriedades seguintes: prédio urbano situado na Rua da Saudade, 10-12, freguesia de Santiago, pertencente a Júlio Jacinto Gomes Ferreira; prédio urbano situado na Rua da Saudade, 23, e Rua de S. Mamede, 8 e 8-A, freguesia de Santiago, descrito na Conservatória do Registo Predial, em nome de Noémia Emília da Con-

# COMEMORAÇÕES DO DIA DA ARMA DE CAVALARIA

Decorreram hoje, na Escola Prática e em todas as unidades de cavalaria da Metrópole várias cerimónias comemorativas do Dia da Arma de Cavalaria, cujo patrono é Mouzinho de Albuquerque. No Ultramar, bem como no Regimento de Cavalaria n.º 3, em Estremoz, onde este ano os actos se revestiram de particular relevo, as comemorações efectuaram-se no próximo dia 21.

### • EM LISBOA

Hoje, pelas 10 horas, o director da Arma de Cavalaria presidiu a uma romagem à campina de Mouzinho, no cemitério dos Prazeres que contou com a presença do governador militar de Lisboa. Efectuou-se em seguida, no R. L. 2, uma festa de confraternização entre o Regimento de Lanceiros 2 e o Regimento de Cavalaria 7, a que também presidiu o governador militar.

No próximo dia 21, pelas 17 horas, uma delegação da direcção da Arma de Cavalaria entregará na Cruz Vermelha Portuguesa em nome dos cavaleiros um subsídio para a campanha «Um escudo para uma casa» promovida por aquela instituição.

### • EM SANTARÉM

Em Santarém às 10 e 15, houve formatura geral tendo sido pronunciadas palavras alusivas e procedendo-se em seguida à chamada dos miliares a condecorar, presentemente em serviço na E. P. C. Verificou-se, depois, a distribuição de prémios desportivos e de placas «Mouzinho de Albuquerque», terminando as cerimónias com uma marcha com um desfile das forças em parada. A partir das 17 horas decorrerá uma «poule» hípica e, às 21 e 30 será exibido o filme «A Cavalaria».

### • EM ESTREMOZ

Na próxima segunda-feira, dia 21, será em Estremoz com

as cerimónias se revestirão de particular relevo. Às 10 e 30 haverá formatura geral da unidade na Praça do Rossio de Estremoz, seguida da leitura da saudação do general director da Arma de Cavalaria que ali expressamente se desloca. É proferida então, uma alocução sobre o Dia da Cavalaria e seu patrono procedendo-se em seguida à entrega de placas e louvores, encerrando-se esta primeira parte das cerimónias com um desfile em continência das forças em parada. Após este desfile ocorrem várias inaugurações, a que se seguirá um almoço de confraternização. À noite, no Teatro Bernardino Ribeiro, decorrerá um sarau destinado às praças do Regimento de Cavalaria 3. Todas estas cerimónias contarão com a assistência dos comandantes da E. P. C. e de todas as unidades da Arma de Cavalaria.

### • NO PORTO

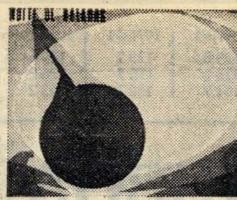
No Regimento de Cavalaria 6, ao Monte Pedral, as cerimónias serviram também para solenizar o dia da unidade. Assistiram o 2.º comandante da I Região Militar, comandantes das unidades da guarnição do Porto, presidente do Tribunal Regional e outras entidades.

## FESTIVAL DO FILME TURÍSTICO

Continua esta noite, nas instalações do antigo Casino Estoril, o I Festival Internacional do Filme Turístico promovido pelo jornal português para profissionais de turismo «Publituris».

A sessão de hoje é preenchida com três filmes belgas, dois austríacos e dois japoneses.

As sessões terminam amanhã e os prémios serão divulgados no domingo, à noite.



O cartaz anunciado das baladas

## SESSÃO DE BALADAS NO INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

Promovida pela Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia, efectua-se amanhã, pelas 21 e 30, naquele estabelecimento de ensino, uma sessão de baladas, cuja organização está a despertar o maior interesse nos meios estudantis.

Trata-se de mais uma reunião de cultura integrada no programa cultural daquela Associação, dentro do melhor estilo de convivência e simpatia.

A sessão de baladas terá a participação do padre Fahnals, Música Novorum, Manuel Freire, etc. Espera-se, igualmente, a colaboração de Carlos Paredes.

A reunião decorrerá na Tapada da Ajuda, precisamente no anfiteatro ao ar livre, como é do agrado geral nas noites calmosas da época presente.

## UMA SUGESTÃO:

# DESCONTO DE 50 POR CENTO (AOS FINS DE SEMANA) NA PORTAGEM DA PONTE

Domingo na Marginal é um inferno! Todos o sabem. Longas filas de automóveis, que atingem quilómetros de extensão, com paragens intermináveis, enormes dificuldades de estacionamento ao longo das praias, onde por vezes nem sequer existe um buraco para meter uma trotinete.

São várias as razões que levam os automobilistas a preferir as praças da «linha». Mas uma delas, talvez a mais importante, é, para muitos, o elevadíssimo preço da portagem na Ponte sobre o Tejo, que os inibe de se deslocarem às praias da Outra Banda, nomeadamente à Costa da Caparica.

A C. P., por exemplo, já há algum tempo que pratica tarifas especiais nos seus comboios, aos fins-de-semana. Por que não oferecer descontos

especiais, aos fins-de-semana, no pagamento da portagem, na Ponte?

Poder-se-ia estabelecer um regime de descontos a vigorar, por exemplo, entre as 20 horas de cada sexta-feira e as 8 horas da segunda-feira seguinte. Acreditamos, até, que o abaixamento da portagem seria amplamente compensado, e mesmo o ultrapassado, pelo muito maior afluxo dos veraneantes!

Resolver-se-iam muitos problemas, designadamente o do tráfego de veículos na Marginal e atender-se-ia um legítimo anseio da população, cujos direitos também são extensivos aos períodos de lazer.

Aqui fica, portanto, a sugestão, à atenção do Gabinete da Ponte. E o desejo de que ela possa ter a solução desejável, em curto período de tempo!

# COMEÇAM HOJE AS FESTAS DA SENHORA DA ARRÁBIDA EM SETÚBAL

SETÚBAL, 18 — Começam hoje, prolongando-se até ao próximo dia 21, as festas em louvor de Nossa Senhora da Arrábida, das mais típicas da região, e que costumam atrair milhares de forasteiros procedentes da capital e de outras terras, algumas distantes.

O programa de festas abre, logo à noite, com o Grupo Musical percorrendo as ruas da cidade, a anunciar os festejos e a cumprimentar os juizes e festeiros. Amanhã, às 8 horas, celebra-se missa na igreja paro-

quial de Nossa Senhora da Anunciada e, às 15 horas, sairá o cirio em procissão pelas principais artérias. Às 16 horas, partida em romagem pelo mar e, às 17 e 30, procissão do Portinho para a serra da Arrábida, em cumprimento de promessas.

No domingo a alvorada será às 7 horas, seguindo-se missa solene, sermão e procissão até ao Bom Jesus e Largo das Mesquitas, a partir das 10 e 30. Na segunda-feira, também às 10 e 30, haverá missa na capela do dr. Manuel Vinhas, seguida de

visita à Lapa de Santa Margarida. Está marcada para as 18 horas a partida da procissão fluvial do Portinho para Setúbal.

### • O Chefe do Estado assiste à II Festa do Mar

Os ministros do Interior da Marinha e das Corporações e o secretário de Estado do Comércio foram convidados a deslocar-se à capital do Sado no próximo dia 5 de Agosto, por ocasião da II Festa Nacional do Mar, que contará com a presença do Presidente da República. Com esse objectivo, o governador civil, o presidente e na qualidade de presidente da Comissão de Festas da Cidade de Setúbal (Feira de Sant'Iago), o vice-presidente da Câmara Municipal avistaram-se com aqueles membros do Governo, formulando os respectivos convites.

## CRUZEIRO DE FÉRIAS A ANGOLA

Por iniciativa da Agência-Geral do Ultramar, vai efectuar-se um cruzeiro de férias a Angola, a bordo do «Príncipe Perfeito». Este paquete larga da Estação Marítima de Alcântara, amanhã, sábado, às 10 horas.

O cruzeiro tem por finalidade dar a conhecer aos viajantes as terras angolanas e também contribuir para a promoção turística nacional. Estão previstas excursões dentro da cidade e aos arredores de Luanda, à ilha de Mossulo, Barra do Cuanza, Fazenda Tentativa, Cambambe, Vila Salazar e Malanje, assim como às quedas de água do Duque de Bragança e ao Dondo.

No regresso a Lisboa, o paquete fará escalas em S. Tomé, Las Palmas e no

# a papeleria da moda é uma nova papeleria da moda

É verdade, a nova Papeleria da Moda, reabriu totalmente remodelada!

Continua na mesma rua, exactamente no mesmo local, e, é claro, inconfundível como sempre!

A Papeleria da Moda, agora reorganizada em moldes completamente novos, permite aos seus clientes a fácil escolha e rápida aquisição de qualquer artigo.

*até breve!*

**PAPELERIA DA MODA**  
167-RUA DO OURO-173-LISBOA

# a semana

18 DE JULHO DE 1969

A CAPITAL

suplemento  
de sexta-feira



JULHO

21

*dia em que  
sabermos se  
esta antecipa-  
ção se tornou  
realidade*



# A MAFIA

## APODERA-SE OUTRA VEZ DO PORTO DE NOVA YORK

OS TRABALHADORES DOS CAIS E AS SUAS FAMILIAS SOB O TERROR DOS «GANGSTERS»

NOVA YORK — As autoridades dos Estados de Nova York e Nova Jersey afirmam que a Mafia voltou a apoderar-se das zonas portuárias da cidade de Nova York que se estendem por costas pertencentes a ambos os Estados. O poder dos «gangsters» sobre os descarregadores dos cais e sobre as actividades das zonas portuárias — o Water Front, como se designa aqui — fora desarticulado há quinze anos, depois de intensos esforços das autoridades. Esta situação e o clima geral do porto de Nova York forneceram o tema para mais de uma

novela policial e para inúmeros filmes de pancadaria.

Agora afirma-se que a Mafia se apoderou do monopólio da importação de várias mercadorias, entre as quais se destacam as bananas. Segundo as mesmas fontes, a sinistra organização estadunidense controla quase a totalidade da carga e descarga das zonas portuárias mais activas dos Estados referidos.

É muito possível que esta situação se estenda a outras mercadorias, a menos que se adotem quanto antes medidas repressivas bastante enérgicas para pôr cobro às actividades dos bandidos.

William Sirignano, director da comissão administrativa do porto de Nova York, confirmou esta situação numa reunião com a comissão de relações no trabalho para o Estado de Nova Jersey. «Estes «gangsters» trouxeram novamente com eles toda a gama de extorsões, coacções e maus tratos, de que são vítimas os trabalhadores», disse Sirignano, que acentuou: «Com a chegada destes elementos da alta sociedade do crime norte-americano, há que estar preparado

para assistirmos a todo o tipo de violências contra os pacíficos trabalhadores portuários».

Sirignano afirmou ainda que se não se tomarem todas as disposições que as circunstâncias aconselham dentro de poucos meses voltar-se-á a situação de 1953, quando a Mafia era dona e senhora dos cais e desafiava impunemente a lei. Nessa altura foi necessário desenvolver um esforço considerável para se mondarem as más ervas que cresciam livremente no porto de Nova York. Agora ter-se-á de repetir a operação se se não quiser regressar a um estado de coisas ainda mais grave.

### OS INTERESSES DO PORTO DIVIDIDOS POR TRÊS FAMILIAS

Ao que parece, são três as famílias da célebre «Cosa Nostra» que repartem amistosamente entre si o rendoso mercado do porto de Nova York. Uma delas é a que reconheceu como chefe o famoso Vito Genovese, até ao seu recente falecimento, na cadeia. Agora é dirigida pelo seu irmão Miguel e pelo que na vida do primeiro ocupou o posto de lugar-tenente, Gerardo Catena. A segunda família foi dirigida por outro famoso «gangster», inscrito em letras de fogo nos anais do crime deste turbulento país. Era conhecido por José Bananas. A sua detenção, há anos, revestiu-se de aspectos espectaculares, dignos do cenário de Chicago nos anos vinte. Actualmente, o bando está às ordens de Joseph Zicarelli e de Pail Sicacca. Finalmente está a família de Simorizo de Calvalvante Alias, o «São El Fontanero», com o centro principal de actividades em Nova Jersey.

Estas quadrilhas de criminosos da alta sociedade norte-americana costumam actuar através das organizações sindicais e organizam sérias represálias contra os operários que se negam a obedecer-lhes. Um dispositivo de terror entre os estivadores e as suas famílias permite aos bandidos dispor da vontade destes. É assim que a Mafia consegue importantes lucros nas operações de carga e descarga.

Todos os nomes acima citados pertencem a uma lista (excluídos os mortos) das pessoas que começaram a prestar declarações perante uma comissão governamental de inquérito no dia 8 de Julho. Pensa-se aqui que as actividades desta comissão poderão ser a mais séria tentativa de todos os tempos para desarticular as quadrilhas de criminosos de Nova Jersey.

A ofensiva contra os bandos da Mafia — o crime institucionalizado, como se costuma dizer aqui — foi iniciada pelo presidente Kennedy e tomada como bandeira de combate pelo seu irmão Robert, então ministro da Justiça. O presidente Nixon mostra-se disposto a ir para a frente nesta questão. Recentemente enviou ao Congresso uma importante mensagem, que os criminalistas nova-iorquinos consideram uma perfeita análise das camadas criminosas do país.

O ataque contra os bandidos do Water Front pode ser uma das principais batalhas da nova ofensiva. Do seu desenvolvimento e possível êxito dependerá em boa parte a futura tática das autoridades contra os obstinados e poderosos (financeiramente) dirigentes da tenebrosa e de certo modo protegida «Cosa Nostra».



(Desenho de Fernando Bento)

# AMEIXOEIRA

## o tempo parou aqui

A estrada deixa o Lumiar, à direita, por uma subida suave entre campos esquadriados de verde e edifícios espaçados em construção.

A Ameixoeira é uma pequena aldeia de casas rasas, cor de telha, rentes à rua principal (a Rua Direita), deserta a esta hora da tarde. (A terra chamou-se primeiramente Mixoeira, até ao século XVII, depois Ameijoeira e Funchal. Júlio de Castilho atribuiu-lhe o nome à grande quantidade de amêijoas fós-

gem fechada e dos olhares que me fixam — intruso sem razões nem garantias.

Edifícios sóbrios de muitos séculos (a igreja paroquial, que já existia em 1500, a casa de Santa Clara, as residências apalaçadas) foram envolvidos aos poucos por fiadas de casas térreas, num contraste de épocas (de desigualdades) que fere e sugestiona.

• «... A modos que um quarto onde a gente vem dormir»

Encostada à entrada da porta, a mulher (ve-

aqui onde trabalhar-se? Se houvesse fábricas, fábricas grandes como na cidade, então a gente não precisava de sair de cá. E olhe que a terra é bonita! Não digo isto por ser de cá, mas é bonita mesmo. E se construissem esses prédios altos, modernos, que constróem p'ras outras bandas, então veria como isto parecia diferente. Assim não, não constróem nada e tudo está na mesma, pior, muito pior, para ser mais verdadeira, do que quando era cachopa.

«Os autocarros levam a gente depressa p'ra Lisboa, lá isso levam, não chegam a demorar um quarto de hora e de manhã há-os com fartura. Mas custam caro, três escudos só pr'ó Marquês, p'ra eles vai uma renda.

• «É tão bom ver a Terra com gente, com alegria!»

«Enfim, que se lhe há-de fazer? A tardinha isto melhora, anima muito, vêm os rapazes, conversa-se, parece outra coisa. E é tão bom ver a terra com gente, com alegria!»

As palavras da mulher (a tia Maria da Conceição, no seu dizer estridido, quase cantante) ficam no ar, cheias de lamentações, num eco miudinho.

Um grupo de garotos surrados passa a correr espantando as galinhas roncadas no largo, defronte da igreja, onde se ergue uma cruz de pedra centenária. O próprio templo (igreja de Nossa Senhora da Encarnação, do século XVII cuja ca-

pela-mor foi construída mais tarde, em 1861) está quase sempre fechada, que o padre não vive cá e os visitantes escasseiam nesta altura.

Além da igreja, a Ameixoeira tem duas escolas, um clube recreativo (com televisão, jogos e grupo de futebol) uma Junta de Freguesia (onde o médico vai duas vezes por semana), sete tabernas e mercearias e duas distribuições diárias de correio.

— Aqui o grande problema são as rendas de casa. Calcule que não se arranja nada por menos de 600 a 700 escudos, e é uma sorte encontrá-las. Nem chegam a levar escritos. Mas se ao menos fossem casas boas! Qual quê, veja, é esta miséria que se vê... pequenas, velhas, sem comodidades... As casas são a nossa grande dor de cabeça, porque o trabalho lá se vai arranjando de uma maneira geral. Mal pago, é certo, apesar dos patrões dizerem que nós ganhamos que nem fidalgos... Mas a renda de casa e a bucha levam-nos tudo. Nem sequer fica para uma pessoa se divertir um pedaço. Diversões aqui também não há. A gente chega do trabalho, e quase todos trabalhamos em Lisboa e, não há nada. Aparte uns joguitos, a televisão, uns dedos de conversa...

(O homem sorri de frente. Um sorriso gretado de tempos e dureza, a fender-lhe o rosto sem ilusões. Mas os olhos são serenos e o perfil é fino,

e as palavras são macias. É o sr. Domingos de Freitas Martins).

«... É preciso matar o tempo e não pensar nas ralações da vida, pois c'os diabos, um homem necessita de espaiar. Ao sábado pode-se ir para Lisboa, ao outro dia é domingo, o corpo pode ficar mais um bocado na cama, que bem precisado anda!»

• «Os que mandam não dão satisfações aos de baixo»

«Pergunta se há projectos para melhorar isto? Eu sei lá, também se os há nunca ouvi falar deles, que essas coisas dizem respeito às pessoas de cima e os que podem e mandam não dão satisfações aos de baixo. Isto é uma aldeola antiga, como qualquer outra, igualzinha a todas, sem nada de especial. Só se for para pior.

«É claro, nós vivemos aqui, por isso temos de continuar. Também tínhamos de viver em algum lugar. Os mais no-

vos é que se não conformam e fazem as malas... isto não dá futuro. A agricultura não existe, o comércio também não, a indústria ainda menos, assim o que é que a gente daqui, os pobres como nós, podem fazer?»

Domingos Monteiro fica silencioso a desandar lentamente o cigarro apagado entre os dedos grossos. Ao longe ouvem-se, abafados, os autocarros na estrada de Lisboa. Daqui a pouco chegarão a chegar as pessoas. Silenciosas, cansadas. Não encontrarão confortos nem distrações que as estimulem, as tranquilizem. Não há actividades para as horas (poucas) livres. O convívio é frouxo. O isolamento, a solidão, tornaram-se constantes, aceites já passivamente.

• «Apenas dormitórios neorastanizantes»

Os subúrbios de Lisboa (como este) são apenas dormitórios amontoados,

(Continua na pág. 10)



Reportagem de FERNANDO DACOSTA



seis existentes no local, afirmando que «estes cerros são certamente a sublevação metamórfica de bancos submarinos».

lha e suave) fala-me serenamente de coisas várias, coisas sem importância, numa toada arrastada, sobre a vida, ali, sem esperanças...

• Um contraste singular de épocas e de desigualdades

No fundo, é uma povoação igual a milhares, onde os únicos sinais da grande cidade (apenas a 10 quilómetros) são as tabuletas dos autocarros (o número um), as vendedoras ruidosas nos seus triciclos motorizados, o posto de alarme da polícia, um ou outro camião de carga.

A volta apenas há tranquilidade e pasmos, desprendidos da paisa-



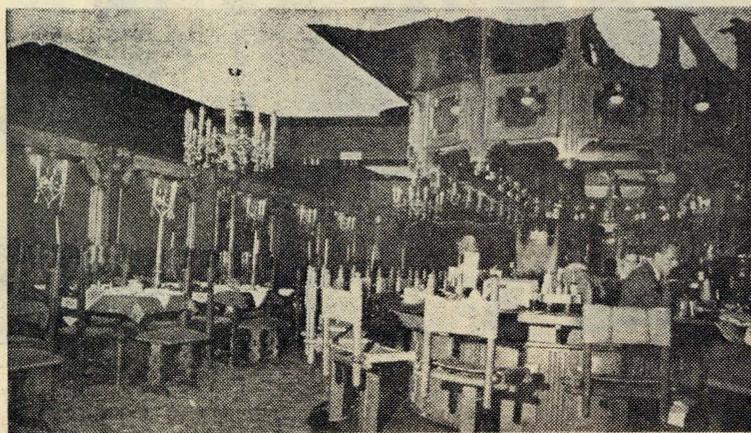
# O SNACK-BAR RESTAURANTE MINABELA

UM DOS MAIS COMPLETOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS DO PAÍS

(SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ AUGUSTO REBELO)

INAUGURADO NA REBOLEIRA-AMADORA

UTILIZOU OS SERVIÇOS DE QUALIFICADOS FORNECEDORES



## Organizações Minabela

Rua Luís Gomes, 19  
Telef. 93 41 23 — Amadora

Av. J. Elias Garcia, 114-118  
Telef. 95 16 11 — Queluz

Rua Elias Garcia, 235  
Telef. 93 81 81-2 — Amadora

MINIBELAS  
Rua de Goa, 1 — Damaia

Av. da República, 12  
Telef. 93 81 81 — Amadora

Av. da República, 22  
Telef. 93 02 26 — Amadora



J. A. DA COSTA PINA  
LIMITADA

O PRINCIPAL FORNECEDOR DE BEBIDAS  
DAS ORGANIZAÇÕES MINABELA

Rua do Alecrim, 73 — Telefones PPC (4 linhas) 32 00 31.4 — LISBOA



ELECTRO-REFRIGERAÇÃO

(VALENTIM, LDA.)

REFRIGERAÇÃO ELÉCTRICA AUTOMÁTICA — COMERCIAL,  
DOMÉSTICA E INDUSTRIAL

R. da Beneficência, 42-B, 42-C, 42-D \* Teleg.: Refrig \* Telef.: 778071-72 \* LISBOA-4

FORNECEDOR DAS INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS



BRONZES SÃO JORGE

Rua S<sup>o</sup> António dos Capuchos 94-A  
Lisboa: Telefones 51825 - 556629 - 51618

FABRICANTES \* IMPORTADORES \* EXPORTADORES  
DE CANDEIROS MODERNOS E DE ESTILO

FORNECEU A ILUMINAÇÃO



SOC. ESPELHOS DUQUE, LDA.

FORNECEU TODOS OS VIDROS E ESPELHOS



cerâmica bial  
de revestimentos vitrificados, lda.

STAND DE EXPOSIÇÃO: Avenida Júlio Dinis, n.º 10-B — LISBOA  
e Rede Nacional de Revendedores

O REVESTIMENTO CERÂMICO VITRIFICADO DOS SALÕES NOBRES  
DO SNACK-BAR MINABELA É MAIS UMA CRIAÇÃO DA CERÂMICA  
BIENAL PARA A INDÚSTRIA HOTELEIRA NACIONAL

BIENAL + PISOS BIENAL + DECORATIVOS BIENAL + PAINÉIS

Sociedade Comercial BRAZ & BRAZ

S. A. R. L.  
FUNDADA EM 1777

SEMPRE PRESENTE NO EQUIPAMENTO DOS MELHORES  
ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS HONRA-SE DE TER  
FORNECIDO OS ARTIGOS DE MESA E COZINHA DO

Snack-Bar Restaurante MINABELA  
REBOLEIRA — AMADORA

A actividade criadora de J. PIMENTA e a experiência  
do dinâmico gerente dos estabelecimentos MINABELA  
JOSÉ AUGUSTO REBELO encontraram na UTILMÓVEL  
10 respostas para a sua pergunta.

COMO CRIAR NO PAÍS EM TEMPO RECORD  
UM DOS MELHORES  
SNACK-BARS RESTAURANTES DA EUROPA

UTILMÓVEL forneceu para o Snack-Bar Restaurante MINABELA,  
na Reboleira-Amadora, equipamentos das seguintes marcas suas  
representadas:

- |                  |  |
|------------------|--|
| <b>FAEMA</b>     | — O expoente máximo italiano em máquinas e moinhos de café             |
| <b>ARNEG</b>     | — A última palavra em frio comercial e estanteria para supermercados   |
| <b>SUPREMA</b>   | — Balança de eixos assentes e pedra ágata                              |
| <b>OMAG</b>      | — Máquinas de gelados expresso o melhor rendimento para o melhor local |
| <b>JETSPRAY</b>  | — Refrigerador de sumos de fama mundial                                |
| <b>OMAS</b>      | — Cortadoras modernas e robustas                                       |
| <b>FAEMARTIC</b> | — O gelo em cubos que distingue o serviço                              |
| <b>TEN</b>       | — Termo para leite, de temperatura constante                           |
| <b>WURLITZER</b> | — Máquina de cigarros — 60 % no mundo das vendas automáticas           |
| <b>CHERGUI</b>   | — Torradeiras modernas e perfeitas                                     |



UTILMÓVEL

10 FILIAIS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS  
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO  
DA HOTELARIA E COMÉRCIO ALIMENTAR  
R. DE S.<sup>o</sup> AMARO (À ESTRELA), 17 A - LISBOA 2

A construção e decoração foram efectuadas em 40 dias por

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telef. 45843 e 47843 + QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 952021-22 + AMADORA - REBOLEIRA  
— Telef. 933670



## do médico para toda a gente

pelo DR. RAMIRO DA FONSECA

### AS DOENÇAS INFECCIOSAS EM PORTUGAL

O baixo nível de educação sanitária do nosso povo não se traduz apenas na sua ignorância voluntária ou involuntária da vacinação, a que em geral só recorre de modo compulsivo, ou esporadicamente em crise de medo passageiro.

A grande maioria dos óbitos por doenças infecciosas verifica-se nas crianças, devidos em grande parte a erros alimentares e à falta de higiene em que essas crianças nascem e se desenvolvem.

Os erros alimentares, sobretudo na primeira infância, perturbam o funcionamento normal do aparelho digestivo e proporcionam as infecções intestinais, que são uma causa de morte frequentíssima nas crianças. Enterites agudas e gastroenterites, muitas vezes mortais, são quase sempre a consequência de sérios erros alimentares, perfeitamente evitáveis, que não têm como causa directa o baixo nível de vida ou as deficientes possibilidades económicas dos pais; são erros que dependem unicamente da ignorância, da falta de educação sanitária do povo. Nos meios onde chegaram e se implantaram os serviços educativos neste sentido, a mortalidade infantil baixou, indiferente à pobreza.

A falta de higiene em tudo que rodeia a criança é outra manifestação da falta de educação sanitária

do povo, outra causa do nosso elevado índice de mortalidade por doenças infecciosas. Por exemplo: irritações de pele por insuficiente limpeza e outros cuidados são portas abertas, escancaradas, a infecções graves que dão o seu ominoso contributo para a mortalidade infantil. E a falta de higiene é uma falta de educação sanitária, pelo menos em grande medida.

Por outro lado, em caso de doença as pessoas não acorrem ao médico enquanto é tempo, mesmo que a assistência clínica seja gratuita, e esta apatia que o povo cultivava, muitas vezes causa de morte estúpida por evitável, é ainda uma falta de educação sanitária. E é a mesma falta que leva essa gente a entregar-se confiadamente nas mãos assassinas de mulheres e homens de virtude, curandeiros e charlatães, ou nas mãos de curiosos e curiosas cuja boa vontade não desculpa a sua ignorância.

A falta de educação sanitária, sobretudo no caso das doenças infecciosas, é o mais importante factor de mortalidade por estas doenças. Se entre os países da Europa temos o mais elevado índice de mortalidade por doenças infecciosas, disputando este triste primeiro lugar com mais uma ou duas nações, devemos-lo principalmente à falta de educação sanitária do povo,

contra a qual temos de lutar.

Mas esta luta contra a ignorância não pode caber só a meia dúzia de médicos cheios de boa vontade, que à maneira de franco-atiradores, utilizando os meios à sua disposição, fazem o que podem e lhes é permitido nesta campanha fragmentária e pouco eficaz a favor da educação sanitária.

O combate contra a doença pela educação do povo não pode ser uma guerra de guerrilhas, feita ao acaso das oportunidades. Tem de ser uma luta organizada, bem orientada e bem municiada, permanente e incansável: tem de ser uma luta do Governo pela saúde dos governados.

Repetidamente o senhor Presidente do Conselho tem afirmado que põe à cabeça das suas preocupações de governante os problemas da educação. E que os considera de primacial importância na promoção social do País. Se Sua Ex.ª pensa, como nós pensamos (e pensamos que pensa) que a educação não é apenas «instrução» primária e secundária, «formação» universitária e profissional, então permito-me a liberdade, isenta e muito legítima, de pedir ao Sr. Presidente do Conselho que ao traçar os seus programas de educação não esqueça, nem situe em plano secundário, a educação sanitária do povo.

# na estrada do Progresso

passam milhares de electrodomésticos

## como escolher o seu?



as COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

criaram especialmente o

*Serviço para si*

que o ajudará a escolher o aparelho mais conveniente para o seu caso particular

NA GRAVIDEZ CUIDOU DE SI...  
PENSANDO NO SEU FILHO  
DEU VIDA AO SEU FILHO...  
DÊ-LHE UMA VIDA SAUDÁVEL



A partir desta folha, a 21.ª da série que temos estado a publicar, iremos dando conselhos e indicações que lhe serão muito úteis.



Da boa escolha de um aparelho depende a sua satisfação durante vários anos.

visite o nosso stand na Feira Popular de Lisboa

UTILIZE TAMBÉM A NOSSA DELEGAÇÃO NO STAND PARA pagamento de recibos, contratos e informações

# semana

# internacional

## É UMA GUERRA QUE COMEÇA OU QUE AINDA NÃO ACABOU?

Referimo-nos, naturalmente, à escalada no Médio Oriente, a qual autoriza a legítima pergunta: é a terceira guerra israelo-árabe, que ainda não acabou, ou a quarta que começou já? O recente ataque dos irregulares árabes ao sector de Tewfikbey, na extremidade sul do canal de Suez, teve graves consequências para Israel. Pode considerar-se como a primeira operação que terminou com resultado positivo para os guerrilheiros que nos últimos meses alimentaram a chama de uma actividade incessante mas de escasso rendimento. Ainda não há muito tempo, em combates aéreos de extrema violência, os egípcios perderam 16 aparelhos «Mig», de fabrico soviético, sem que essa perda fosse compensada pela de qualquer aparelho «Mirage» dos israelitas. Mas no dia 10 deste mês os comandos palestinos penetraram profundamente na zona ocupada pelos soldados de Israel e causaram-lhes quatro mortos e diversos feridos e prisioneiros, além de grandes prejuízos em material e equipamento militar. A reacção de Tel-Aviv não deixou dúvidas sobre a impressão causada pelo sangrento «raid» inimigo.

Na realidade, as hostilidades prosseguem, a escalada acentua-se, a guerra continua a ser a palavra de ordem no Médio Oriente. O desapontamento causado pela conferência de imprensa do novo chefe do Estado francês, Pompidou, justificou-se. A França não fornecerá aos seus antigos aliados aviões em quantidade suficiente para lhes garantir uma margem de superioridade que, mesmo reduzida, se fia tranquilizadora. Em Paris e Washington a pressão soviética faz-se sentir fortemente. O ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Gromyko, esteve recen-

temente no Cairo, onde por certo deu conselho de prudência e recomendou cautela aos seus aliados árabes para que estes não coloquem de novo a União Soviética perante o facto consumado de uma nova guerra em grande escala. Mas de que valem esses conselhos perante a impaciência de um povo rearmado e resolvido a tirar uma desforra solene do vencedor da Guerra dos Seis Dias? Entretanto, as perspectivas de paz são mínimas e a luz não se vislumbra no fundo do túnel. A situação naquela região revela-se cheia de perigos que urge afastar antes que a tempestade se desencadeie de novo.

Foi depois da conferência de Imprensa do presidente francês que os egípcios lançaram pela primeira vez uma operação em escala sem precedentes, da qual colheram proveitosos resultados. Em Israel afirma-se que eles não teriam manifestado tal ousadia se porventura não estivessem seguros de que alcançaram um grau de preparação militar susceptível de lhes permitir cometimentos de crescente importância. Esses resultados são, sobretudo, de ordem psicológica e política. As represálias israelitas costumam sempre ser desencadeadas em locais e datas imprevisíveis. O Verão será excepcionalmente quente na região onde, em vinte anos, três guerras não resolveram nenhum dos problemas que as provocaram. O ponto morto diplomático continua a paralisar as negociações dos Quatro Grandes, as quais estão condicionadas pela evolução das relações russo-americanas. Estas entraram, porém, numa fase favorável em virtude do discurso moderado de Gromyko. Mas seria arrojado predizer para elas um epílogo favorável, capaz de restabelecer, no Mundo, as condições mínimas de uma paz duradoura.

## TAMBÉM OS RUSSOS QUEREM FRIGORÍFICOS

Uma equipa do jornal soviético «Voprosi Filosofii» fez recentemente um inquérito junto do público para conhecer as suas inclinações e preferências actuais. O resultado, tornado públi-

co, oferece alguns temas para meditação. Os russos, diz o jornal, «mostram crescente feticheismo por automóveis, frigoríficos e outros artigos de luxo, que ainda há pouco não desejavam

O trabalho, como não podia deixar de ser, provém do centro de estudos de uma universidade americana — a de Miami — e é da autoria de um conceituado professor e historiador, Jay Mallin, durante algum tempo correspondente de guerra da revista «Time»

junto das forças castristas que lutavam, no seu reduto montanhoso, contra a ditadura de Bautista. Segundo Mallin, cuja obra será dada a público em 26 do corrente, Guevara tem sido apresentado falsamente pelos seus biógrafos, na generalidade de comunistas da sua escola, que era não a da bondade mas a da violência, não a da persuasão e do exemplo, mas a da coacção e da crueldade. Um historiador americano invoca sempre, em apoio das suas teses, provas e documentos. Mallin não faz excepção a essa regra universalmente



provas e documentos. Mallin não faz excepção a essa regra universalmente

# a lenda de CHE GUEVARA

conhecida. Em vez de um herói, cuja carreira foi assinalada por êxitos retumbantes, Guevara é apresentado como responsável por desaires de graves consequências para o seu país e para a causa do comunismo internacional.

Segundo a tese de Mallin, o revolucionário cubano lançou a economia do seu país no caos, errou, rotundamente, quando pensou fazer de Cuba o centro de uma agitação permanente na América Latina, foi obrigado a desistir da tentativa para alargar ao continente africano o clima de terror que criou noutros pontos do Globo e, finalmente, levou à derrota os guerrilheiros bolivianos que acreditaram na sua capacidade e experiência. Guevara, afirma o autor da obra que se intitula «Che Guevara e a revolução. Um estudo documentado», não teve em conta as grandes regras dos autênticos chefes comunistas como Lenine e Mao. Lenine ensinou que «com a revolução não se brinca», e Mao disse que «um revolucionário não deve lançar-se na luta sem a certeza prévia de ganhar». O cubano brincou com a revolução como os aprendizes de feiticeiro brincam com o fogo e perdeu as batalhas que travou, o que não impediu que a lenda criada à volta da sua figura perdure e a sua memória seja evocada como a de um mestre da revolução comunista no nosso tempo. A obra de Mallin destina-se a suscitar controvérsias à volta da personalidade excepcional do guerrilheiro cubano, que para alcançar a celebridade não precisou de esperar que a sua acção fosse tão violentamente contraditada.

possuir». Se esta tendência persistir, escreve o «Voprosi Filosofii», corre-se o risco de alargar rapidamente o abismo que separa as ambições do povo e aquilo que realmente é possível fornecer-lhe, o que terá efeitos negativos para a sociedade soviética. Em grandes cidades, como Moscovo, e em pequenos aglomerados, como Chelyabinsk, o resultado da investigação foi idêntico. Os indivíduos chamados a depor manifestaram a mesma pretensão, independentemente das suas profissões, rendimentos, salários, educação e posição social. A cabeça das listas que elaboravam colocavam aqueles objectos. A quase identidade dos testemunhos recolhidos não excluiu certas surpresas. Assim, por exemplo, os professores de diversos graus de ensino, interrogados, mostraram uma predilecção curiosa por pianos. Outros desejariam possuir mobiliários mais confortáveis do que aquelas de que dispõem, aparelhos de rádio e televisão, etc.

O inquérito confirmou uma ideia há muito assente no espírito de quantos tiveram oportunidade de viajar na União Soviética e receber as confidências discretas de pessoas de várias condições. Os russos dos nossos tempos entendem que a era dos sacrifícios para criar uma comunidade socialista, decorridos vinte e quatro anos sobre o fim de

uma guerra cujas consequências suportaram mais duramente do que qualquer outro povo, terminou e que chegou a hora de serem aliviados dos pesados sacrifícios que suportaram no meio século decorrido desde a revolução de 1917. Durante décadas as exigências da indústria pesada tiveram prioridade sobre todos os outros sectores da economia soviética. Antes da invasão alemã de 1941 os dirigentes soviéticos calculavam, com razão, que cedo ou tarde, o país seria atacado e o seu território invadido e ocupado. A preferência absoluta dada à indústria pesada, cuja importância para a fabricação de armas de diversos tipos era fundamental, justificava-se e os sacrifícios exigidos em nome dessa necessidade eram aceites pela população.

A sobrevivência da nação e do seu regime dependiam da maneira como era observada essa regra. O desejo ostensivamente manifestado pelo povo russo e denunciado pelo «Voprosi Filosofii» nada tem de extraordinário ou artificial. Diz este que 80 a 90 por cento das pessoas inquiridas manifestaram desejo de possuir objectos e artigos que outros já possuem, e 10 a 20 por cento de possuir objectos e artigos que os outros não têm, o que deve considerar-se significativo. O jornal esclarece os seus leitores sobre as reais possibili-

dades de realizar esses desejos. Será preciso esperar, pelo menos, quatro anos, segundo diz, para que haja no mercado russo automóveis em número suficiente para deixarem de constituir um artigo de luxo vedado à maioria da população que desejaria possuí-los. Os pra-

zos de espera para outros objectos é ainda maior pois, entretanto, as despesas da nação com o fabrico de novas armas e com a exploração espacial ameaçam prolongar por muitos anos a carência daquilo que os russos, como os restantes povos desejam.

## FANTASMAS DO PASSADO EM ITÁLIA E NA ALEMANHA

Em Itália, a crise do governo Rumor, consequência da crise do Partido Socialista Italiano, mais uma vez dividido e redividido entre facções separadas por motivos fúteis, e a influência crescente do Partido Comunista evocam o espectro do fascismo. Na Alemanha, o fim próximo da coligação centro-esquerda, de socialistas-democratas e cristãos-democratas, deu actualidade inesperada à lembrança do nazismo. Decorreram trinta anos sobre o começo da Segunda Guerra Mundial para cuja eclosão Mussolini e

Hitler decisivamente contribuíram. As gerações novas pouca importância atribuem a esses fantasmas de um passado recente, absorvidas pelos seus problemas e preocupações. Que podem dizer à sua inteligência e sensibilidade esses fenómenos que deixaram um rasto de crimes e depredações e, finalmente, mergulharam o Mundo na mais terrível guerra de que há memória?

O fascismo italiano e o nazismo alemão são incom-

(Continua na pág. 7)

O cinema vai contar o «20 de Julho»: eis uma das cenas da película



# os que aprovam e os que desaprovam O ATENTADO CONTRA HITLER em 20 de Julho de 1944

Apesar do recuo de um quarto de século, a opinião pública alemã continua profundamente dividida ao julgar o atentado de 20 de Julho de 1944 contra Hitler, considerado por alguns como um dos mais importantes acontecimentos da história do Terceiro Reich.

## Problema moral

Segundo uma recente sondagem, 60 por cento das pessoas com mais de 50 anos «não podem aprovar esse acto de um militar visando o assassínio do Chefe do Estado, enquanto o país, em plena guerra, lutava contra o inimigo que se aproximava das fronteiras».

Porque o problema político-moral, falso ou verdadeiro, para milhares de alemães, não é o de ter sido (ainda) nazista em Julho de 1944 (a decepção e o desânimo, sobretudo desde o êxito do desembarque na Normandia, atingiam camadas cada vez mais vastas da população), mas interrogar-se sobre se se tinha o direito de querer abater o Estado na pessoa do seu chefe enquanto, repetimos, a batalha se travava no sul, no leste e a oeste?

Quanto ao argumento: a liquidação de Hitler e o estabelecimento de um regime menos odioso, com o encerramento dos campos de deportação, teriam talvez

permitted à Alemanha fazer uma paz mais honrosa — a maioria dos de mais de 50 anos, isto é, dos sobreviventes activos do Terceiro Reich, não acreditam nele.

## Se von Stauffenberg se tivesse sacrificado

Os sentimentos e os juízos mudam completamente conforme as idades.

Assim, 80 por cento das pessoas «entre 20 e 30 anos» aprovam o gesto do conde von Stauffenberg, o homem que levava na sua pasta a bomba que deveria matar Hitler.

Alguns lamentam, no entanto, que von Stauffenberg

não tivesse a coragem de se sacrificar, fazendo explodir ele próprio o engenho, em vez de o depor simplesmente e sair — caso em que os assistentes à reunião do Quartel-General do Führer, incluindo este, teriam sido, provavelmente, todos mortos.

## Onde estavam os comunistas?

E motivo de espanto para outros jovens que o único verdadeiro atentado contra Hitler (o de Novembro de 1939, numa cervejaria de Munich, continua rodeado de certo mistério — ainda não se sabe se não teria

tido obra de agentes provocadores) tenha sido perpetrado por militares, fiéis a Hitler até aí, e não por antinazistas de sempre, nomeadamente os comunistas, que afirmam hoje terem sido os únicos elementos de oposição ao Terceiro Reich. Seria porque Moscovo não estava interessada na eliminação de Hitler, eliminação que, apesar de todas as garantias dos anglo-saxões, comportava o risco de uma paz separada com o Ocidente?

## «O atentado de 20 de Julho? Que é isso?»

Uma última reacção, um pouco semelhante a esta: os de menos de 20 anos e os estudantes de extrema-esquerda, revolucionários trotskistas, maoístas, etc., Dutschke, Cohn-Bendit.

Para estes, o atentado de 20 de Julho era um simples ajustamento de contas entre diversas facções nazistas, como fora, dez anos antes, em 30 de Junho de 1934, o assassínio de Roehm, Streicher, etc. Não formulam pois opinião, mas recusam-se a considerar o

coronel Stauffenberg e os seus amigos como heróis.

Na expressão dos números, apenas 40 por cento dos de menos de vinte anos consideram o atentado de 20 de Julho um exemplo de coragem e de amor da liberdade; outros 40 por cento não têm opinião, ou desaprovam-no, ao passo que um quinto dos jovens interrogados dão a resposta clássica: «O 20 de Julho? Que é isso?»

Notemos, enfim — este pormenor é interessante — que as mulheres, ao princípio admiradoras incondicionais do «Belo Adolfo», aprovam, a vinte anos de distância, em maior número que os homens, a tentativa para matá-lo. «Se Hitler tivesse sido liquidado em 20 de Julho de 1944 a guerra teria acabado mais cedo e muitos alemães, que tombaram na frente ou foram mortos pelos bombardeamentos, estariam ainda vivos» — responderam essas mulheres, algumas das quais perderam o marido, o pai ou os filhos durante os últimos meses das hostilidades.

por A. V. Chollet



Por detrás deste muro estava a cela onde foram enforcados os homens de 20 de Julho de 1944

(Continuação da pág. 6)

preensíveis sem as personalidades que os criaram, Mussolini e Hitler. Naqueles países não há ninguém para lhes suceder e erguer o estandarte do totalitarismo de há trinta anos com as suas formas aberrantes. A democracia cristã italiana, que surgiu em seguida ao termo das hostilidades, encontra-se em declínio. Mas as forças político-sociais que lhe deram viabilidade permanecem com a sua importância e significação. E à sua volta que durante alguns anos terão de ser encarados e resolvidos os problemas que afligem o povo italiano. A prosperidade económica e a expansão industrial que o país atravessa coincidem com a vigência do regime de partidos com que a Itália se refez dos estragos da guerra e regressou ao circuito internacional sem necessidade de um longo período de penitência. Tudo se passou como se o fascismo e Mussolini fossem uma vaga recordação esbatida pelo tempo e não responsáveis por faltas e erros que não devem atribuir-se ao povo italiano, que suportou um regime que não correspondia às suas tradições e

preferências. Na Alemanha, e apesar de serem diferentes as características do totalitarismo nazi, a nação esforçou-se por afastar da memória das novas gerações os dias de há trinta anos que tanto pesaram na sua condição e destino.

Nos dois países, cujo curso é indispensável à defesa e segurança do Ocidente e à construção da Europa, a confusão dos partidos e a ameaça do comunismo foram factores que, juntando-se a outros, apressaram o drama que esteve na origem da sua derrota. Essa coincidência não deve ser iludida para avaliação exacta da conjuntura internacional. Como vai haver eleições na Alemanha e na Itália, na primeira e Setembro próximo, na segunda quando se confirmar a inviolabilidade das combinações estabelecidas sobre a actual representação dos partidos no Parlamento, criar-se-ão condições para debates cujo epílogo é impossível prever. Os pequenos agrupamentos depositários das ideias do fascismo e do nazismo terão uma oportunidade para se apresentarem não como responsáveis pelo passado, mas como promessas para o futuro,

o, o que alimentará a chama das recordações que são o veneno de que se nutrem as situações políticas patológicas. No interesse de to-

dos é de desejar que estas se não repitam e que a experiência tenha servido de lição para evitar reincidências perigosas.

## O PROFUNDO MISTÉRIO DO PRESIDENTE THIEU

Em 14 de Maio o presidente Nixon expôs o seu programa de paz para o Vietnam. Nele se inseria uma sugestão para a realização de eleições gerais naquele país. A resposta de Saigão foi então francamente negativa. Em 8 de Junho o presidente encontrou-se em Uidway com o seu colega sul-vietnamiano, Van Thieu. O comunicado conjunto do encontro permitia fazer ideia do fundo do diálogo dos dois presidentes, embora não fosse muito claro sobre alguns pontos es-

enciais. A sugestão para a realização de eleições não figurava naquele documento e foi preciso esperar um mês durante o qual a pressão americana e a capacidade de persuasão do embaixador Bunker fizeram prodígios. Em 10 do corrente, Van Thieu surgiu com a sua famosa proposta para realizar eleições livres sob fiscalização internacional, à qual os dirigentes comunistas do Vietnam do Norte e do Vietcong deram resposta negativa. A Imprensa americana falou de risco calculado e a

expressão corresponde à realidade.

Nos dias que precederam a declaração de Van Thieu correram insistentes boatos, que foram desmentidos ou rectificadados, sobre aquela decisão, a qual, por fim, teve retumbante confirmação. Mas podia Van Thieu proceder de outra maneira? A retirada dos primeiros contingentes americanos constituía para o Governo de Saigão um aviso solene de que seria abandonado à sua sorte se não praticasse alguns actos indispensáveis à realização da paz pelos dirigentes de Washington. Por um lado, o presidente Nixon precisava de dar satisfação à opinião pública americana,

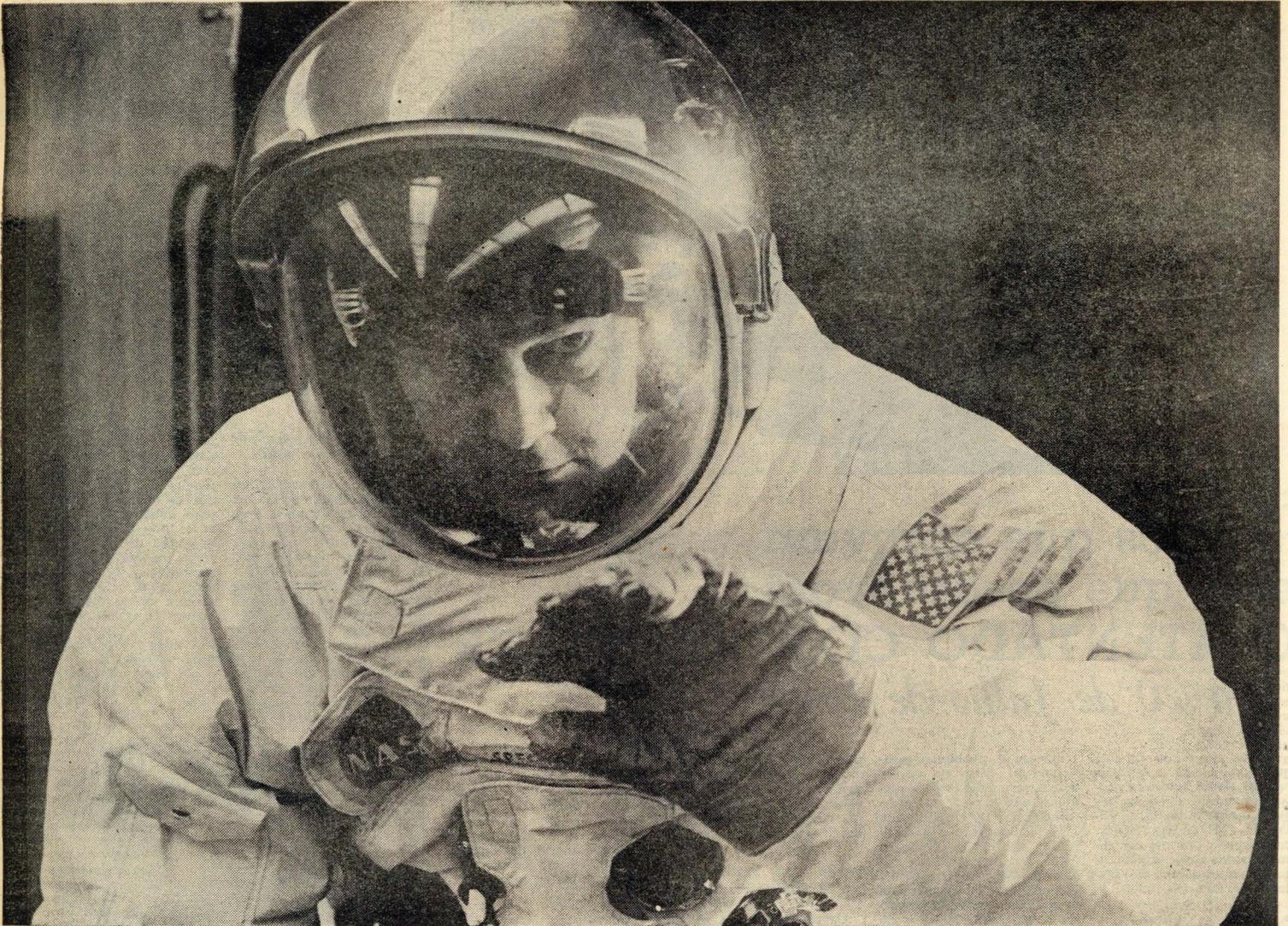
a qual está cada vez mais inquieta e alarmada com a evolução dos acontecimentos no Sueste Asiático. Por outro lado, era indispensável calar os «pombas» do Senado que, capitaneados pelo senador Fulbright, mostravam uma agressividade de mau agúrio para a colaboração entre a Casa Branca e o Capitólio. Ora Nixon tem uma série de medidas legislativas que, sem a boa vontade do Senado, ficarão paralisadas, o que contribuirá para anular as apregoadas vantagens do seu mandato. Trata-se de um risco que o presidente americano e os seus conselheiros não querem correr e para o evitar farão quanto estiver ao seu alcance.

**PRONTO A VESTIR**

Fatos leves, casacos e calças de linho e «terylene», vestuário para campo e praia, malhas, camisãs e calções de banho e bons tecidos ingleses para confecção por medida

**VERÍSSIMOS**

Av. Guerra Junqueiro, 8-C  
Telef. 72 73 35



COM a data de 16 de Julho estão relacionados os dois acontecimentos mais importantes deste século: a 16 de Julho de 1945, os americanos fizeram explodir a primeira bomba atómica em Alamo Gordo, no deserto do Novo México; a 16 de Julho deste ano, outros americanos partiram para a conquista da Lua. A explosão atómica abriu a era nuclear, dominada por uma sensação de ansiedade e angústia. Que coisa dominará a era espacial que está para inaugurar nestes dias? Tudo depende daquilo que os astronautas nos trarão da Lua e da maneira como os homens utilizarão o satélite: seja que tal como a energia atómica é um meio para criar ou destruir, assim a Lua pode tornar-se quer numa base para a exploração do universo quer numa base militar.

A primeira viagem lunar tem em fim predominantemente científico. O físico italo-americano Anthony Calio, que desempenha o cargo de vice-director do Programa das Aplicações Científicas, e a missão de escolher as salfaias e os instrumentos para as experiências das explorações lunares, fala-me do que os americanos instalarão sobre a Lua, e do material que aí colherão. «O peso que a «aranha» lunar pode suportar, em instrumentos para experiências científicas», diz Calio, «é só de 150 quilos. Consequentemente, tivemos de limitar a escolha, orientando-nos para três instrumentos: um sísmografo, que deverá advertir-nos se na Lua há terremotos; um

reflector de raios Laser, que nos fornecerá dados sobre as oscilações e o grau de inclinação do nosso satélite; um instrumento para recolher dados sobre as emanções solares. Todos os instrumentos estarão ligados a uma estação de rádio que recebe e transmite para a Terra, e cessarão de funcionar por meio de um dispositivo automático, dentro de dois anos. Poderíamos mantê-los em função por um período mais longo; mas procedemos assim porque existe um acordo internacional que proíbe sobrecarregar o espaço com sinais por períodos demasiado longos. Os instrumentos são de extrema simplicidade: podem ser colocados sobre a superfície lunar em vinte minutos apenas».

#### QUARENTA MILHÕES DE ESCUDOS POR GRAMA

Os astronautas utilizarão também ferramentas especiais para recolher o material lunar que deverão trazer para a Terra, fechado em recipientes de alumínio. O pedacito de Lua que nos trarão, em pedras e pó, pesará vinte e três quilos, o material mais precioso que alguma vez existiu: terá custado 24 bilhões de dólares, cerca de 40 milhões de escudos por grama. Os químicos e os geólogos procurarão aí a resposta para muitas interrogações científicas que dizem respeito ao aparecimento e evolução da Lua e à história do sistema solar. Mas aquele material poderia

conter uma terrível e pouco agradável surpresa. Um dos livros mais vendidos nestes dias, na América, é um romance de ficção científica chamado «Andromeda Strain», ou seja, «A Família Andromeda». Uma astronave da missão «Scoop» volta, depois de uma longa viagem, e aterriza no Arizona. Dentro em pouco descobre-se que esta trouxe, quem sabe donde, uma família inclassificável de micróbios que semeia a morte e destruição. O veículo é isolado num subterrâneo e os cientistas mais ilustres iniciam uma grande batalha para descobrir como são feitos estes micróbios e para os destruir antes que se propaguem e destruam o nosso planeta. A surpresa do material lunar podia ser precisamente semelhante à do veículo da missão «Scoop»: aquele material poderia conter qualquer perigoso microrganismo.

#### «ENGOLIREI O PÓ»

O problema da existência de microrganismos noutros corpos celestes começou a ser enfrentado desde o início dos voos espaciais. A comunidade científica supõe possível a sua existência em Marte. Mas exclui a sua existência na Lua: a Lua, visto que não tem atmosfera, e exposta como está às radiações cósmicas, é um ambiente hostil a qualquer forma de vida. O geocímico Anders, da Universidade de Chicago, está disposto a provar esta tese, expondo-se ao material lunar sem qualquer protecção e en-

golindo até alguns pedacinhos de pó.

«Desde que a Lua se formou até hoje — diz Anders — pelo menos cem bilhões de toneladas de material lunar têm caído sobre a Terra. Cada vez que a Lua foi atingida por um grosso meteorito, o impacto atirou para o exterior fragmentos que chegaram até ao nosso planeta e, caíram em pedaços mais ou menos grandes. Se tivesse havido microrganismos nestes fragmentos certamente ter-se-iam propagado e teríamos sido advertidos da sua presença».

Carl Sagan, especialista de biologia espacial e professor na Universidade de Cornell, não nega que possam existir microrganismos lunares. Afirma, porém, que, até agora, não poderiam ter chegado vivos à Terra. Quando um meteorito, explica ele, atinge a Lua, o calor gerado pelo impacto é tão elevado que mata qualquer forma de vida nos fragmentos que se soltam da superfície. Os pedaços de Lua que caem do céu chegam até nós esterilizados. Sagan diz que a probabilidade de que existam microrganismos lunares é uma em cem; mas esta probabilidade não deve ser ignorada. Seria correr um risco demasiado grande.

Wimbley, administrador científico do Instituto de Ciência Lunar da N. A. S. A., de Houston, acrescenta: «É improvável, mas não impossível, que existam microrganismos lunares. Se existem, o homem não tem qualquer meio de defesa orgânica contra eles. Poderia repetir-se uma situação

análoga àquela que se verificou nas ilhas Hawai quando pela primeira vez aí chegaram marinheiros que transmitiram o vírus do sarampo. Os indígenas foram contagiados. Sem qualquer defesa orgânica contra este germe, para eles desconhecido, começaram a morrer. Três quartos da população foi assim exterminada. Poderíamos encontrar-nos na mesma situação em presença de um microrganismo lunar. É por isso que a N. A. S. A. tomou as medidas necessárias para impedir que um eventual microrganismo proveniente da Lua se difunda e propague».

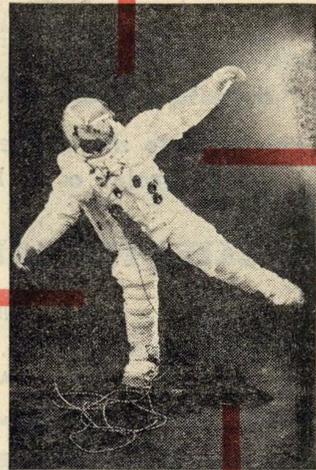
As «medidas de segurança» de que fala Wimbley concretizam-se no Lunar Receiving Laboratory, que é o centro da quarentena espacial. No regresso da Lua, os astronautas serão fechados neste centro durante 21 dias, precisamente com receio de que possam trazer consigo, sem querer, colónias de micróbios.

Inicialmente, a N. A. S. A. anunciou que a cápsula-comando da missão lunar, caindo no oceano Pacífico, ficaria fechada. Um guindaste erguê-la-ia e depositá-la numa porta-aviões que a esperava. Daqui os astronautas passarão através de um túnel de plástico para uma espécie de «coulotte» onde ficarão isolados. Estas manobras apresentavam riscos e perigos. Por isso, os técnicos da N. A. S. A. decidiram sucessivamente, algumas modificações; ou seja, abrir a cápsula no mar para de lá saírem os astronautas, transferindo-os depois para o porta-aviões.

As alterações abriam uma brecha na barreira erguida contra o hipotético micróbio lunar. Houve de facto discussão, polémicas, protestos. «Se os microrganismos lunares existem», diziam os críticos da N. A. S. A., «mal se abra a cápsula, eles podem sair, difundir-se na atmosfera, cair no mar».

Depois de várias discussões, chegou-se finalmente a um compromisso e à formulação de um plano de recuperação definitivo. Os astronautas deixarão na Lua os apetrechos para a recolha de material, as «sobretotas», a câmara de televisão. Ao entrar na «aranha» têm de sacudir todo o pó que ficou agarrado ao fato. O módulo de comando será mantido internamente a uma pressão superior à da «aranha», de modo que quando os dois veículos se unirem, os germes ou o pó da «aranha» encontrarão o caminho impedido e não poderão penetrar no módulo. Na viagem de regresso, os dois astronautas que desceram na Lua tirarão os fatos, que encerrarão em sacos de plástico. Quando a cápsula cair no mar, um mergulhador, fechado numa indumentária antigême, aproximará-se à desca, numa jangada de borracha, abrirá a porta e dará aos astronautas três fatos como o seu. Fechará depois a porta e os astronautas vestirão o fato. Este está munido de filtros especiais para a respiração, que recolheriam a mais minúscula partícula emitida pelos seus pulmões. Na jangada haverá recipros

# IREMOS ENCONTRAR INIMIGOS NA LUA?



izações de soluções anti-... além das pulveriza-... do fochinho do módulo de... que tocou (na ma-... de junção) na «ara-...

## «EMPESTADOS» POTENCIAIS

astronautas serão de-... pois transportados de... helicóptero para o por-... tões, entrarão na «roulote-... quarentena especialmente... para eles e aí per-... mearão até à chegada a... Houston. Na «roulote» haverá... médico e um técnico; este... cuidar do funciona-... das instalações dos fil-... Em Houston, o veículo... e os seus habitantes... encerrados no «centro... quarentena» até quando os... e os biólogos tiverem... estado todas as análises... e verificado a ausên-... germes ou o isolamento... atualmente existentes.

os aqueles que regressa-... de uma empresa espa-... de hoje, tinham sido re-... como heróis. Estes da... «H-11» serão, pelo contrá-... recebidos como potenciais... «pestados» ou «imundos». Nem poderá aproximar-se... ou tocar-lhes. As pró-... e os próprios fil-... poderão vê-los e falar-... através de uma vidraça, não poderão ter qualquer... físico. No Centro, o astronauta, durante o... de quarentena, terá... escritório, uma sala de... e um ginásio para exer-... físicos. As únicas pes-... admitidas no ambiente... os médicos, os microbió-... e os técnicos das instala-... os cozinheiros e os cria-... Nenhum, porém, poderá... de ter entrado neste... «retro», dele sair, até ter... o período de quaren-... Perguntei, por exemplo, o que acontecerá se um criado... um enfarte. Responde-... me que só após longas... crises se decidiu que po-... sair e ser internado num... hospital. Mas, nesse caso, sai-... numa ambulância especial,... hermeticamente, e os... médicos que o curarem terão... permanecer isolados.

o diretor do Lunar Re-... Laboratory é um físico... se chama Wilnot Hess. Já visitá-lo acompanhado... de Tullio Regge. Tullio é um... teórico muito brilhante... famoso; lecciona na Univer-... de Turim, é membro... Institute for Advanced Stu-... de Princeton, é formula-... de uma teoria que tem o... nome, a teoria dos «Pólos... Regge». Assiste-me nestes... com os peritos. Hess

fica um pouco admirado quan-... do o vê no seu escritório. Cha-... ma-lhe «senhor Pólo de Reg-... ge», explica-lhe uma sua expe-... riência (a criação de uma au-... rora boreal artificial), e depois... das auroras boreais artificiais... passa aos microrganismos lu-... nares e ao Centro de Quaren-... tena, que dirige.

«Se a N. A. S. A. gastou cin-... co bilhões de dólares para or-... ganizar a quarentena dos as-... tronautas — observo —, é evi-... dente que a experiência de um... micróbio ou um germe pato-... gênico proveniente da Lua não... é assim tão pouco provável e... absurda como muita gente jul-... ga.»

«Não — responde — não é... absurdo. Antes de criar o Lu-... nar Receiving Laboratory, per-... guntámos à Academia Nacio-... nal das Ciências se o proble-... ma do micróbio se devia con-... siderar importante. A Aca-... demia respondeu que sim. O nos-... so fim, portanto, é verificar se... tais micróbios existem, para... não deixar contaminar o nos-... so planeta. Fixámos em vinte e... um dias a quarentena, não... porque vinte um seja um nú-... mero mágico, mas por suges-... tão da dita Academia. Os ger-... mes patogénicos de acção rá-

pida desenvolvem-se em vinte... e um dias. É claro que um... germe lunar poderia manifes-... tar-se mesmo à distância de... três ou quatro meses. Mas, em... tal caso, é óbvio que a sua ac-... ção é lenta, e, portanto, pode... ser isolado e controlado. De... resto, não se podia ter os as-... tronautas isolados em quaren-... tena por um período indefini-... do de tempo.»

Wimbley, do Instituto para... a Ciência Lunar, dá-me, para... o Receiving Laboratory, uma... curiosa explicação, mais legal... que científica. «Segundo as... nossas leis federais — diz ele —... todo o indivíduo que entre nos... Estados Unidos deve ter certi-... ficados de vacina. Se os não... tem, fica de quarentena. Os... astronautas entram nos Esta-... dos Unidos provenientes de... uma outra parte do Universo... sem o certificado de vacina... que a lei requer. Portanto, de-... vem fazer o período de quaren-... tena como qualquer pes-... soas.»

Esta é, na verdade, uma in-... formação preciosa, especial-... mente para os habitantes de... Marte ou de Vénus que pre-... tendam visitar os Estados... Unidos como turistas. Que... acontecerá se durante

o período de quarentena um... dos astronautas adoecer? «Se-... rá um grande problema — di-... z-me o dr. Berry, médico dos... astronautas — porque, nesse... caso, teremos de estabelecer... se o mal é devido a cansaço, a... um vírus contraído antes da... partida da Terra ou a um ví-... rus lunar. E que acontecerá... se tiverem a certeza de que é... um vírus contraído na Lua? Se não se conseguir isolá-lo, combatê-lo? Se a medicina não encontrar um remédio? O enredo do conto de ficção científica de «Andromeda Strain» tornar-se-ia real. Todas as pessoas que tivessem tido contacto com o paciente ficariam fechadas na gaiola de vidro. Até quando? É melhor não pensar nisso. Porque, pensando bem, não se poderia excluir a hipótese de um enclausura-... mento perpétuo, até à morte.

## PROVAVELMENTE É UM BOM MICRÓBIO

O material lunar será... posto de quarentena no... laboratório para as... análises das amostras, onde... permanecerá, pelo menos, trin-... ta dias. Chegará a Houston

antes dos astronautas, para... ser submetido a várias aná-... lises em que a rapidez é de im-... portância capital. As primei-... ras análises serão feitas antes... que entre em contacto com a... atmosfera. Os recipientes de... alumínio, lavados com solu-... ções germicidas, serão colo-... cados em câmaras pneumáticas... especiais, onde as mãos dos... peritos, cobertas por luvas es-... peciais, os alcançarão através... de orifícios, e os abrirão sem... os ver.

As primeiras análises permi-... tirão medir as radiações das... amostras lunares e as even-... tuais emissões de gás. Ningu-... ém-sabe ainda o que pode-... rá acontecer quando aquele... material, transportado de um... ambiente sem atmosfera e... submetido há séculos às ra-... diações solares, entrar em... contacto com a atmosfera: ar-... derá ou explodirá em presen-... ça do oxigénio? Produzirá... reacções químicas desconhecidas?

A análise mais importante... é a biológica, ou seja, a ca-... ça ao microrganismo. As am-... ostras de material lunar serão... pulverizadas, vaporizadas e in-... fectadas em trinta espécies de... plantas e numa grande varie-... dade de animais, como peixes, passaros, coelhos. A presença de um germe patogénico faria definhar as plantas ou morrer os bichinhos. Também neste caso, evidentemente, poderiam surgir situações caóticas e confusas. Um ratinho podia morrer com um mal qualquer dos roedores, deixando, porém, dúvida se teria morrido de «mal de Lua». Que aconteceria se um pássaro fugisse e os médicos tivessem a certeza de que ele transportava um germe lunar contagioso? Um micróbio seletivo não deve ser, porém, considerado como necessariamente pernicioso; pode também ser benéfico.

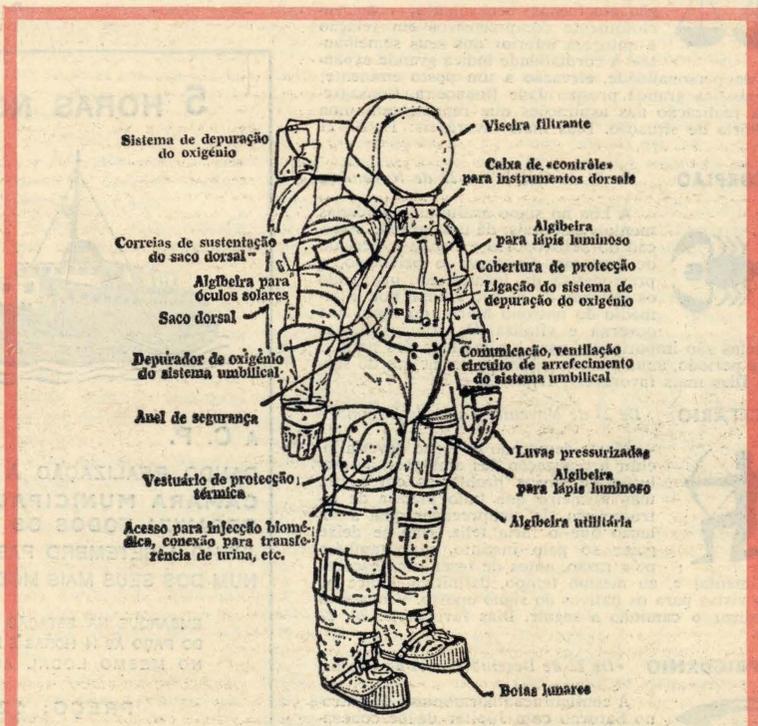
## O ESTUDO DAS AMOSTRAS

UM dos motivos de apre-... são, segundo técnicos e... cientistas, é que as pro-... babilidades de «tomar gato... por lebre» nas análises das

amostras lunares são muito... elevadas. O material proveni-... ente da Lua, na verdade, não... será completamente virgem, mas estará já contaminado por substâncias terrestres. As principais fontes de contami-... nação serão os motores do... veículo de alunagem. Ao des-... cer sobre a Lua, espalharão, pelo menos, nove toneladas de produtos de combustão, e calcula-se que oito ou nove quin-... tais acabarão sobre a super-... fície lunar. Quando a «ar-... nha» tiver «alunado», será ne-... cessário ventilar os motores, para impedir que o calor ele-... ve o carburante a uma pres-... são demasiado elevada e per-... gosa. Esta operação verterá, segundo certos cálculos, meia tonelada de carburante nas proximidades do veículo: precisamente na zona em que serão apanhadas as amostras de material lunar. Substâncias terrestres e microrganismos poderiam inquirar aquele material. E quando ele for analisado há a probabilidade de que um germe, um micróbio, uma molécula de água vindos da Terra sejam julgados elementos de origem lunar. Se o material pulverizado e injectado nas plantas e nos animais não revelar a presença de qualquer germe, as amostras serão distribuídas pelos estúdios.

«Nós — diz o físico Hess — enviamos quatro mil cartas a biólogos, químicos, físicos, geólogos, etc., pedindo-lhes que nos mandassem projectos de estudo. Recebemos quinhentas respostas, e uma comissão especial aprovou 135 pedidos de material, dos quais trinta e cinco do estrangeiro. As amostras de material lunar serão distribuídas por estes, e cada um estudá-las-á no laboratório da própria Universidade. Três meses depois, haverá uma grande reunião e cada um fará um relatório das próprias pesquisas. Teremos então o primeiro relatório científico comparado sobre a Lua. Por enquanto não há projectos para a exploração comercial ou industrial do nosso satélite. Precisamos de saber antes como é feito.»

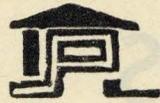
GINO GULLACE



Éis a obra-prima da alta costura espacial: um verdadeiro «living-room» na Lua

Dinheiro!...

Economia!...



**J. PIMENTA, S. A. R. L.**

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS garantidos por escritura pública durante 6 e até 18 anos

Administrando directamente pode obter um rendimento mensal de 1.437\$50 (superior a 9%)

**3000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS**

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tels. 45843 e 47843 — QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22  
AMADORA-REBOLEIRA — Tel. 933670

**O MUNDO PAROU NA AMEIXOEIRA**

(Continuação da pág. 3)

frios, neurasténizantes. De dia, aqui, isso sente-se com especial agudeza — na atmosfera, na paisagem, nos rostos, nas palavras. Não há jovens, não há movimento. Apenas velhos e silêncios petrificados dia após dia, resignadamente. Até quando?

Aos poucos, a Ameixoeira dilui-se na mansidão cinzenta do entardecer. É uma aldeia parada no tempo, (num contraste de portas cerradas entre séculos distintos), cheia de um «tipismo» que nos fica na memória, fascinante e pungente.

FERNANDO DACOSTA

**O HORÓSCOPO DA SEMANA**

**DE 18 A 24 DE JULHO**

**CARNEIRO**

De 21 de Março a 20 de Abril



Se bem que o período ofereça todas as probabilidades de êxito, a conjunção de Júpiter-Urano, no dia 20, na casa VII (a do casamento, associação, etc.) produz uma alta tensão que pode ser decisiva nas relações entre sexos opostos. A tendência é para a revolta explosiva, fazendo agir de maneira súbita, impulsiva, prejudicial aos interesses e às especulações. Falta de domínio nas emoções. Conduz a conflitos ideológicos, perda de amigos e de afeições; risco de acidentes. Dias mais favoráveis: 19, 22 e 24.

**TOURO**

De 21 de Abril a 21 de Maio



Este signo engendra firmeza, estabilidade nos sentimentos e perseverança no trabalho. De elemento «terra», simbolicamente, toma posse da matéria, da forma das estruturas essenciais, concretas, realistas. Inclina-se para a obstinação, para os objetivos difíceis de realizar, especialmente nos dias 18, 19, 20 e 22. Os melhores são: 21, 23 e 24. A inteligência é clara e pode alcançar êxito nos trabalhos jurídicos e científicos. O reconhecimento dos méritos pessoais pode ser notável na expansão da personalidade.

**GÊMEOS**

De 22 de Maio a 21 de Junho



A conjunção de Mercúrio, patrono, com o Sol no dia 22 não é favorável ao intelecto. Como é o planeta mais próximo, dá-se a combustão magnética que perturba a clareza das ideias e queima as boas qualidades mentais. A assimilação é mais difícil. O espírito é superficial, versátil, conduz à confusão. Estes aspectos dão um gosto desordenado dos prazeres, que leva até à extravagância no meio social em que vive. A vontade compraz-se na multiplicidade, na dualidade. Dias mais favoráveis: 18, 19, 20 e 24.

**CARANQUEJO**

De 22 de Junho a 23 de Julho



A entrada do Sol no sector das finanças, com os influxos de Mercúrio, garante excelente período para os objetivos comerciais de longo alcance; augura ganhos no meio imediato por trabalhos intelectuais, edição, etc. Siga a sua intuição e inspiração, não se deixe suggestionar por terceiros. Aperfeiçoe os práticos, consagre-se a estudar em vez de se dispersar em laceres fúteis. Apesar das incertezas que inquietam os nativos, o período oferece grandes possibilidades, especialmente nos dias 18, 19, 20, 22 e 24.

**LEAO**

De 24 de Julho a 23 de Agosto



As perspectivas de optimismo pela posição do astro-rei, que governa este signo, são das melhores; pode fazer triunfar as aspirações sentimentais num clima propício ao casamento. Ande para a frente, se tem já os planos estabelecidos com vista a constituir um lar familiar. Não se deixe desviar, contudo, do dever, por amizades ou aventuras de fresca data. Tenha o sentido das responsabilidades, especialmente na resolução dos problemas. Dias benéficos: 19, 20, 21 (24 o melhor).

**VIRGEM**

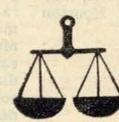
De 24 de Agosto a 23 de Setembro



Apesar da conjunção Urano-Júpiter, este último afasta-se do signo para entrar no da Balança, que percorre até meados de Dezembro. Não se pode dizer que o aspecto financeiro nas especulações seja de molde a inquietar, mas aconselha-se toda a prudência em função da situação monetária. Os negócios estão sob a instabilidade negativa das grandes companhias com interesses ilícitos. Considere bem antes de se arriscar a obter ganhos fabulosos. Vale mais um pássaro na mão... Dias desfavoráveis: 18, 20, 21, 22 e 23. Bons: 19 e 24.

**BALANÇA**

De 24 de Setembro a 23 de Outubro



Júpiter, que avança neste signo, é um factor importante no progresso da Humanidade, nas relações sociais, na vida pública e política. Os caracteres são afectuosos, benevolentes, conscienciosamente compreensivos em relação à natureza inferior dos seus semelhantes. A cordialidade indica grande expansão da personalidade, elevação a um posto eminente; prognostica grande prosperidade financeira. Consagre-se à realização das aspirações que representem uma melhoria de situação. Dias mais favoráveis: 19, 20, 21 e 24.

**ESCORPIO**

De 24 de Outubro a 22 de Novembro



A Lua no signo exalta as qualidades mentais e sexuais; dá uma grande atracção do sexo oposto e regula o período de gestação. Conserva o privilégio, a prerrogativa da fecundação, instilando os influxos da paixão animal por intermédio do patrono Marte, do signo que governa e vitaliza. Os eflúvios destes planetas são importantes para a vitalidade dos nativos neste período, aumentam os glóbulos vermelhos do sangue. Dias mais favoráveis: 19, 20, 22 e 24.

**SAGITARIO**

De 23 de Novembro a 21 de Dezembro



Marte demorado no signo deveria incitar à realização das ambições, à resolução de vários problemas em curso, mas primeiro que tudo precisa de introspecção, de compreender qual a solução que o faria feliz. Não se deixe guiar só pelo instinto, mas também pela razão, antes de fazer uma escolha sentimental e, ao mesmo tempo, definitiva. Lance as suas vistas para os nativos do signo oposto. Vénus está a indicar o caminho a seguir. Dias favoráveis: 20, 22 e 24.

**CAPRICÓRNIO**

De 22 de Dezembro a 20 de Janeiro



A configuração harmoniosa do patrono Saturno com Júpiter dá-lhe concepções de grande envergadura do ponto de vista social e político; tendência para criar algo de novo, de construtivo, que perdure nas estruturas futuras. O espírito mostra-se combativo, entusiasta. Esta posição favorece a especulação de minas, terras e propriedades. Na vida sentimental, há a tendência para concentrar a afeição numa pessoa

mais velha do sexo oposto, o que não é favorável ao nascimento dos filhos. Dias mais favoráveis: 18, 20, 22 e 24.

**AQUARIO**

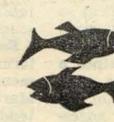
De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro



Mercúrio e o Sol na casa VII asseguram o êxito do cônjuge masculino neste período, principalmente para os intelectuais, jornalistas, diplomatas, etc. Negociações em Embaixadas, alianças, viagens no estrangeiro. Bom período para solicitações e obter apoio de pessoas altamente colocadas. Indica bom resultado em novos empreendimentos. Acções jurídicas ou processos ganhos com facilidade. Reflecte extraversão, dinamismo pelo planeta dominante, Urano. Dias favoráveis: 18, 20, 22 e 24.

**PEIXES**

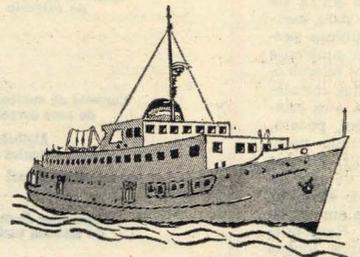
De 20 de Fevereiro a 20 de Março



O estágio do planeta dominante na casa VIII augura herança ou doações, o que revela a morte de parentes próximos. Tendências neuropáticas, misticismo, desgostos. Denota disposição para tensões interiores, depressões de nervos que deve combater com coragem e filosofia. Anuncia dificuldades nas coisas do coração, na vida afectiva. Evite dissentimentos no lar familiar. O ambiente torna-se pesado, faça por mudar, viajar, ver coisas novas. Dias favoráveis: 19 (20 óptimo), 22 e 24.

SIBYLLA

**5 HORAS NO TEJO**



**A C. P.**

DANDO REALIZAÇÃO À INICIATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA ORGANIZA TODOS OS DOMINGOS DE JUNHO A SETEMBRO PASSEIOS NO TEJO NUM DOS SEUS MAIS MODERNOS BARCOS

EMBARQUE NA ESTAÇÃO DO TERREIRO DO PAÇO ÀS 14 HORAS E DESEMBARQUE NO MESMO LOCAL ÀS 19 HORAS

PREÇO: 12.00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO), LISBOA (SANTA APOLÓNIA), LISBOA (TERREIRO DO PAÇO) E NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS

LOTAÇÃO LIMITADA



# A ARMA

de FREDRIC BROWN

**R**EINAVA a quietude na sala, que o crepusculo invadia. O James Graham, cientista responsável de um projeto importante, estava sentado na sua cadeira favorita, pensando. A calma não completa que podia sentir, no quarto ao lado, o som das páginas de um livro de estampas que o filho folheava.

Amiúde Graham realizava o seu melhor trabalho, e seu pensamento mais produtivo, nestas circunstâncias, sentado sozinho numa das escaras do seu apartamento, após um dia normal de trabalho. Mas nessa noite o seu espírito estava incapaz de trabalhar de forma construtiva. Não lhe vinha ao pensamento o seu filho, incapacitado mentalmente — o único — que estava no quarto ao lado. O seu pensamento era de amor e não de amarga invidiosidade como fora havia alguns anos, quando soubera pela primeira vez o estado do rapaz. O rapaz era feliz; não era isso o principal? E quantos homens têm a fortuna de possuir um filho que será sempre uma criança, que, quando crescer, não o deixará para seguir a sua vida? É raro que se trata, aqui, de uma racionalização, mas de um erro racionalizar, quando...

— A campanha na porta tocou. Graham levantou-se e viu a luz do quarto aceso às escuras antes de atravessar a sala de entrada em direcção à porta. Não estava aborrecido; naquela noite, naquele momento, qualquer interrupção nos seus pensamentos era bem-vinda. Abriu a porta. Um desconhecido estava à sua frente; disse:

— É o dr. Graham? O meu nome é Niemand; gostaria de ter uma conversa consigo. Posso entrar por um momento?

Graham olhou para ele. Tratava-se de um homem baixo, obviamente inofensivo — possivelmente um jornalista ou um agente de seguros.

Mas pouco importava quem fosse. Graham ouviu-se a si mesmo dizer: — Certamente, senhor Niemand. Faça favor de entrar.

«Uns quantos minutos de conversação», pensou à guisa de justificação, «distraindo-me dos meus pensamentos e tornarão o meu espírito mais desanuviado.»

— Faça favor de sentar — disse, na sala de estar — Quer tomar uma bebida?

Niemand respondeu: — Não, obrigado. — Sentou-se na cadeira; Graham sentou-se no sofá.

O homem baixo entrelaçou os dedos; inclinou-se para a frente. Disse:

— Doutor Graham, o senhor é o homem que, pelo seu trabalho científico, tem mais possibilidades do que qualquer outro homem de acabar com as hipóteses de sobrevivência da raça humana.

«Um lunático», pensou Graham. Tarde de mais, dava-se agora conta de que devia ter perguntado ao homem ao que vinha antes de deixá-lo entrar. Ia ser uma entrevista embaraçosa; não gostava de ser rude, mas só a rudeza resultava.

— Doutor Graham, a arma na qual o senhor trabalha...

O visitante interrompeu-se e virou a cabeça para porta que dava para o quar-

to quando esta se abriu e um rapaz de quinze anos entrou. O rapaz não deu por Niemand; correu para Graham.

— Paizinho, vens agora ler para eu ouvir? — O rapaz de quinze anos riu com o riso descuidado de uma criança de quatro anos.

Graham envolveu o rapaz com o braço. Olhou para a visita, perguntando a si mesmo se saberia alguma coisa a respeito do seu filho. Pela ausência de surpresa na face de Niemand, Graham teve a certeza de que ele sabia.

— Harry — a voz de Graham soava quente de afecto —, o papá está ocupado. E só um bocadinho. Volta para o teu quarto; daqui a pouco vou ter contigo e leio-te uma história.

— A do pintainho? Lês-me a do pintainho?

— Se quiseres. Agora vai. Espera aí, Harry. Este é o senhor Niemand.

O rapaz sorriu timidamente ao visitante. Niemand disse: — Olá, Harry! — e retribuiu o sorriso segurando-lhe na mão. Graham, vendo a cena, tinha agora a certeza de que Niemand sabia; o sorriso e o gesto eram para a idade mental do rapaz e não para a sua verdadeira idade.

O rapaz segurou na mão de Niemand. Por um momento pareceu querer trepar para o colo de Niemand e Graham puxou por ele com suavidade. Disse-lhe: — Agora volta para o teu quarto, Harry.

O rapaz escapuliu-se para o quarto sem fechar a porta.

Os olhos de Niemand encontraram-se com os de Graham; disse-lhe: — Gostava dele — com uma sinceridade óbvia. Acrescentou:

— Espero que aquilo que lhe for ler será sempre verdade.

Graham não percebeu. Niemand disse:

— A história do pintainho, refiro-me ao conto. É um bonito conto, mas oxalá que o conto esteja sempre errado no que diz respeito ao céu cair.

Graham tinha simpatizado subitamente com Niemand quando este mostrava carinho pelo rapaz. Mas agora relembra a necessidade de encerrar rapidamente a entrevista. Levantou-se, com ar de despedida. Disse:

— Receio que esteja perdendo o seu tempo e o meu, senhor Niemand. Conheço todos os argumentos, tudo que possa dizer já o ouvi mil vezes. Possivelmente haverá alguma verdade naquilo em que o senhor acredita, mas não me diz respeito. Sou um cientista e apenas um cientista. Sim, é do conhecimento público que estou a trabalhar numa arma, um tanto definitiva, se quiser. Contudo, para mim, pessoalmente, ela é apenas uma consequência subsidiária do facto de que estou fazendo avançar a ciência. Pensei a fundo a questão e cheguei à conclusão de que essa é a única coisa que me interessa e me diz respeito.

— Mas, doutor Graham, estará a humanidade pronta para uma arma definitiva?

Graham franziu as sobrancelhas:

— Disse-lhe qual era o meu ponto de vista, senhor Niemand.

Niemand levantou-se de vagar da sua cadeira. Disse: — Muito bem, se o senhor prefere não discutir

o assunto, não acrescentarei mais nada. — Passou a mão pela testa. — Vou deixá-lo, doutor Graham. Seria possível, porém... posso mudar de opinião quanto à bebida que o senhor me ofereceu há pouco?

A irritação de Graham extinguiu-se. Disse:

— Com certeza. Pode ser whisky com água?

— Admirável. Graham pediu licença e foi à cozinha buscar a garrafa de whisky, uma garrafa de água, cubos de gelo e copos.

Quando regressou à sala de estar viu Niemand a sair do quarto do rapaz. Ouviu Niemand dizer «Boa noite, Harry» e Harry responder, feliz, «Boa noite, senhor Niemand».

Graham preparou as bebidas. Pouco depois, Niemand declinou uma segunda bebida e levantou-se para partir.

Niemand disse: — Tomei a liberdade de trazer um pequeno presen-

te para o seu filho, senhor doutor. Entreguei-lho enquanto o senhor ia buscar as bebidas. Espero que me desculpe.

— Com certeza. Muito obrigado. Boa noite.

Graham fechou a porta; cruzou a sala de estar em direcção ao quarto de Harry. Disse:

— Ora bem, Harry. Agora vou ler-te a...

De repente a testa cobriu-se-lhe de suor, mas forçou a sua cara e a sua voz a manterem-se calmas enquanto avançava para a beira da cama.

— Deixas-me ver isso, Harry?

Quando já o tinha seguro em seu poder, as mãos tremiam-lhe ao examiná-lo.

Pensou: SÓ UM LOUCO PODE DAR UM REVÓLVER CARREGADO A UM IDIOTA.

(Do livro «De Júlio Verne aos Astronautas», publicado por Livros do Brasil)



## CASACOS DE ANTÍLOPE E DE CABEDAL

BLUSÕES, TAILLEURS E TODO O GÉNERO DE VESTUÁRIO EM PELE PARA AMBOS OS SEXOS

Distintos, indeformáveis, leves, e de delicioso conforto. Preços de fábrica a pronto ou a prestações sem aumento de preço e ainda com descontos aos sócios de A. C. P. e outras agremiações. Um reclame só possível da casa que possui a maior e mais variada colecção do País (mais de 100 cores e dezenas de modelos da mais requintada moda internacional de 1969/70.

## O REI DAS PELES

LISBOA  
RUA DA ASSUNÇÃO, 88, 3.  
PORTO  
SANTA CATARINA, 388, 2.

# 10 respostas diferentes à sua pergunta



*como modernizar o meu estabelecimento?*

**Arneg**  
A ÚLTIMA PALAVRA EM FRIO COMERCIAL E EM ESTANTERIA PARA ESTABELECIMENTOS

**FAEMA**  
O EXPOENTE MÁXIMO ITALIANO EM MÁQUINAS PARA CAFÉ

**JET SPRAY**  
REFRIGERADORES DE SUMOS DE FAMA MUNDIAL



A BALANÇA DE EIXOS ASSENTES EM PEDRA DE ÁGATA

**REGINA OMAS**  
CORTADORAS MODERNAS E ROBUSTAS, AMACIADORAS DE CARNE, SERRAS DE OSSOS

**FAEMARTIC**  
O GELO EM CUBOS QUE DISTINGUE O SERVIÇO

**OMAG**  
MÁQUINAS DE GELADOS EXPRESSO O MELHOR RENDIMENTO PARA O MELHOR LOCAL



TERMO PARA LEITE DE TEMPERATURA CONSTANTE

**WURLITZER**  
VENDA DE CIGARROS 60% NO MUNDO DAS VENDAS AUTOMÁTICAS

UMA SELECÇÃO ACTUALIZADA DOS SEUS EQUIPAMENTOS

## UTILMÓVEL

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA HOTELARIA E DO COMÉRCIO ALIMENTAR

10 FILIAIS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

**LISBOA:**  
(Sede) - R. St.º Amaro à Estrela, 17 A - Tel. 66 81 12 (P.P.C.)  
(Of. Centrais) R. do Vale de St.º António, 230 A-B - Tel. 83 22 83  
(Filial) - R. Sr.º do Monte, 5 C - Tel. 86 83 21  
(Filial) - Calçada Salvador Correia de Sá, 8 - Tel. 36 24 23  
**PORTO:**  
(Filial) - R. de Entreparedes, 41-43 - Tel. 20309  
(Filial) - R. Nova de S. Crispim, 267

**COIMBRA:**  
(Filial) - R. Mário Pais, 2, 4 e 6 - Tel. 22327  
**FARO:**  
(Filial) - R. Ferreira Neto, 23 - Tel. 22007  
**CACÉM:**  
(Filial) - R. António Nunes Sequeira, 54 - Tel. 294 1474  
**SANTARÉM - (Filial) - Av. Ant. Maria Batista, 4**  
**SETÚBAL - (Filial) - P. do Brasil, Lote 7**

Secção de Charadas, Palavras Cruzadas e Passatempos a cargo de "Zaneronitano". Correspondência para: Antonino F. Pereira da Cruz, Trav. Conde da Ribeira, 18, r/c.-B, LISBOA-3 (telef. 63 34 15) ou para a redacção d'«A Capital», Rua do Século, 34-2.º, LISBOA.

Bibliografia adoptada — Dicionários: Porto Editora (5.º ed.), Lello Populim (1964), Cândido de Figueiredo (10.º ed. reduzida), Francisco Torrinhã (1963). Sinónimos da Tertúlia Edípica (2.º ed.), Verbos Portugueses Conjugados (3.º ed.) de Rodrigo de Sá Nogueira, Colectânea de Nomes Próprios de Antonino F. Pereira da Cruz. Para Passatempos e Cruzadismo, mais os seguintes: Dicionário Prático Ilustrado de Jaime de Sêguier (1964) e Corográfico de A. Sampaio de Andrade (1944).

Prazos para recepção de listas: Charadismo — 3 meses; Cruzadismo — 20 dias.

# CHARADISMO E CRUZADISMO

NÚMERO 20

## O GIGANTE N.º 28 (N.º 3 DO 6.º TORNEIO MENSAL)

**HORIZONTAIS:** 1—É mesmo diminuir; Esta já saiu e é algarvia; Neste canal, só passam pequenos barcos. 2—Assim, percebida e com um apêndice, seria douta; É grupo futebolístico da simpatia da rapaziada; É dureza, sim senhor. 3—Isto, ou muito, é o mesmo; No meio do continente, é apita; Substituindo-lhe uma letra, ficam feridos; Depois da oposição \* ficará alcança; Antes de ela, fica desconfiado. 4—O mal, está mesmo mal; É valor, pois é; O desdentado está apocado; Servem para as mãos, quando estiverem bem escritas; Parece mentira mas é verdade; o estúpido não tem pó. 5—É uma prima do magala, que todos gostamos de ver; Esta, fica lá para as bandas de Samatra; Nada se vê antes dos problemas; Aqui, uma velocidade sem fim. 6—Ponha aí o fim da vítima do mano mau; O acudi teve uma afêrese; Anda sem galão, sim senhor; Ai, este povinho... 7—Fica lá para o Estoril e é muito apreciada; Recorda, sim senhor; Tanto diz que fugiram como que amanharam a terra. 8—Assim se entra na amizade verdadeira; É um desgosto com falta de ar; Olá, sem nota; Quando estas são boas, agradam sempre; Assim fala a ovelha. 9—É princípio de bebedeira, não tenha dúvidas; Mata sem ela ao pé; Esta nunca foi doce, pois não; Uma boa calma não tem fim; Dura é, mesmo em latim, mas tem que se cumprir. 10—Na Índia e na América é que fabricam esta bebida; Um sim muito francês e muito conhecido; É minha, sim senhor; Pois claro que representa a Virgem. 11—Para fazer um bem feito, deve usar a mão ao de leve; Os elefantes dão muito, e do bom. 12—Depois de aqui, dará uma grande corja; O homem não deu; O jogo está incompleto; Agora escreva aí um espanhol muito conhecido e... que tem muita água. 13—É molho, é; É o mesmo que aquele parecido com o feijão; A repetição não dá; O anão não tem pontas; Se lhe aplicarmos uma prótese, fica mesmo boa para o pé. 14—Líquida mas não há ferra; São divisas, pois são; Escrevam aí o princípio do princípio; O sonho, sofreu uma epêntese; Para sair, é indispensável a entrada do senhor Sá. 15—Moamos ou preocupemos, dizem o mesmo; O que deve fazer quem tem fome?; As aialas, sofreram uma parage. 16—O homem perdeu a cabeça; Há um que é mesmo vital; Começam assim todas as ideias; Aqui, é preposição. 17—Descansa, pois claro; Falta uma letra na conjectura; O que fez às coisas que meteu na mala?; E assim por diante. 18—Comece aqui a atacar; Despejas, pois claro; Falta-lhe mais para ser verdadeiro; É mesmo calor do Sol; Toda a gente que pratica cruzadismo, conhece este rádio. 19—É profundo e nele começa o martírio; Com uma ama seria vulgar; Têm velas e servem para recreio; É pronome, sim senhor; E agora uma preposição. 20—É olho, mas pequenino; Aqui, tudo acaba; É mal de ouvidos que a ninguém agrada. 21—É medida antiga, pois é; Este, é mesmo um prazer, sobretudo em determinadas circunstâncias; A frente da filarmónica, apenas vão cinquenta.

**VERTICAIS:** 1—Estas provocam falta de ar; Soldados não basta; É praça que não tem fim; Esta tornou-se muito conhecida e falada, por causa do Estádio Nacional. 2—É homem e santo, pois é; Um que faz correr muita tinta, e... às vezes muita lágrima; As crianças costumam usá-la no fio que trazem ao pescoço para lhes dar sorte; É tal e qual acomete. 3—Um russo que corre...; O fim daquilo em que nos sentamos num cavalo; Trata-se agora de um peixe muito saboroso, mas com muitas espinhas; Para brilhar, só lhe falta caminhar; Aqui, sobras sem porco. 4—Segui defeituoso; A Maria não andava; Esta é dura como a outra em que já hoje falamos, mas é portuguesa; Do ralo, só o fim se pode aproveitar. 5—Estão mil por debaixo da casa; Acima do assassinaram, está a nota; Nesta, lá para o Oriente, há paucardaria e da grossa. 6—É mesmo olé, pois é; E aqui, temos um imuniza mal escrito. 7—A moeda atrapalhou-se por causa do outro; Estas, levam leite e cerveja, na sua confecção; A de Abrantes é muito boa para quem gosta. 8—Uma árvore conhecidíssima dos produtores de vinho; Caminhavam, pois claro; É só meio quebrar. 9—O tal que dá bom gosto; O zelo perdeu 1; Normalmente,

todos os casais ali vão; São velas sincopadas, pois são; Um belo peixe para quem gosta de caldeirada. 10—Acrescentar sem fim; O comilão expulsou o Sol; É mesmo eu; Entorna com a falta do doutor. 11—A seguir ao primeiro, seria sã; Todas as máquinas o exigem para poderem funcionar em condições; Para que fique prendam, necessita de uma prótese com cinquenta; Feitos brasileiros, pois são. 12—Um que não se move; Todo a perde...; Oportunidade defeituosa, é o que aqui deve escrever; Com a cabeça e os pés que lhe faltam, ficaria um habitante da Lua. 13—Brincas, claro; A mulher está aferesada; Esta, é fadista sem pés...; Há quem viva só com um, mas isso, só por doença; Com pedras por baixo, todos os temem. 14—Há alguém que não goste de ter o seu?!; Fitou, pois claro, mas antes de ter expulsado o animal como aconteceu; Por cima da nota, será uma arma de arremesso. 15—Os tais que servem para recreio e de que já temos falado; Aqui tendes uma que não só nada bem ao ouvido; Com mais, levantam certamente. 16—É mesmo esconjurara; Este, está cheio de coragem. 17—Também assim se chamam os chifres do touro; Vão cinco a acompanhar a comida; Estes são mesmo ursos. 18—Meia gargalhada, pois é; O que se diz quando se dá uma bofetada; O unto não leva nada por baixo; Assim começam os tímidos. 19—Aplicar a parage a esta letra e obterá um celibatário; Com crença, compara; É uma autêntica aldrabice; Proteste agora, mas sem cloro; Textualmente, sim senhor. 20—O admitires, perdeu a cabeça; Este, seguido da mulher, daria acalma; São mesmo xavantes; É uma autêntica líria. 21—Pouco lhe falta para ser cabeleira...; Revolveu aferesado; Há muito que não se fala neste periquito; Termine com uma boa marca de cigarros.

### CORRIGENDA DO N.º 27 (11 JUL. 69)

**Torneio «Etiel» N.º 1:** Na numeração da 4.ª parcial, deve ler-se 13 em vez de 3; N.º 2: Na numeração da 4.ª parcial deve ler-se 13 em vez de 18; N.º 11: A numeração deve ser 4-3.

**Gigante n.º 27:** Acrescentar o enunciado da última parcial da Vert. 15, que deve ser: Sem este, não pode haver saber.

**Corrigenda:** Fica sem efeito a corrigenda respeitante à Vert. 15 (2.ª).

### DECIFRAÇÕES DO GIGANTE N.º 23

Pico, Aral, Câmaras, Sina, Osos, Ramal, Capote, Irai, Vomita, Aparatos, Minuto, Olaré, Amesuraras, Canil, Aa, Imóvel, Ma, Olin-

val, Va, Rim, Ela, Aparos, Sir, Cos, Airara, Orá, Ramoso, Malta, Ogiva, Roer, Supor, Adiu, Asado, Assam, Cola, Co, Ram, Pastores, Ate, Al, A, Xarope, If, Almude, A, Crimiosa, Vi, Asia, Ela, Ousa, Al, Ineral, Ms, Remi, Am, Sa, Irai, Cosi, Aa, Ua, Sal, Fugirem Amatas, Tom, Ufanar, Loar, Manata, Pia, Mim, Saimos, Rir, Luz, Al, Cariei, Ro, Acasos, Me, Ripar, Amarelaras, Núbil, Abanai, Aromatas, Camada, Rala, Canal, Devoto, Igar, Aral, Olas, Tomaste, Rasa.

### DECIFRADORES DO GIGANTE N.º 23

**Totalistas:** Aarão, Aarão Júnior, Aarão Minor, Agá-Pé, Agosmargon, Aidil, Aldimas, Alentejano, Alhadas, Amasar, Amilcar, Amon, Amoniac, Anileada, Anilosí, Antero, Antunes, Apersan, Apulax, Ari, Arso, Aslo, Atomo, Auramaí, Auratur, Ayer, Azali, Babor, Baldisan, Baldrusa, Bê-Bê, Beirão, Berto, Biscos, Bota de Elástico, Botina, Camotos, Candy, Cruzador, Devinel, Dimajor, Dino Avlis, Dulmar, Elifiri, Emevê, Erasmo, Euqor, Fati, Fergor, Filisteu, Flor de Lis, Francine, Frankisk, Gadanha, Galaad, Gilú, Gilú Júnior, Guinéu, J. Pedrosa, Jaimeel, Joaldo, João da Cruz, Jobral, Jocarpon, Jomarfer, João, Jopra, Jota ao Cubo, Jotacé, Jóvem, Judex, Kalano, Kau-Kau, Lady N. A., Laurentino, Leiria Dias, Leiria Dias Júnior, Luis Pombal, Lupaso, Lurfa, Lubel, Mac-Ley, Mme. Leiria Dias, Maflomar, Majopissil, Mani, Maralip, Matial, Mavisolo, Meróbriga, Milete, Minan, Miro, Mister Pond, Mosca, Nitucha, Novico, Oitubar, Anaioza, Oviur, Pantera-Cor-de-Rosa, Popó, Raal, Ralip, Reivax, Rock, Rodsil, Rosa Silvestre, Sadino, Saldino Júnior, Saloio, Satan, Siaplugar, Solly, Somar, Tansos, Tareja, Thor, Tirone Pobre, Vicky, Zarb, Zé Chamusca, Zé Gregório, Zemar e Zé Rocha (125 concorrentes).

**Não totalistas:** Com 1 erro: 18; Com 2: 9; Com 3: 4; Com 4: 2; Com 5: 6; Com 6: 1; Com 7: 3; Com 8: 1; Com 10: 1; Com 11: 2; Com 13: 1; Com 18: 2; Com 22: 3 (53 concorrentes).

**Eliminados:** 176 concorrentes.

**Total de decifradores:** 354 concorrentes.

### DECIFRAÇÕES DA 5.ª ETAPA DO TORNEIO «ETIEL»

1—Magia. 2—Frente. 3—Cativo. 4—Entusiasmo. 5—Cachopa. 6—Fortuna. 7—Anulada. 8—Compaixão. 9—Encanto. 10—Arcanjo. 11—Zagre; Argues. 12—Boladas; Escassa. 13—Corpo; Partido. 14—Probo; Elogiado. 15—Marco. 16—Dias. 17—Jamais. 18—Rebo; C. 19—Sorte; F. 20

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
1																					
2																					
3																					
4																					
5																					
6																					
7																					
8																					
9																					
10																					
11																					
12																					
13																					
14																					
15																					
16																					
17																					
18																					
19																					
20																					
21																					

— Bacama: N. 21 — Plantada. 22 — Odra. 23 — Ligado. 24 — Carcações. 25 — 10.ª teira.

### CLASSIFICAÇÃO GERAL DE PRODUTORES DO TORNEIO «ETIEL»

Arbitrou a 5.ª etapa o Confrade Oviur, que classificou:

**Verso:** 1.º, N.º 1 de Milete; 2.º, N.º 2 de Nito Bias. **Prosa:** 1.º, N.º 11 de Frankisk; 2.º, N.º 16 de Baby; 3.º, N.º 19 de Filisteu; 4.º, N.º 12 de Malu; e 5.º, N.º 25 de Rock.

Finda esta etapa, a classificação geral de produtores é a seguinte:

**Verso:** 1.º, Dervácio, com 4 p.; 2.º, Frankisk, Mary Oldifer, Milete e Sadino, com 2 p. cada; 6.º, Lumaro, Nito Bias e Rovina, com 1 p. cada. **Prosa:** 1.º, Frankisk, com 13 p.; 2.º, Baby e Filisteu, com 8 p. cada; 4.º, Alamo, Milete e Minan, com 5 p. cada; 7.º, Diro Nino, Elifri e Laurentino, com 4 p. cada; 10.º, Francor e Leiria Dias Júnior, com 3 p. cada; 12.º, Aileada, Braniz, D. Sahnude e Malu, com 2 p. cada; 16.º, Alvarus, Dulmar, Fulgente, Leiria Dias e Rock, com 1 p. cada.

### CLASSIFICAÇÃO GERAL DE DECIFRADORES DO TORNEIO «ETIEL»

Indicamos dentro de parêntesis, o número de pontos decifrado por cada concorrente, na 5.ª etapa, no caso de não ter sido totalista.

**Totalistas:** 214 p.: Aldimas, Amasar, Anilosí, Antero, Botina, Dulmar, Erasmo, Fati, Filisteu, Flor de Lis, Frankisk, Guinéu, Leiria Dias, Leiria Dias Júnior, Luciferário, M. Motá, Mme. Leiria Dias, Majopissil, Maralip, Marouavz, Matial, Milete, Minan, Miro, Mister Pond, Nitucha, Otero, Oviur, Sadino, Saldino Júnior, Taripes, Zarb e Zé Chamusca (33 concorrentes).

**Decifradores de 80 a 99%:** 213 p.: Aarão, Azali, Cruzador, Dilita e Galaad. 202 p.: Ari, Atomo e Elifiri. 211 p.: Agnus Matutus, Anicolina (23), Baby (23), Candy, Chichise, Cristal, Dropé, Eureka, Gilmes (23), Heropa, Homarinto, Mac-Ley, Raal, Somar e Thor (23). 210 p.: Joaldo. 209 p.: Aileada, Biscos, Cardantas, Elsa, Euqor (23), Garimpeiro, Ricardo e Rock (23). 207 p.: Alamo (22) e Suzy. 206 p.: Babor, Novico (22), Regulo Nhimí (23), Rosa Silvestre (23) e Tacos. 205 p.: Jomarfer. 204 p.: Josidi (22). 203 p.: Bota de Elástico (22). 199 p.: João da Cruz (22). 195 p.: Aidé (21) e Dervácio (21). 190 p.: Palmípede (22) e Pepe (22). 189 p.: Macfil (0). 173 p.: José do Canto (2) (49 concorrentes).

**Decifradores de 40 a 79%:** 169 p.: Gadanha (22). 165 p.: Jota ao Cubo (23). 162 p.: Pass (16). 154 p.: Malu, 146 p.: Jofera (0). 145 p.: Pantera-Cor-de-Rosa (22). 144 p.: Siaplugar (22). 142 p.: Acsom (0) e Mosar (0). 133 p.: Alentejano (15). 131 p.: Asclépius (0). 116 p.: Radiante (18). 115 p.: Jotelmar (23). 109 p.: Dimajor (0). 97 p.: Edi Pinho (0) e Razalas (0) (16 concorrentes).

**Outros decifradores:** 83 p.: Saloio (10). 76 p.: Zé Pacóvio (10). 73 p.: Jóvem (9). 67 p.: Feralfi. 60 p.: Mercúrio (12). 47 p.: Alvarus (0). 24 p.: Aarão Júnior, Aarão Minor, Gilú e Gilú Júnior. 5 p.: Ayer (5). 1 p.: Jogagro (0) (12 concorrentes).

**Total de decifradores:** 110 concorrentes.

### CORREIO DOS CONCORRENTES

**Lupaso**—A sua ficha está completa e ficará secreta como deseja. No número 19, teve 1 erro, e no número 20, teve dois.

(Continua na pág. 15)

## A CAPITAL

GIGANTE N.º 28

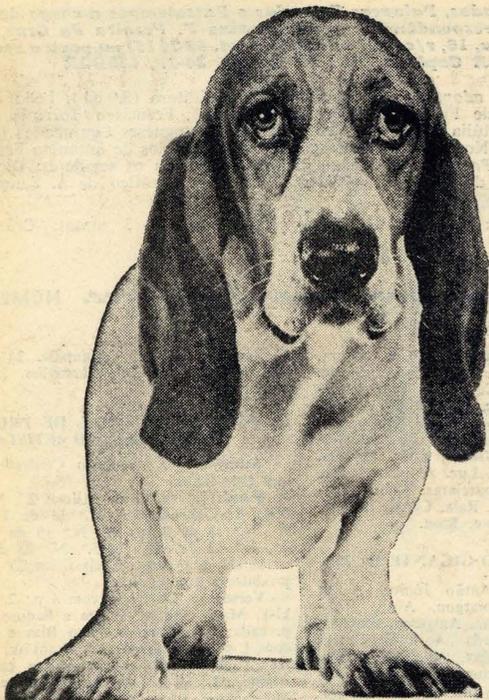
N.º 3 DO 6.º TORNEIO MENSAL

Nome .....

Pseudónimo .....

Morada .....

Localidade .....



# OS GATOS VÃO DESTRONAR OS CÃES

por FERNAND MÉRY

Será um sinal dos tempos? As estatísticas, em todo o caso, são formais: o número de gatos (pelo menos, em França) vence claramente o «chepter» canino em todas as categorias: 7 milhões e meio de gatos para 6 milhões de cães.

Não é necessário puxar muito pela cabeça para adivinhar duas das razões desta diferença.

A primeira é de ordem prática.

Rurais ou citadinos, todos os gatos são, mais ou menos, do mesmo peso, do mesmo tamanho, e todos — psicologicamente falando — apresentam os mesmos caracteres específicos da espécie: são discretos, assediados, silenciosos... Qualidades cujo valor não precisam de ser acentuados,

numa época em que os alojamentos dos seres humanos se tornam cada vez mais restritos, e cada dia mais exigente a nossa paradoxal pressa de viver.

Não será realmente um paradoxo esta loucura que nos anima, quando a verdade é que nenhuma geração antes da nossa dispôs de mais tempo para passar sobre o planeta? Já não temos de ter tempo. Na cidade, admitindo que possamos albergar facilmente no oitavo ou no décimo segundo andar um «São Bernardo» ou um «Danois», onde se vai arranjar os quatro quartos de horas necessários para o «levar a passear»? E, no entanto, neste universo de cimento e de automatismo, o homem sente, com toda a evidência, a necessidade de

não estar completamente fora das verdadeiras leis da natureza. Para se tranquilizar e distender, precisa de um animal junto de si.

E aí está porque o gato triunfará um dia sobre o cão, onde quer que as qualidades utilitárias deste último não se demonstrarem indispensáveis.

## • UMA CIÊNCIA NOVA: A FELINOTECNIA

A segunda razão é de ordem económica. O gato é hoje um capital. É verdade que apesar das leis draconianas que autorizam a matar qualquer gato assimilado ao gato selvagem (quando ele se afasta imprudentemente a mais de 200 metros de uma aldeia), apesar, igualmente, das intervenções cirúrgicas correntemente praticadas para jugular um pouco a sua prole, são ainda muitos os gatos chamados «de telhado»; mas todos os anos se multiplicam, um pouco por toda a parte, os persas, os siameses, os birmaneses,

os gatos cor-de-rosa da Turquia e outros príncipes.

Desde que nasceu a felinotecnica, esse ramo novo da zootecnica orientada para a produção e criação do gato de raça pura, as associações e sociedades felinas multiplicaram-se extraordinariamente. Quatro ou cinco vezes por ano, há encontros internacionais para expor e confrontar os melhores espécimes. Juizes estrangeiros, vindos dos Estados Unidos ou da Suíça, da Inglaterra ou da Holanda (países particularmente amigos dos gatos) estimulam imparcialmente os esforços dos criadores particulares, atribuindo-lhes prémios ou diplomas. Contratam-se transacções comerciais. Atraída pela Imprensa e pela Televisão, a multidão dos visitantes comprime-se em redor das gaiolas, e as exposições contribuem assim para vulgarizar a descoberta ou o melhor conhecimento de um mundo em grande parte insuspeitado há menos de meio século. E de depois da Grande Guerra, com efeito, que data a produção de raças tão diversas como as variedades de siameses brancos ou alaranjados, os gatos chamados «abexins» de pele de lebre, os persas cremes, os gatos «kmer», etc... e essa criatura raríssima do prof. Letard: os gatos «Rex», fruto de pacientes e sábios cruzamentos de que resultou uma raça de gatos ainda ontem desconhecida: os gatos de pelo ondulado.

Com a ajuda do gosto do maravilhoso, passou-se a preferir (pelo menos, no plano estético) os gatos de raça pura, de produção limitada, aos demasiados fáceis descendentes dos gatos ordinários das cidades e dos campos, livres de se multiplicarem ao sabor do instinto, e cujo valor mercantil é pequeníssimo. Que importa! A felinotecnica terá como inegável consequência dar ao gato todo o seu lugar nos nossos lares e nos nossos corações, e torná-lo mais precioso aos indiferentes, mesmo que seja por snobismo.

## • A DESFORRA DOS GATOS

Paralelamente às investigações felinotécnicas, desenvolveram-se no mundo uma medicina e uma cirurgia do gato que nada têm a inve-

jar aos progressos de que beneficiavam até aqui os cães de luxo e de regaço. Vacinam-se agora os gatos contra o tifo ou a raiva; tratam-se com Rimifon as suas tuberculosas oculares; irradiam-se com raios X os seus tumores; praticam-se

rados, em todo o caso, como uma justiça um pouco tardia, mas louvável, para com o animal doméstico que mais sofreu de ingratidão e de crueldade por parte dos homens. Paralelamente, este desenvolvimento dos gatos de raça pura terá mesmo



# faça o teste

são necessários três elementos: você, uma garrafa cheia e um



## INDESIT

Atire a garrafa para dentro do frigorífico. Esta salta, ressalta, e bate violentamente no interior do novo INDESIT! Vá verificar... Nem um risco! Nem uma esfoladela!

Podará argumentar que o frigorífico não é o local mais próprio para onde se atirem garrafas.

De acordo, mas só procuramos provar que se o interior do INDESIT resistiu aos choques violentos de uma garrafa cheia, com certeza que resistirá aos pequenos choques do dia-a-dia e manter-se-á inalterável após longos e longos anos de uso diário.

O interior do novo INDESIT é de POLISTEROLO

com

# INDESIT

tudo corre sobre rodas

WIPAC

diariamente nos nossos pequenos tigres do lar intervenções delicadas para extrair os ovários a uma gata, para libertar uma mãe dos seus filhos ou para salvá-la de uma nefrite grave. Extraem-se corpos estranhos do aparelho digestivo ou cálculos das vias urinárias. Enfim, quando os gatos envelhecem, põem-se em prática as mais recentes descobertas para tentar conservá-lo o mais tempo possível. Quem se teria lembrado, antes da guerra, de querer prolongar a juventude de um simples tareco por meio do sorbo de Bogomoletz ou do ortobiótico? Quem teria pensado, por um instante, em assinar, para os gatos, um seguro contra a doença, o acidente ou a morte?

Estes benefícios de ordem social ou técnica, de que se aproveitam os gatos nossos amigos, devem ser considerados, em todo o caso, como uma justiça um pouco tardia, mas louvável, para com o animal doméstico que mais sofreu de ingratidão e de crueldade por parte dos homens. Paralelamente, este desenvolvimento dos gatos de raça pura terá mesmo

E também disto os gatos tiram benefícios.

# CHARADISMO E CRUZADISMO

(Continuação da pág. 13)

**Franope**—Os cupões soltos, fazem com que as decifrações não possam ser consideradas, conforme consta do regulamento e foi muito recomendado.

**Aperson e Mani**—Grato pelos elementos para as fichas.

**Madivaz**—Lamento que a sua presença nos torneios não possa ser mais regular.

**Joje**—O Dicionário de Moraes não é adoptado. Quanto ao DAIGI, está assim correcto, como se lê a pág. 279 do Dicionário da T. E.

**Ayer**—Não tem razão no seu reparo acerca dos DADOS, pois trata-se de RAPAS.

**Hipocrates**—Como só teve cinco erros, o malogro não foi tão completo como dizia.

**Lurfa**—Surpreendeu-me a sua carta, que não merecia resposta—dadas as incorrecções que encerra—mas a que responde em parte para colocar a verdade das coisas no seu devido lugar, e fazer justiça a quem a merece.

Atribui as culpas do atraso das suas decifrações aos Correios, mas estes não têm a minima culpa de que o endereço viesse errado, e até fizeram bom serviço ao **adivinharem** para onde a carta devia ter sido endereçada, corrigindo erro do endereço que lhe tinha posto.

Acha injusto o não serem consideradas as decifrações que chegaram em 19 e 12 dias de atraso em relação aos respectivos prazos? Para que se fizeram os prazos e se publicaram vários avisos? Quem ler este correio, ajuzará do seu senso de justiça... quanto ao resto da sua carta, nem sequer lhe respondendo...

## PREMIADOS DO TORNEIO DE MAIO

Como havia sido anunciado, efectuou-se pela lotaria de 11 do corrente, o sorteio dos prémios referentes ao Torneio Mensal de Maio último.

Foram premiados:  
\* **Totalistas**: 1.º, Frankisk; 2.º, Devinel. Não totalistas: Ayer.

O primeiro destes prémios é constituído por um magnífico **Dicionário da Porto-Editora** (5.ª ed.), em oferta daquela excelente casa editora, que assim dá apoio aos nossos torneios.

O confrade Ayer deverá indicar-nos, no prazo de 8 dias, qual o livro que deseja receber, até ao valor de 50\$00, para que se proceda à sua aquisição e respectivo envio.

As nossas felicitações aos premiados.

## UMA SURPRESA

Ainda não é hoje que desvendamos qual a surpresa agradável que temos para os nossos estimados colaboradores.

Calma, Amigos, e nada de pressas...

## LIÇÕES DE CHARADISMO

### CHARADAS METAMORFOSEADAS

Estas charadas são de construção facilitada, pois consistem apenas na substituição de uma letra em qualquer lugar da palavra; dessa substituição que metamorfoseia a palavra primitiva transformando-a numa outra é que advem o nome de Charada Metamorfoseada.

Como se constrói?  
Escolhe-se uma palavra para decifração da primeira parcial e arranja-se um sinónimo dessa palavra para servir de parcial na frase da charada.

Arranja-se depois uma outra palavra que difira da primeira apenas numa letra, e essa palavra será a decifração da segunda parcial; análogamente ao que fizemos com a primeira, escolhe-se um sinónimo para ser utilizado na frase da charada, como segunda parcial.

Vê-se quantas letras tem a palavra escolhida para decifração da primeira parcial e esse número será o primeiro da numeração silábica; vê-se em seguida qual o lugar que ocupa nessa palavra a letra a substituir e o número que indica esse lugar será o segundo da numeração silábica, e deve ser escrito dentro de um parêntese.

Com estes elementos, construímos seguidamente a frase da charada.

Vejamos um exemplo prático, para mais fácil compreensão:

Vamos construir uma metamorfoseada partindo da palavra **tem**: **tem** será, portanto, a decifração da primeira parcial e esta, escolhida entre os sinónimos de **tem** poderá ser: **possui**; arranjam-se seguidamente uma palavra que difira de **tem** apenas numa letra, e essa palavra, que pode ser, por exemplo, **bem**, será a decifração da segunda parcial; para servir de segunda parcial escolhemos um sinónimo de **bem** que pode ser **virtude**.

Temos assim que as parciais serão, respectivamente, **possui** e **virtude** e que as suas decifrações serão — respectivamente — **tem** e **bem**.

Como tem tem 3 letras, o primeiro número da numeração será 3 e como a letra que se substitui é a primeira, o segundo número será 1 escrito dentro de parêntese, o que nos dará a numeração 3 (1).

Posto isto, constrói-se a frase que poderá ficar:

**Possui menos o mau com as riquezas de mil pecados, que o bom, com as migalhas de uma só virtude.** 3 (1)

Para deciframos estas charadas, procura-se um sinónimo da primeira parcial com um número de letras igual ao primeiro número da numeração, e procura-se depois um sinónimo da segunda parcial, substituindo, naquele, a letra que ocupa o lugar indicado pelo segundo número da numeração.

Exemplifiquemos com um caso concreto, decifrando a charada:

Na **embarcação** ia uma ave que **gorjeia**. 5 (4)

Entre os sinónimos de **embarcação** com 5 letras, encontramos **canoas**; se nesta palavra substituímos o **O** (quarta letra) por um **T**, obteremos a palavra **Canta**, que é sinónimo de **gorjeia**.

Assim, a decifração da charada-exemplo, será **CANOA - CANTA**.  
Compreendido?

Como exemplos de palavras que podem servir para construção de metamorfoseadas, citaremos alguns grupos: **ária-arma, porta-corta, pasta-pauta, sondar-sonhar**, etc.

Nesta espécie de charadas há ainda a variante das **metamorfoseadas múltiplas**.

Consiste esta variante no facto de a metamorfose se fazer com duas ou mais substituições de letras.

São em tudo semelhantes às que acabamos de explicar, com a diferença de que podemos substituir mais do que uma letra da primeira palavra e, nesse caso dentro de parêntese da numeração, indicar-se-ão as letras que se substituem.

Vejamos um exemplo prático de decifração desta variante, pois a construção não oferece quaisquer dificuldades depois da explicação já dada.

Decifremos então a charada que segue, da autoria de Elifri:

A **graça** e a nobreza só ao carácter dão **firmeza**. 5 (2, 3)

Lendo a charada verifica-se que a decifração deve ter cinco letras, e procurando entre os sinónimos de **graça** (primeira parcial) com aquele número de letras, encontramos **valor**; substituindo agora em **valor** as letras que ocupam o segundo e terceiro lugares, por forma a obter um sinónimo de **firmeza** (segunda parcial), encontramos **vigor**, que é sinónimo de **firmeza** e se obtve, substituindo o **A** e o **L** de **valor** por **I** e **G**.

### PARA DECIFRAR

Para treino de decifração das diferentes espécies, já aqui ensinadas, oferecemos-vos as seguintes charadas, das quais não é necessário enviarem-nos as decifrações, pois não fazem parte de qualquer torneio.

### METAMORFOSEADAS

1—A **vontade** dos grandes acatada, é a Paz, contrariada... é a **guerra**. 3 (1)

D. Sanhudo

2—**Trabalho** feito com ardor, é um **primor**. 5 (3)

Nassot

3—O **brilho** do ouro jamais ofuscará o da **honra**. 6 (6)

Lucas

4—A **guerra** é um furacão que espalha luto e destruição. 5 (2)

Zé Chamusca

5—(Cumprimento todos os colaboradores, agradecendo a sua presença)—As **crianças** são flores plantadas pelo homem, que muitas vezes não as sabe **cultivar**. 5 (5)

Zuncronitano

### METAMORFOSEADA MÚLTIPLA

6—A **cruz** mais pesada da vida, é a que menos pesa para além do **túmulo**. 8 (1, 3)

Baby

### ADICIONADAS

7—O **tom** da bandeira ajusta-se ao **corinado**. 1-2

Frazuc

8—**Resolve** a tua vida enquanto há tempo **favorável**, porque, senão, tudo se transforma em **confusão**. 2-2

Nelfoncar

### AFERÉTICAS

9—**Disciplina** voluntária e bem compreendida, é uma autêntica fonte de **ânimo**. 3-2

Amai Terciana

10—Com **suavidade** também se pode ser **enrígica**... 3-2

Elsa



por JORGE GUERREIRO

## EMIÇÃO COMEMORATIVA DO II CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE S. DIEGO

Entrou no passado dia 16 em circulação uma série de selos comemorativos, que, desta feita, se destinam a colaborar com os luso-americanos que se radicaram na Califórnia.

Originou tal emissão o convite que a comissão dos festejos dirigiu aos nossos Correios — do mesmo modo que a outros países, tais como América, Espanha, México e Vaticano —, os quais, correspondendo a tão invulgar como honroso convite, se debruçaram sobre o assunto. Depois de despacho favorável, a emissão foi estudada.

Dirá muita gente que não está certo ir comemorar-se uma data de um facto histórico que nada nos diz directamente, quando na nossa história tantos haverá para lembrar.

Acusam-se até os Serviços Industriais dos C. T. T. de esquecerem Gago Coutinho ou Vasco da Gama. Os que o fazem serão certamente aqueles que não ouvem ou não perguntam, ou até fazem por esquecer aquilo que já foi dito por alguém que, responsável pelas emissões de selos — e que não é filatelistas —, está sempre pronto a esclarecer quem a ele se dirija, a fim de que, em estreita colaboração, os filatelistas possam andar com ideias certas acerca do que se vai fazendo em relação às emissões de selos.



Como devem calcular, estamos a falar do sr. eng.º Manuel Gagliardini Graça, director dos Serviços Industriais dos C. T. T., o qual só pecará — a nosso ver — por não ser um acérrimo coleccionador. Não o sendo, apoia tão ardentemente todas as iniciativas que os filatelistas lhe apresentam, que muito benéfica seria a sua colaboração directa como filatelista. Pena é que, por vezes, incompreendido, receba críticas menos certas — e nós incluímo-nos, pois divergimos um pouco em algumas opiniões. De qualquer modo, demonstra o interesse que merecem os nossos selos e a grande vontade de os saber devidamente apreciados.

Antes de voltarmos ao nosso assunto básico de hoje, não queremos deixar de informar os nossos leitores de que ainda este ano vamos ter mais três séries de selos comemorativos.

Estão previstos os meses de Setembro, Outubro e Dezembro para o início da circulação, conhecendo-se sómente a data de emissão de Dezembro, que se fará no dia 1, com a série dedicada a Vasco da Gama, onde se farão sobressair quatro motivos diferentes.

Em Setembro, será posta em circulação a série dedicada a Viana da Mota, reprodução do quadro pintado por Columbano, e, para Outubro, porão os C. T. T. em circulação uma série dedicada a Gago Coutinho, com dois motivos diferentes.

Caberá certamente aqui deixar dito quanto nos agrada saber da saída de tais emissões, e mais, que duas delas se apresentarão com motivos diversos, dando realce a figuras tão proeminentes da nossa história.

Voltando a falar da emissão de selos do dia 16, cumpre-nos destacar que foi o português João Rodrigues Cabrilho, admirável navegador e descobridor ao serviço de Espanha, o homem denodado que deu conhecimento ao Mundo de uma grande parte da costa oriental do México e dos Estados Unidos.

Cabrilho soube navegar no Oceano Pacifico, como o já fizera pela vez primeira o seu compatriota Fernão de Magalhães. Também militar e colonizador, toma parte na conquista do México e na da Guatemala, prestando ainda serviços nas Honduras e Salvador.

Nomeado almirante da poderosa Armada que em 1538 se reuniu no porto de Acajutla, sob o comando supremo de Pedro de Alvarada, demandaram as Molucas e o Extremo Oriente, embora por morte daquele a referida armada se tenha desfeito.

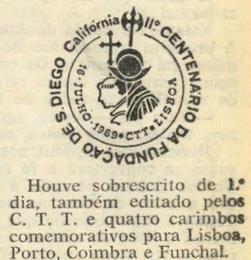
E pois do Porto de Navidade que Cabrilho parte com dois navios, a 27 de Junho de 1542 — um o «Salvador», outro o «Vitória» — para a descoberta da costa da Califórnia.

São imensas as suas descobertas, dando-se relevo à

da Baía de San Diego, a que pôs o nome de Porto de S. Miguel.

Historiados os factos básicos deste grande navegador português, é de aceitar esta dádiva dos C. T. T., em três selos que reproduzem, através de desenho do arq. José Pedro Roque a grandiosa estátua do navegador erigida em S. Diego e oferecida àquela cidade pela comunidade luso-americana da Califórnia.

Os selos têm as dimensões de 29 x 40, denteado 12, e foram impressos a «offset» pela Casa da Moeda, sendo o plano de emissão o seguinte: 9 milhões de selos de 1\$00; 1 milhão de selos de 2\$50; 500 mil selos de 6\$50.



Houve sobrescrito de 1.º dia, também editado pelos C. T. T. e quatro carimbos comemorativos para Lisboa, Porto, Coimbra e Funchal.

## NOTICIÁRIO

Os Serviços de Valores Postais do Ultramar mandam pôr em circulação, no dia 25 de Julho, um selo que comemora o 2.º Centenário



de Dili como capital da província de Timor. O selo, impresso a 10 cores na Litografia Nacional e desenhado por José de Moura, reproduz o escudo de armas e uma planta hidrográfica de Dili do ano de 1834.

## CAMINHOS DE FERRO

### AUTOMOTORA RÁPIDA DA BEIRA BAIXA

Informa-nos a C. P. que a automotora rápida, actualmente circulando entre Covilhã - Lisboa - Covilhã, passa a circular entre Guarda - Lisboa - Guarda desde 1.º do corrente, sendo constituída por uma composição FIAT, com ar condicionado.

Esta automotora dispõe de um serviço de bar, estando previsto o fornecimento de pequenos almoços e refeições ligeiras.

O horário é o seguinte:

7.50 P.	Guarda	C. 3.40
9.02 P.	Covilhã	C. 2.28
10.54 P.	Castelo Branco	C. 0.35
14.59 C.	Lisboa (St.ª Apolónia)	P. 20.22

# OS CURIÇOS

# LU A

# À PORTUGUESA COM TODOS

## NOTA DA REDACÇÃO:

Com a menção de URGENTE, recebemos do Centro Espacial de Houston, Texas, Estados Unidos da América, a seguinte mensagem:

C. E. H. — USA — Julho 17/1969

A CAPITAL

LISBOA-ESPANHA

Vosso repórter VINCENT GILLES segue bordo Apollo XI STOP Comandante MICHAEL COLLINS pediu demissão STOP Astronautas ALDRIN e ARMSTRONG recusam abandonar módulo lunar STOP Pedimos vossa autorização VINCENT GILLES ser primeiro homem pousar solo Lua STOP Saudações Gen. Peterson.

— Good morning! — digo eu.  
E pena que não possam ver a cara dos três camónes!...

Estamos a bordo da Apollo XI, a caminho da Lua. A primeira transmissão de imagens para a Terra terminou há momentos. Os três americanos preparam-se, agora, para uma ligeira refeição. É aí que eu apareço, de manga curta, calça de linho e sandálias.

— Bom dia — repito, agora em português, já que o meu inglês, pelos vistos, não lhes é acessível.

Dissesse-lhes alguém, nesse momento, que o Governo russo se convertera à fé católica. Ou que os Estados Unidos tinham passado a monarquia absolutista. Ou que o custo de vida, no nosso País, parara de subir... Tenho a impressão de que os três astronautas abriam a boca do que ao verem-me aparecer, na fresca beira, em pleno espaço, com esta cara estanhada que me ficou de um bisavô que era lateiro...

Passados os primeiros momentos de surpresa, é a vez deles começarem a falar, todos ao mesmo tempo, e querem saber quem sou, o que faço ali, como consegui entrar na Apollo XI...

— Calma! Uma pergunta de cada vez, se fazem o please...

Vai daí, conto-lhes que, se estou no foguetão, não por ser jornalista, mas sim por ser patriota. No passado, nós, os Portugueses, demos novos mundos ao Mundo. Agora, no presente, quando novos mundos vão ser descobertos, é de justiça, em homenagem ao nosso esforço de há séculos, que um português esteja presente na caravela espacial do século XXI!

Vejo que lhes custa um pouco a perceber este raciocínio, tão elvado de razões históricas. Porém, e porque nada possam fazer para me tirarem da lista dos passageiros, passam à pergunta seguinte: Como é que eu entrei no foguetão?

— Muito simples! — respondo. — Cem «paus» ao guarda da noite de Cabo Kennedy, um português naturalizado americano, e ele meteu-me cá dentro...

Isto é que eles não conseguem perceber, nem com computador!... Ao que parece, lá nos Estados Unidos, as coisas não se fazem assim com tanta facilidade. Ou, pelo menos, tão barato: a avaliar pela cara que os três fazem, quando um deles traduz os «cens» em dólares (menos de 4...). Bem se vê que não sabem quanto custa a vidinha...

E por aqui me fico, no que respeita a explicações, sem lhes confessar que há, ainda, outra razão — bem mais importante!... — para eu estar ali, a fazer-lhes companhia. Qual seja a de evitar que os americanos ponctem, sobre si, as atenções de todo o Mundo. Porque, se assim for, quem se lembrará das brilhantes proezas do nosso Joaquim Agostinho, pelas estradas da França? Ou dos triunfos da nossa grande Amália, pelos palcos da Rússia? Ou dos dez mil escudos diários que o nosso extraordinário Eusébio quer encontrar nos cofres do glorioso Sport Lisboa e Benfica?

Os meus companheiros de viagem acabam por se resignar à minha presença. Porém, o comandante Collins resolve entrar em contacto, imediatamente, com o Centro Espacial de Houston, para participar que tem mais um passageiro a bordo e pedir instruções.

— Queixinhas!... — penso eu, em português, não vão

estes tipos ter por aqui alguma máquina que leia o pensamento.

Depois, em voz alta:  
— O comandante, não diga nada... Com jeitinho, a gente cá se arranja...

Ficam os três a olhar para mim, a ver o que dali sai. E eu a tentar convencê-los:

— E por causa do peso, é? Se é por isso, eu vou daqui à Lua aos saltos...

— Aos saltos?!...!

— Pois! Por exemplo... Eu dou um salto. O foguetão fica mais leve, porque eu deixo de fazer peso no chão, não é? Depois dou outro... Torna a acontecer o mesmo. Depois outro e mais outro e mais outro... As tantas, com o balanço, já eu sou capaz de estar tanto tempo no ar como no chão. Ora, sendo assim, eu passo a pesar metade... Além disso, daqui a pouco, e se acontecer o mesmo que nas outras viagens, que eu vi na televisão, a gente fica sem peso, isto é, em estado de imponderabilidade. E como eu, por ir aos saltos, peso metade, quando passarmos à imponderabilidade, ainda peso menos do que vocês... Portanto não vale a pena estar a dizer nada...

Com este raciocínio impecável, acabo por os convencer. Encolhem os ombros e perguntam-me se eu quero comer com eles.

— O que é o jantar? — pergunto eu.  
Mostram-me umas pastas de dentes, cheias de asa de peru, salada de batata, compota de maçã e água desidratada.

— Obrigadinho, amigos, mas, se não se importam...

Tiro do bolso um embrulhinho com sandes de queijo e carne assada e começo a comer, todo regalado, enquanto eles esguicham febras de peru para o esôfago...

— Vai uma pinga?... — pergunto, estendendo o garrafão cheio de Cartaxo tinto.

— Alcool, não!... — berra o comandante, a flutuar no espaço da cabine.

— Ora!... Ninguém vê... Quer ver?...

E tapo, com a sande, a lente do aparelho de televisão. No momento seguinte, o garrafão circula, da boca em boca, e, quando me volta à mão, já vai em mais de metade.

— Alcool não, hein?... Olha se vos dessem licença... — digo, arrolhando a botelha e fazendo uma finta a um dos astronautas, que avança para mim, de lábio em bico...

Terminado o repasto, o Aldrin entra de quarto e os outros preparam-se para dormir. Resolvo fazer o mesmo.

— Bem, até amanhã... Acordem-me às 9... — peço, adormecendo imediatamente.

Acordo, pouco depois. Dentro da cabine, anda tudo em reboliço. Um dos meus companheiros de viagem, cujo nome não digo, para não lhe criar complicações, coitado, que ele tem mulher e filhos, está agarrado ao garrafão, apertando-o contra o peito, enquanto val dando pontapes aos outros, que tentam tirar-lho.

— Alto! — grito, já com a minha fígada. — Passem para cá o garrafãozinho, se não querem que eu diga que esta viagem foi uma bacanal das antigas...

Junto o gesto à palavra e, com duas braçadas de «crawl», nado até junto deles, conseguindo arrebatá-los o precioso líquido. Tão precioso que... Vocês, já vão ver...

— Ora muito bem! Tenho aqui... — sopeso o garrafão — tenho aqui três litros de vinho tinto. Dá um litro para cada um. Se vocês se portarem bem e fizerem o que eu digo, pode ser que eu me comova... Concordam?...

Concordam todos, de olhos avinagrados e língua a lamber os beiços...

— Então, lá vai... Aqui o comandante passa-me já os comandos...

O Collins, de sequioso, arranca o volante ao foguetão e estende-mo. Em troca, dou-lhe uma golada. Depois, prossigo:

— Quanto aos outros dois, quero que me jurem, por alminha de quem lá têm, que me deixam ser o primeiro a pôr o pé na Lua...

O Armstrong parece relutar, mas desiste, imediatamente, mal me vê estender o garrafão ao seu colega do módulo lunar. Cujas sede o faz passar por cima de todos os problemas de consciência...

— O. K.! — diz, vencido...

E aqui está, minhas senhoras e meus senhores, como eu, graças a um simples garrafão de tinto do Cartaxo, vou ser o primeiro ser humano a pôr o pé na Lua, assim continuando a tradição das Descobertas...

Viva o Infante D. Henrique! Viva Portugal!

Vicente Gil.

# JEAN POIRET

## - DE CANGALHEIRO

### A HUMORISTA

Houve um tempo em que todos os domingos de manhã «ele caía da cama abaixo», na companhia de Roger Carrel e do misterioso Saint Estève. Assim sucedeu, durante meses. Esse despertar, com fanfarras, verificava-se pelas 10 horas, na antena de Europa I. Um bocejo, um suspiro bem fundo, e Jean Poiret em forma!

Jean Poiret, quem o não conhece?... O seu nome lembra outro, imediatamente: o de Michel Serrault, seu aliado ou seu cúmplice. Confundem-nos muitas vezes, embora eles não se pareçam um com o outro. Isso provém do facto de que durante nove anos apresentaram o seu número de duetistas, fazendo ao mesmo tempo de cómicos e de cançonetistas, nos cabarés parisienses. E não há dúvida nenhuma que Poiret e Serrault não são nada personagens separáveis! Prepararam até, na passada época, uma no revista, com êxito.

Poiret encontrou também, no entanto, para as manhãs de domingo, um bom parceiro: o actor Roger Carrel.

Quando se pergunta a Jean Poiret, comediante, o que pensará ele de Jean Poiret, homem de rádio, «aquele» responde com a maior sinceridade do mundo: «Sou um polivalente de antena».

E, dito isto, não se le

arranca nem mais uma palavra, absolutamente. Para arranjar ideias, tanto com Serrault como com Roger



Jean Poiret num dos seus mais cómicos números

Carrel, tem Jean Poiret um método infalível (para ele!):

«Eu falo, eu falo, nós falamos, nós falamos, de de tudo, de nada. As ideias surgem, misturadas, em confusão. Mas não se pensa nisso, e continua-se até ao momento em que, de súbito — alto! — um ângulo interessante aparece ou se deixa antever. Então, aí, começa o trabalho. Essa ideia, a boa ideia, é preciso não a deixar escapar ou fugir, é preciso explorá-la, concretizá-la, sem demora. Eis tudo.»

é preciso... Numa palavra, um senhor muito conveniente, de certa categoria, que começa a falar-nos, em tom seriíssimo, de política ou de problemas de bolsa, sem que tal nos pareça esquisito, e que remata a sua alocuçãozinha, de repente, com uma piada inspirada, uma paródia incrível sem que por isso a coisa nos possa ainda surpreender, de maneira nenhuma!

O caminho que levou Poiret ao teatro, à tela e ao microfone não foi vulgar, surgiu de certa... vocação,

por MIRITA FONTLAC

Sim, é tudo, não é mais nada... mas é preciso fazê-lo!

Não se sabe nunca se Jean Poiret está sério ou a rir, tanto na vida como nos seus «sketches». Conta quarenta e três anos, é de alta estatura, tem feições finas, cabelos que começam a grisalhar (oh, quase nada... só os fios de prata precisos nos parietais, para lhe dar um toque de distinção) olhos muito azuis atrás de lunetas de P.D.G.; «ao vento», um porte desportivo mas elegante, um sorriso pronto a aparecer precisamente no instante em que

nada comum, vulgar ou corrente, na verdade. Quando ele tinha seis ou sete anos, efectivamente, disse um dia aos pais, com toda a gravidade:

«Eu, quando for crescido, quero ser... cangalheiro!»

Surpresa profunda e talvez também certa inquietação da família, perante semelhante vocação, tão futurária.

Felizmente, o Joãozinho não tardou, crescendo, a mudar de ideias.

Hoje, ele explica aquele irresistível impulso de menino, aquela atracção fascinante pela arte de gatinho-pingado de maneira perfeitamente lógica e assaz compreensível.

— «Nós morávamos, então, mesmo em frente de uma igreja na Rua Saint-Dominique, onde havia e eu via muitos funerais. O que me seduzia, era toda aquela decoração, todo aquele cenário, panos orlados de ouro ou prata, penachos, crepes, plumas, casas; numa palavra, todo aquele aparato teatral... É isso mesmo, teatral... É isso que já me fascinava. não há dúvida...»

## SERÁ BARBRA STREISAND UMA MULHER DESCONHECIDA?



Quando se dirigia aos Estúdios Paramount, para continuar as filmagens da película «On a Clear Day you can see Forever», em que contracena com Yves Montand, a actriz Barbra Streisand foi obrigada a parar num posto de gasolina para meter combustível.

«A sua cara não me é estranha», disse-lhe o empregado que a atendia, «não a vi já em qualquer lado?»

«Pode ser que me tenha visto no cinema do seu bairro», respondeu Barbra, sorrindo.

«Talvez», concordou ele. E continuou: «Em que lugar costuma sentar-se?»

## A CAPITAL

suplemento diário

# EXTRA

6.ª-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1969

## AMORES CÉLEBRES



(Página 3)

LER MAIS:

- GUIA DO LEITOR
- DESPORTO
- CRÍTICAS DE ESPECTÁCULOS
- DIÁLOGO COM O PÚBLICO

QUEIRA DESTACAR  
O CONJUNTO  
DAS PÁGINAS  
DESTE SUPLEMENTO

## NINA COMPANAEZ

### FALA-NOS DE SI

Nina Companaez é a autora — guião e diálogos — de dez películas realizadas por Michel Deville, uma das quais, «A cause, a cause de une femme», rendeu ao realizador 600 000 francos, enquanto outra, «Benjamim», recebeu o prémio Louis Delluc.

Nina Companaez definiu-se a si própria: «Escrevo, mas não sou Proust; desenho, mas não sou Manet; componho, mas não sou Mozart e com tudo isto não sou Cocteau. Todavia, quando se possuem alguns pequenos dons, por que não os utilizamos para afoegar a decepção?»



TELEVISÃO: VER E CONTAR

1 Génio e antigénio

Em «Museu de Cinema», mais um filme de Charlot. Um desses filmes cujo mérito maior é o de se integrarem numa obra de comediante que, na sua totalidade, largamente o ultrapassa. Uma vez mais, António Lopes Ribeiro veio repetir o que já nos disse vezes sem conta. Fala de Chaplin, do seu génio. Tinge-se-lhe a voz de uma ironia

céptica quando refere o «romântico sentimentalismo» de Charlot. Pois, ao que parece, Lopes Ribeiro chama «romantismo» às tremendas acusações que são «Tempos Modernos» e «O Ditador». E houve António Melo: tão inexpressivo olhando as câmaras como ao comentar musicalmente as imagens. Há um parentesco remoto entre a monotonia do seu cumprimento final e a falta de imaginação com que segue, ao piano, as peripécias de Chaplin. Impassível perante as exigências que o filme lhe põe, com um alheamento daltónico quanto às diferenças de tom da acção, António Melo vai moendo a sua farinha insipida. E, com ele, muito se perde em matéria de situar o espectador no clima psicológico adequado a cada sequência. Pois, mais do que as redundâncias de Lopes Ribeiro, o comentário musical podia ensinar a ver.

conetistas que se expõem ao ridículo de cantar versos tolos que rimam beijos com desejos, coíças com meninas, belo com castelo. Há cançonetistas que ainda praticam, para proveito dos droguitas da canção, o equivalente artístico da imolação pelo fogo. Mas não se creia que foram melhores as canções de Gabriel Cardoso, mesmo as de Gérard Sotro. Pois sempre a mais atroz falta de qualidade andou por ali a impor a sua lei.

Bem se entende que nem todos os programas musicais podem ter a qualidade que sempre se desejaria. O que ontem aconteceu, porém, é que nem uma só vez as canções corresponderam a uma dimensão mínima. E demais: a verdade é que o panorama da música ligeira nacional não é já tão desesperadamente pobre que justifique tal coisa. Ai se levanta, pois, um problema: o de averiguar por que caminhos se chegou a um tão completo naufrágio. Para que não volte a acontecer. Para que, da próxima vez, possa haver sobreviventes.

CORREIA DA FONSECA

2 Variedades: não houve sobreviventes

Uma pequenina excentricidade introdutória parecia vir prometer um programa diferente, a tentar situar-se acima da rotina mais banal. O contrário é que foi verdade: as «Variedades» que Adriano Nazareth realizou foram, mais do que uma banalidade, um espectáculo profundamente triste. Supúnhamos que já não era possível trazer ao telespectador um florilégio de mediocridades assim tão compacto, de uma tão rigorosa unidade. Só certas ironias do cenógrafo vieram constituir dissonâncias dentro do quadro geral de indignação convencida. Melhor: acabaram por encontrar uma adequação decerto mais perfeita do que estava inicialmente previsto. Lembremos uma legenda: «Malveira by Night».

As canções que integram o programa foram exemplos quase caricaturais do analfabetismo poético-musical que já é escandaloso tentar defender. Paula Ribas, com pasmosa inconsciência, exemplificou o tom geral com mais uma dessas drogas manipuladas em falso louvor de Lisboa. Pois acontece que ainda há can-

«WERTHER» DE MASSENET NO TRINDADE

O público que tem acorrido ao Trindade para assistir à representação da ópera «Werther», de Massenet, pela Companhia Portuguesa de Ópera, que hoje se repete, pelas 21 e 30, todas as noites aplaude com entusiasmo as interpretações dos cantores Carlos Jorge, no protagonista, e Helena Cláudio, em «Carlot», bem acompanhados por Elsa Saque, Manuel Leitão, João Veloso, João Pessanha, Armando Guerreiro, Regina Malta e António Mala, e a notável encenação do saudoso Tomás Alcaide. A direcção dos cenários é de Asta-Rose Alcaide e Pizani Burnay e a direcção musical do maestro Jaime Silva (Filho). Os cenários são do prof. Alfredo Furiga.

Colaboram o Coro Infantil da Academia de Música de Santa Cecília, a Orquestra de Ópera da Emissora Nacional e o Corpo Coral do Teatro Nacional de S. Carlos, preparado pelos maestros Carlo Pasquali e Mário Pellegrini.

MÁRIO COELHO REGRESSA DE MADRID DENTRO DE DIAS para retomar a actividade

De Madrid, onde se encontra, recebemos, com o pedido de publicação, uma carta do matador de touros Mário Coelho:

«Profundamente grato pelas notícias que o Vº conceituado jornal se dignou publicar em referência há colhida de que fui vítima na tarde de 6 p. p. na praça de touros de Vila Franca. Pelo carinho com que toda a imprensa lusitana me apoiou numa hora de manifesto infortúnio, devo um esclarecimento:

Desmoralizado pelo diagnóstico do médico do hospital de Vila Franca, sr. dr. Armando Moura, que previu o pior, fui levado a Lisboa ao Centro Ortopédico Dr. Jorge Mineiro, que, depois de me observar cuidadosamente, se pronunciou de forma totalmente oposta! Em Madrid, onde me encontro, o sr. dr. João Albi, distinto médico espanhol, confirmou em absoluto a segunda versão, recomendando-me 15 dias de repouso, podendo, seguidamente, retomar a minha vida normal. Dado o sem-número de pessoas que, de qualquer modo, se tem interessado por mim, e, muito especialmente VV. Ex.ªs, tinha de informar como se tem processado a evolução do meu caso, para evitar interpretações menos precisas.

Dentro de dias estarei de volta à nossa terra, e, pessoalmente, terei muito gosto em vos testemunhar os meus agradecimentos. — a) Mário Coelho.»

**HOJE**

1.º PROGRAMA — As 19 e 2: Juventude no Mundo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida Sã em Corpo Sã; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 35: Eurovisão — O Voo da «Apollo 11»; 21: Telejornal; 21 e 35: Recital pelo violoncelista Ramón Miravall; 22: Noite de Cinema — «Almas em Fúria»; 24: Marcha do Mundo e Volta à França em Bicicleta; 0 e 20: Eurovisão — Transmissão directa de bordo da «Apollo 11» já em órbita lunar; 1: Meditação e fecho.

2.º PROGRAMA — As 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim «David Copperfield»; 21 e 55: «Zip-Zip» — 3.º programa; 23 e 50: Fecho.

**AMANHÃ**

1.º PROGRAMA — As 14 e 50: Eurovisão — Automobilismo — Transmissão do Grande Prémio da Grã-Bretanha; 17: «Daktari»; 17 e 50: Teledesperto; 18 e 15: Projecto «Apollo» — Destino Lua; 19 e 5: Nos Bastiões da Aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de Sábado; 20: Ao Serviço da Nação; 20 e 20: Mesa Redonda — O Voo da «Apollo-11»; 20 e 50: Eurovisão — O Voo da «Apollo-11»; 21 e 20: Telejornal; 21 e 55: TV Clube com Mara Abrantes; 22 e 20: TV 7; 22 e 50: «O Fugitivo»; 23 e 50: A Marcha do Mundo e Volta à França em Bicicleta; 0 e 5: Fecho.

2.º PROGRAMA — As 21 e 20: Telejornal; 21 e 50: Túnel do Tempo — «Uma Aventura no Oeste» (estréia); 22 e 40: Tempo Internacional; 23: Variedades; 0 e 5: Fecho.

TELEFUNKEN

UM TEATRO POBRE

Diz-se que ao Estado compete amparar financeiramente o Teatro, cuja terri-

vel astenia é prenúncio de queda irremediável.

Parece-nos que ao Estado caberia efectivamente facultar salas de espectáculos a quem, munido de um programa bem delineado, se propusesse representar determinadas peças com honestidade, bom senso e bom gosto. Um subsídio, que garantisse aos actores e demais trabalhadores de Teatro um mínimo de remuneração, seria também desejável. Porém, a tarefa mais urgente deveria ser a criação de escolas de arte dramática cuidadosamente organizadas e orientadas.

Que podem fazer, entretanto, actores e encenadores? Um campo vastíssimo de estudo e de acção permitiria descobrir novas e aliciantes perspectivas.

Um novo Teatro se oferece, teatro que, em vez de milhares de contos de montagem, exige isso que é raro mas gratuito: ideias.

Nem luzes, nem efeitos sonoros são precisos. Esses meios são próprios da televisão e do cinema.

O guarda-roupa de uma grande sobriedade pode ser confeccionado pelos próprios actores. Maior engenho se pede na construção dos cenários, embora dentro de uma estrita economia.

Que há de diferente neste Teatro novo que innõe um voto de pobreza como ponto de partida? A redescoberta das virtualidades do corpo humano liberto e a perfeita comunicação entre actores e espectadores. O espectador não será mais um elemento passivo, mas um membro solenemente activo.

Grotowsky, o encenador que na Polónia pratica este Teatro, em que não há barreiras a separar o palco do público, em que a peça vai sendo urdida à volta do espectador, tem escolhido os mais diversos temas para os seus espectáculos que acusam progressivos estádios de uma investigação metódica: «Caim», de Byron; «Shakuntala», de Kalidasa; «Os Antepassados de Eva», de Mickiewicz; «Kordian», de Slowacki; «Acrópole», de Wyspianski; «Hamlet», de Shakespeare; «Fausto», de Marlowe; «O Príncipe Constante», de Calderon e os Evangelhos.

Num país pobre como o nosso, que melhor exemplo poderemos seguir do que o deste Teatro pobre, nós que gastamos dois mil e oitocentos contos para ocultar com penas e lantejoulas a mais completa ausência de arte, o mais deplorável vazão, o nada?

M. H. D. M.

«RI-TE, RI-TE»

—o espectáculo maravilhoso do Teatro Monumental

É um superespectáculo de luxo o que apresenta Vasco Morgado actualmente na sala fresquinha do Teatro Monumental, para servir o público português e o Turismo: «Ri-te, Ri-te» — a primeira revista dos «Parodiantes de Lisboa». Vai em 4.ª semana de encontros consecutivos este autêntico desfile de lindas mulheres, espectáculo cheio de ritmo, cor, luxo, graça e arte, a que não falta um «ballet» internacional.

«Ri-te, Ri-te» pode consistir-se um passo em frente no nosso teatro musical e é, sem dúvida, uma realização de nível internacional.

No elenco, vemos Camilo de Oliveira e Florbela Queirós, acompanhados de Octávio de Matos, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Alice Carla, Luís Mascarenhas, Carlos Miguel, Tony Barra, Carmizé, Nela Duarte, Odete, Irene, Fátima e as atracções Luís Guilherme, Paula Ribas, com a colaboração do conjunto musical «Hy-Kdots».

Todas as noites duas sessões, às 20 e 45 e às 23 horas. Domingo também há à tarde, espectáculo, às 16 horas.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Dialogo com o público



Perguntámos

— Acredita no êxito da próxima missão lunar da «Apollo-11»?

Responderam:

— Acredito... Se fosse há uns tempos atrás, era possível que não acreditasse, mas, pelo que os americanos têm feito ultimamente, acredito perfeitamente no êxito. Como tenho feito nos voos anteriores, também tenciono seguir este pela televisão. É pena que seja pouco nítido...

Responderam:

— Eu acredito! A Deus tudo é possível, e Deus inspira os homens de ciência! Estou convencido de que estes desbarcarão na Lua e regressarão depois à Terra. Com muitas torturas, coitados, mas voltarão. Ah! Sim! Também me parece que o mais difícil será arrancarem de lá...

Responderam:

— Que quer o senhor que eu lhe diga... Pois se eu não sei se eles fazem bem ou não, olhe, do que eu tenho medo é que eles morram, coitados... São coisas muito violentas!... Eu? Ir à Lua? Hei-de ir, hei-de! Olhe, para onde eu hei-de ir, com certeza, é para o Alto de São João...

Responderam:

— Estou convencido de que será um êxito. A verdade é que a inteligência dos homens já é muito grande. Nunca deixo de assistir aos programas da TV sobre os voos à Lua... E se derem o desembarque na Lua não deixarei também de ver.